



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

MIGUEL IACHITZKI

**CONSTRUINDO PRÁTICAS DE ENSINO DE FILOSOFIA: AS MÍDIAS DIGITAIS E
A FORMAÇÃO INTEGRAL DO JOVEM DO ENSINO MÉDIO**

**UNIÃO DA VITÓRIA
2021**

MIGUEL IACHITZKI

**CONSTRUINDO PRÁTICAS DE ENSINO DE FILOSOFIA: AS MÍDIAS DIGITAIS E
A FORMAÇÃO INTEGRAL DO JOVEM DO ENSINO MÉDIO**

**Dissertação apresentada à Universidade Estadual
do Paraná (UNESPAR), pelo Programa de
Mestrado Profissional em Filosofia para obtenção
do título de Mestre em Filosofia.**

Orientador: Prof^o. Dr. Samon Noyama.

**UNIÃO DA VITÓRIA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I11c

Iachitzki, Miguel.

Construindo práticas de ensino de filosofia: as mídias digitais e a formação integral do jovem do ensino médio / Miguel Iachitzki. - União da Vitória, 2021. 122 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de União da Vitória - Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). União da Vitória, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Samon Noyama.

Inclui bibliografia.

1. Filosofia - ensino. 2. Educação integral. 3. Cultura digital. I. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO). II. Noyama, Samon. III. Título.

CDD: 100

CDU: 1:371.3

Catalogação na publicação elaborada por Mauro Cândido dos Santos – CRB 9º/1416.

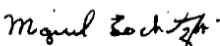
ATA DE DEFESA DE MESTRADO

No dia 28 do mês de outubro do ano de 2021, às 14h, na Plataforma Google Meet, foram instaladas as atividades pertinentes à Defesa da dissertação do mestrando Miguel Iachitzki, intitulada: “Construindo práticas de Ensino de Filosofia: as mídias digitais e a formação integral do jovem no Ensino Médio”, sob orientação do Prof.Dr. Samon Noyama. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, núcleo da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de União da Vitória, foi constituída pelos seguintes Membros: Prof^o.Dr^a. Angela Farah (UNIUV) e Prof.Dr. Thiago David Stadler (UNESPAR). A presidência iniciou a sessão, sendo que coube ao candidato expor o tema de sua Dissertação dentro do tempo determinado. Após exarado os pareceres dos membros da Banca Examinadora e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final que decidiu pela aprovação. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h00 e eu, Prof. Dr. Samon Noyama, presidente da banca, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora e pelo candidato. O candidato está ciente de que deve entregar a versão final, com as devidas correções se necessário, dentro do prazo de 90 dias, considerando as normas do Programa.

União da Vitória, 28 de outubro de 2021.

Banca Examinadora:

Nome	Instituição	Assinatura
Prof.Dr. Samon Noyama	UFABC/UNESPAR	
Prof ^o .Dr ^a . Angela Farah	UNIUV	
Prof.Dr.Thiago David Stadler	UNESPAR	

Candidato	Assinatura
Miguel Iachitzki	

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a elaboração desta dissertação, sobretudo ao Prof. Dr. Samon Noyama, pela orientação, competência e dedicação que conduziu este processo e por todos os seus ensinamentos que foram fundamentais para a materialização deste trabalho de pesquisa.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Angela Farah e Prof^o. Dr^o. Thiago David Stadler, que gentilmente aceitaram participar e colaborar com suas valiosas sugestões.

Gratidão aos professores do PROF-FILO da UNESPAR, que tive a honra de conhecer, por todo o aprendizado que tive com seus ensinamentos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos no curso de mestrado.

Agradeço aos colegas de turma (2019) do PROF-FILO da UNESPAR e aos alunos da Escola Estadual Almirante Barroso que contribuíram com suas ideias, comentários, e com os quais compartilhei angústias e aprendizagens.

Gratidão à minha mãe e ao meu pai pelo apoio em minhas escolhas e pelas sinceras lições de amor, dedicação, amizade, companheirismo e honestidade.

Agradeço, acima de tudo, à minha esposa Juliana e ao meu filho Vitor Davi, pela compreensão de meus isolamentos e por todo o apoio que me forneceram nesta trajetória, me ensinando a amar incondicionalmente.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa divide-se em duas partes principais. A primeira apresenta uma breve análise de alguns escritos dos filósofos Gilles Lipovetsky (2004) e de Byung-Chul Han (2018), sobre as influências das tecnologias de comunicação e informação de massa na formação cultural, pois ambos desenvolvem análises sobre a sociedade contemporânea, que se desvela como resultado de uma economia globalizada neoliberal, a qual carrega como características básicas: produtividade, consumo, instantaneidade e excesso de informação. Nesse contexto, não se pode ignorar a eficaz influência das mídias no comportamento das pessoas. A partir da análise e compreensão dessas filosofias, busca-se desenvolver algumas reflexões sobre as influências que os jovens podem estar sofrendo desse meio social e compreender os desafios que a escola tem enquanto instituição formadora dos novos indivíduos. A segunda parte busca apresentar uma proposta de ensino de Filosofia tendo em vista uma educação para as mídias digitais. Proposta que atende às normativas metodológicas da modalidade do Ensino Médio Integral que ocorre na Escola de Educação Básica Almirante Barroso. Para tanto, apresentar-se-ão os princípios e as metodologias dessa modalidade de ensino, e, logo, uma explanação com fundamentos teóricos e metodológicos de um plano de ensino de Filosofia. O principal objetivo é dar unidade e sentidos aos conteúdos estudados na devida disciplina ao aprofundar uma reflexão interligada com os problemas concretos da vida dos jovens contemporâneos, assim contribuindo para a essencialidade do ensino de Filosofia no currículo do Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Digital, Educação Integral, Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

This research work is divided into two main parts. The first presents a brief analysis of some writings by philosophers Gilles Lipovetsky (2004) and Byung-Chul Han (2018), on the influence of mass communication and information technologies on cultural formation, as both develop analyzes on contemporary society, which is unveiled as a result of a globalized neoliberal economy, which has as its basic characteristics: productivity, consumption, instantaneity and excess of information. In this context, the effective influence of the media on people's behavior can not be ignored. From the analysis and understanding of these philosophies, we seek to develop some reflections on the influences that young people may be suffering from this social environment and to understand the challenges that the school has as an institution that trains new individuals. The second part seeks to present a proposal for teaching Philosophy with a view to education for digital media. Proposal that meets the methodological norms of the Full High School modality that takes place in the “Escola de Educação Básica Almirante Barroso”. Therefore, the principles and methodologies of this teaching modality will be presented, and then an explanation with theoretical and methodological foundations of a teaching plan in Philosophy. The main objective is to give unity and meaning to the contents studied in the proper discipline by deepening a reflection interconnected with the concrete problems in the lives of contemporary young people, thus contributing to the essentiality of teaching Philosophy in the high school curriculum.

KEYWORDS: Digital Culture, Integral Education, Philosophy Teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Para referidos textos, um objeto de conhecimento.....	67
Tabela 02: Ações práticas diante da estrutura metodológica.....	68

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. CAPÍTULO I: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TECNOLOGIAS MUDIÁTICAS	11
2.1 As tecnologias midiáticas de massa e a formação do jovem do início do século XXI.	11
2.2 As duas caras das tecnologias de informação e comunicação	13
2.3 Gilles Lipovetsky: a hipermodernização do mundo e a autonomia do sujeito contemporâneo.....	17
2.3.1 Valores na hipermodernidade	21
2.3.2 Influências das mídias: autonomia do sujeito contemporâneo?.....	24
2.4 Byung-Chul Han: a sociedade do desempenho e as mídias digitais.....	35
2.4.1 Sociedade disciplinar e/ou sociedade do desempenho	37
2.4.2 Influências das mídias digitais: condição do sujeito contemporâneo	41
2.4.3 Sociedade da transparência e liberdade paradoxal.....	44
2.5 Desafios da educação em tempos de mídias digitais.....	47
3. CAPÍTULO II: UMA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS DIGITAIS	54
3.1 Uma proposta de ensino de filosofia para as mídias digitais	54
3.2 Metodologias integradoras: construindo práticas de ensino de filosofia	54
3.3 Metodologias e princípios da educação integral: caso Instituto Ayrton Senna	56
3.4 Estruturando a prática de ensino de filosofia	63
3.5 Planejando uma proposta de ensino de filosofia estruturada	67
3.6 Relatório e análise da prática do ensino de filosofia	70
3.6.1. Mobilização: motivar e colocar problemas	70
3.6.2 Desenvolvimento: textos filosóficos e história da filosofia	74
3.6.3 Apropriação de resultados e avaliação	77
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
ANEXOS	99

1. INTRODUÇÃO

Considerando que os jovens estudantes sofrem as múltiplas influências do contexto em que vivem, tanto de caráter físico quanto psicológico, percebe-se a necessidade de compreender a história contemporânea, a qual molda, mesmo que parcialmente, os hábitos e modos de viver do novo indivíduo. É inegável que os sujeitos fazem a história da época em que vivem, porém, “[...] apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2006, p.34), as quais são criadas por gerações anteriores. Nesta perspectiva, é imprescindível ressaltar que o jovem contemporâneo sofre as múltiplas influências dos meios de comunicação e informação de massa. Estas tecnologias, especialmente as mídias digitais, estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos contemporâneos nas diversas dimensões, sejam elas econômicas, sociais ou culturais. Esta condição tende a se acentuar fortemente tanto no mundo produtivo quanto no cotidiano.

Para elucidar este trabalho de pesquisa sobre as mídias, na primeira parte deste texto busca-se apresentar uma breve análise de alguns escritos dos filósofos contemporâneos: essencialmente da obra *Metamorfoses da Cultura Liberal: ética, mídia e empresas* (2004) de Gilles Lipovetsky e da obra *No Enxame: Perspectiva do Digital* (2018) de Byung-Chul Han, as quais trazem reflexões sobre as influências e as determinações das mídias na formação cultural, além de outros suportes teóricos.

Lipovetsky (2004), buscando interpretar a conjuntura do início do século XXI, caracterizando-o como a hipermodernidade, deixa evidente que o real é contraditório, ambíguo e paradoxal. Mesmo reconhecendo os efeitos negativos das diversas tecnologias midiáticas na formação cultural, o autor, com uma postura mais otimista, garimpa os benefícios destas formidáveis invenções buscando demonstrar as múltiplas vantagens destes meios para a formação cultural da sociedade. Por outro lado, Han (2018), com uma postura mais pessimista, desenvolve uma crítica à sociedade contemporânea, caracterizando-a como a sociedade do desempenho, que é resultado dos desdobramentos da economia globalizada neoliberal, na qual está presente a eficaz influência das mídias digitais no comportamento das pessoas. Em suas reflexões, alerta para os múltiplos danos que as mídias digitais podem acarretar na vida das pessoas, sejam eles sociais, culturais e para a integridade física e psicológica dos sujeitos.

A análise sistemática das filosofias destes pensadores traz uma série de questionamentos sobre as determinações e o papel das mídias na formação cultural. Afinal, estas podem tanto esclarecer e libertar, quanto manipular e alienar os indivíduos. São problemas que se tornam

mais relevantes nas instituições de ensino e evidenciam os desafios que a escola tem enquanto formadora de cidadãos. Esta condição leva a perguntar: é possível a construção de uma didática de ensino de filosofia para desenvolver a consciência da condição humana em tempos de mídias digitais, e, desta forma, desenvolver competências para o bom uso das tecnologias midiáticas em suas diversas dimensões, amenizando os seus agravos para a formação dos jovens e levá-los a utilizarem-se dos múltiplos benefícios desta técnica?

Nesta perspectiva, na segunda parte deste texto, busca-se apresentar uma proposta de ensino de filosofia estruturada, a qual pretende atender às normativas da modalidade do Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI), da Escola de Educação Básica Almirante Barroso, situada no município de Canoinhas, região do planalto norte de Santa Catarina. Para tanto, faz-se necessário primeiramente apresentar os princípios e as metodologias desta modalidade de ensino, para depois fazer uma explanação com fundamentos teóricos e metodológicos, em um plano de ensino de filosofia para o uso das mídias digitais segundo as metodologias integradoras. Esta organização tem o objetivo de dar unidade e sentido aos conteúdos estudados pelos jovens na mencionada disciplina. A prática de ensino tem a intencionalidade de trabalhar as influências das mídias digitais na percepção e no comportamento dos usuários na internet, aprofundar uma reflexão interligada com os problemas concretos da vida dos jovens contemporâneos, acentuando, assim, a urgência de pensar o ensino de filosofia voltado para a cultura digital no currículo do Ensino Médio.

A partir desta concepção de ensino, os jovens estudantes podem desenvolver a habilidade de “buscar dados e informações de forma crítica nas diferentes mídias, inclusive as sociais, analisando as vantagens do uso e da evolução da tecnologia na sociedade atual, como também seus riscos potenciais” (BRASIL, 2017, p.474). O desenvolvimento desta habilidade é fator de crucial importância para os indivíduos deste início de século XXI, pois a cultura digital, a qual é marcada pela instantaneidade, pela fluidez e por várias ambiguidades, exige do sujeito contemporâneo uma postura com certo distanciamento para a reflexão crítica, assim evitando, de forma significativa, os múltiplos danos acarretados pelas influências destas tecnologias de comunicação e informação de massa na formação cultural.

2. CAPÍTULO I: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TECNOLOGIAS MUDIÁTICAS

2.1 As tecnologias midiáticas de massa e a formação do jovem do início do século XXI

A técnica, na história da humanidade, é objeto de encanto. Uma criação do próprio homem que provoca espanto e admiração. Esta formidável invenção é posta a serviço do ser humano para facilitar nos vários desafios presentes no cotidiano e oferece respeitável qualidade de vida, ao ponto de se afirmar que é um infortúnio isto não ser acessível para todos. Basta pensar nas tecnologias de comunicação e em como seria a organização da vida humana sem esta invenção. De fato, o mundo, sem as técnicas, provavelmente teria uma organização socioespacial completamente distinta, quase impensável na contemporaneidade, pois nos últimos séculos a tecnologia vem mudando e estruturando a sociedade de uma forma nunca antes vista. Sendo assim, é difícil analisar a condição humana sem considerar as várias influências dela na vida social e individual do sujeito contemporâneo¹.

As invenções tecnológicas são responsáveis pela criação de novas percepções de espaço e tempo, pois elas condicionam consideravelmente a construção do paradigma atual de sociedade. Ao pensar nas tecnologias de comunicação e informação, percebe-se o poder de influência que elas proporcionam na percepção e na organização do mundo contemporâneo,

¹ Para compreender esta condição, cabe ressaltar aqui uma breve síntese da história dos aplicativos e das redes sociais digitais. Segundo Marília Mara Sciulo (2018), entre as redes sociais e aplicativos de computadores para a interação e comunicação digital mais comuns no final da década de 90 e na primeira década do século XXI se destacam as seguintes: O mIRC era um Internet Relay Chats (IRC) para Windows, uma espécie de conglomerado de salas de bate papos. Criado em 1995, foi baixado mais de 40 milhões de vezes, e, em 2003, foi considerado um dos *softwares* mais populares. Com o surgimento de mensageiros instantâneos como MSN e ICQ, o mIRC perdeu a popularidade. Em 1996, o ICQ revolucionou o conceito de mensagens instantâneas online e chegou a ter mais de 100 milhões de usuários registrados, mas, na era mobile atual não faz sucesso. O Messenger MSN, criado em 1999 pela Microsoft, permitia o compartilhamento de arquivos e até chamadas em vídeo. Em 2013 foi desativado.

A rede social que mais teve fãs no Brasil foi o *Orkut*: entre 2007 e 2009, o país teve mais de 40 milhões de usuários cadastrados. Ela permitia a troca de mensagens básicas e era possível deixar depoimentos personalizados e permanentes na *timeline* dos amigos. Em setembro de 2014 o *Orkut* foi desativado.

Fotolog, muito antes do *Instagram*, foi uma plataforma digital de compartilhamento de fotos, criado em 2002, chegou a ter mais de três bilhões de visualizações, porém hoje encontra-se fora do ar.

Atualmente, entre os aplicativos e as redes sociais mais usados, pode-se citar: *Skype*, lançado em 2003; *Facebook*, lançado em 2004; *Instagram*, lançado em 2010, *Messenger* para celular, lançado em 2011; *Youtube*, lançado em 2005, *WhatsApp*, lançado em 2009; *Twitter*, fundado em 2006; e *Tik Tok*, lançado em 2016.

com muito mais eficiência e rapidez nas comunicações, e contribuem para reestruturar as concepções de verdade e de vida social. Isso pode ser melhor compreendido nas palavras de Gerd Bornheim (1998), afinal, para ele, a técnica aumenta a capacidade de produção do corpo humano em várias dimensões e contribui consideravelmente para uma ideologia hegemônica de interpretação da realidade, pois:

(...) de um lado, essa força se deixa entender a partir do conjunto dos fatores que compuseram os descobrimentos – incluída aí, e com ênfase, a nova concepção de ciência, voltada ao calculado poder de dominação; de outro lado, percebe-se que a técnica, embasada no seu poder de manipulação, passasse a ver inscrita em seu próprio destino a força transformadora das estruturas sociais. E o fato agora está em que a máquina entendida como extensão do corpo humano já nem pode mais ser dispensada: ela passa a motivar a reformulação de toda a política do trabalho e do ócio, exige que se repense o conceito de trabalho e o conceito de ócio, a defrontar-se com o impacto dessas coisas na própria condição humana (BORNHEIM, 1998, p.67).

A técnica, além de prolongar as capacidades do corpo humano, também passa a adotar as “complexas estruturas do cérebro humano: um computador consegue estender esse cérebro quase ao infinito” (BORNHEIM, 1998, p.68), o que proporciona um revolucionário paradigma e afeta a estrutura e os comportamentos sociais. Isso leva à necessidade de sérias reflexões sobre a relação do ser humano com sua própria invenção. É perceptível uma postura cada vez mais naturalizada do homem com as tecnologias, principalmente nos indivíduos deste início do século XXI, os quais nasceram submersos nas influências das informações digitais, ligados diariamente aos vários aparelhos de comunicação e de entretenimento.

Uma questão presente nos ambientes escolares é que o uso das tecnologias, assim como as redes sociais, acarreta muitas situações que merecem o devido distanciamento para a reflexão de cunho filosófico. O uso das tecnologias de comunicação e informação por adolescentes nas escolas é um tema que requer certa atenção e reflexão para superar preconceitos e evitar uma estigmatização sobre o assunto. Realidade que constitui um ambiente de interação e aprendizagem e, ao mesmo tempo, um espaço de falsas informações, de discriminação e alienação.

No entanto, os questionamentos aqui não são sobre as tecnologias de informação e comunicação em si, mas sim, como estas, cada vez mais sedutoras, estão sendo utilizadas. Elas estão presentes em nossa sociedade e, paradoxalmente, são eficientes meios para proliferar a mediocridade e a alienação das pessoas, mas também contribuem consideravelmente para o esclarecimento e a libertação da humanidade. Neste sentido, compreende-se que as tecnologias não podem determinar, mas possibilitam múltiplos comportamentos sociais. Condição que revela o desafio de todas as instituições que contribuem para a formação das novas mentes, em

todas as dimensões, pois é magnífico desenvolver-se como pessoas plenas, em um mundo com grandes e constantes mudanças, crescer, evoluir, comunicar-se com o apoio de tantas tecnologias, mas, ao mesmo tempo, é frustrante constatar que muitos só utilizam esses meios em suas dimensões mais supérfluas, alienantes e autoritárias, pois, nos últimos anos, elas têm mostrado um potencial para uso de controle, propagação de desinformação e *fake news*.

2.2 As duas caras das tecnologias de informação e comunicação

As tecnologias midiáticas tradicionais, tanto quanto as digitais, são evoluções e importantes instrumentos para acesso às informações, lazer, entretenimento, aprendizagem e relações sociais, isso sem considerar sua participação nas indústrias do entretenimento e comunicação. É possível perceber sua importância para a humanidade como um instrumento a serviço da liberdade e da qualidade de vida das pessoas. Ela pode ajudar as pessoas a conhecer e usufruir de direitos e, até mesmo, criar novos direitos por sua participação. Contribui para a criatividade, para a inovação e tem um poder inusitado de comunicação.

No entanto, quando as tecnologias midiáticas são usadas de forma inadequada, tornam-se instrumentos que contribuem para a desumanização e a imbecilização do homem, devido ao fácil acesso e a pouca compreensão das múltiplas consequências que esta técnica acarreta na vida social e individual. Com seu poder de comunicação, pode proliferar falsas informações com certa rapidez, as quais podem trazer certos danos à sociedade. Nela ocorre a prática do *cyberbullying*, a exposição pessoal sem pré-reflexão, e a criminalidade através de informações inautênticas. Além disso, a maior preocupação é referente ao seu poder de alienação quando utilizada de forma inadequada, assim intensificando e naturalizando os privilégios de uma minoria de indivíduos e sufocando a maioria deles.

Adorno e Horkheimer (2014), filósofos alemães associados a uma das referências já consagradas para pensar o campo da comunicação, a saber, a Escola de Frankfurt, ao afirmarem que “a racionalidade técnica é hoje a racionalidade da própria dominação” (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p.100), anunciavam que a razão e a técnica, quando exaltadas inconscientemente, se sobrepõem ao humano e tornam-se instrumento de alienação dos sujeitos. Isso ocorre quando a valorização dos meios se sobrepõe aos fins humanos pois, ao invés de libertar, ela provoca o desaparecimento do sujeito autônomo, tomado pela uniformidade

cultural. Trata-se de uma noção de “progresso” como sendo a “locomotiva da história” no qual passaríamos de um estágio inferior para outro necessariamente melhor, compreendendo a violência como elemento inevitável e necessário, e, assim, exaltando a barbárie e o sofrimento da humanidade.

Nesta perspectiva, o geógrafo brasileiro Milton Santos (2010) alerta para o papel despótico da informação na contemporaneidade. As tecnologias deveriam possibilitar a ampliação dos conhecimentos e tornar os indivíduos mais autônomos e livres, porém estas invenções, muitas vezes, são utilizadas para fins particulares e lucrativos, condicionados pela dinâmica do poder econômico capitalista. Para ele, as informações transmitidas já são constituídas de acordo com um ideário hegemônico, desta maneira, existe uma distância considerável entre a realidade circunscrita dos fatos e acontecimentos e a maneira como eles são transformados em informações pelos veículos de comunicação. Os fatos são interpretados e transmitidos segundo os paradigmas e os interesses que habitam tal contexto espacial e temporal. Em sua obra *Por uma outra globalização (2010)* afirma:

Estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer. Este é o trabalho da publicidade. Se a informação tem, hoje, essas duas caras, a cara do convencer se torna muito mais presente, na medida em que a publicidade se transformou em algo que antecipa a produção. Brigando pela sobrevivência e hegemonia, em função da competitividade, as empresas não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio (SANTOS, 2010, p.20).

Desta forma, as tecnologias de comunicação e informação de massa, quando estão unicamente alinhadas aos princípios do mercado sem o respaldo de princípios éticos, são eficientes instrumentos de manipulação e alienação da sociedade. Com os princípios da concorrência e competitividade do mercado neoliberal, estas invenções midiáticas, muitas vezes utilizadas de forma inconsciente, porém nem sempre², são bons meios de controle, manipulação de pensamentos e de produção de desejos. Para Byung-Chul Han (2018), importante pensador contemporâneo e autor da obra *Psicopolítica – O neoliberalismo e as*

² A questão do uso consciente das mídias deve-se pensar sobre duas perspectivas, isto é, ao considerar o uso delas por empresas, principalmente pelas de publicidade, que, na maioria das vezes, usam as mídias com o objetivo de manipular e controlar a vontade de um público alvo. Porém, também pode-se pensar em algumas situações que empresários, pensando na concorrência, competitividade e sobrevivência no mercado utilizam estes meios desconhecendo os efeitos sobre a cultura. Em outra perspectiva deve-se considerar o usuário comum, o qual pode tanto ter uma postura consciente, conhecendo e identificando o poder de manipulação e de controle destas ferramentas. No entanto, por meio de uma análise empírica, não é difícil perceber que a maior parte dos usuários utilizam as mídias para comunicação e entretenimento sem o conhecimento desta realidade.

novas técnicas de poder: “A liberdade e a comunicação ilimitadas se transformam em monitoramento e controle total. Cada vez mais as mídias sociais se assemelham a pan-óptico digitais que observam e exploram impiedosamente o social. Mal nos livramos do pan-óptico disciplinar e já encontramos um novo e ainda mais eficiente” (HAN, 2018, p.19). Com a “transparência” de dados e informações, as mídias permitem análises mais precisas dos desejos pessoais e vontades de uma determinada população, conhecimentos que utilizados de forma “precisa” tornam-se poderosos instrumentos de manipulação social, conduzindo os indivíduos para a sujeição sem qualquer prévia autorreflexão. São condicionamentos sociais que acarretam problemas de natureza distinta e variada, sejam eles referente à liberdade, à formação cultural e à cidadania.

Neste contexto, o filósofo Gilles Lipovetsky (2004) faz algumas apreciações das mídias de massa, pois “em vez de elevar o nível do debate público, a mídia transforma a política em espetáculo. Em vez de promover uma cultura de qualidade, ela nos proporciona variedades insípidas, multiplica os programas esportivos e deixa para o horário mais tardio possível, quando não a suprime, a programação de caráter minimamente cultural” (LIPOVETSKY, 2004, p.44). Sendo assim, as formidáveis tecnologias de informação e comunicação podem ser eficientes instrumentos de idiotização e irracionalização da sociedade contemporânea.

Ainda de acordo com o filósofo supramencionado, é possível ter outras interpretações destas tecnologias, pois “a negatividade da mídia pode ser reavaliada em função do peso relativo de seu poder normatizados, é preciso igualmente salientar sua positividade. Isso porque, na história do individualismo moderno, a mídia desempenhou um papel emancipador fundamental, ao difundir pelo conjunto social os valores hedonistas e libertários (LIPOVETSKY, 2004, p.41-42). O *ciberespaço*, ao virtualizar a comunicação facilita o acesso às informações e conhecimentos diversos, assim possibilitando a formação de uma cultura mais participativa e de um indivíduo mais autônomo, relacional, comunicativo, e, conseqüentemente, mais esclarecido. Nesta perspectiva, Clay Shirky (2011), em sua obra *A cultura da participação*, ao analisar o papel das tecnologias digitais na formação cultural, as percebe como meios que possibilitam oportunidades para seus usuários, pois:

Nós criamos oportunidades uns para os outros, seja para a passividade ou para a atividade, e sempre foi assim. A diferença hoje é que a internet é uma máquina de oportunidades, um meio para pequenos grupos criarem novas oportunidades, a baixo custo e com menos obstáculos do que nunca, e com a possibilidade de anunciar essas oportunidades ao maior número de potenciais participantes da história (SHIRKY, 2011, p.118).

Não se trata de uma questão difícil de perceber, basta compreender como as redes sociais, assim como *Facebook* e *Whatsapp*, são eficientes meios para proliferar e organizar uma greve para os trabalhadores reivindicarem seus direitos, para cidadãos manifestarem-se contra as decisões e ações de um governo totalitário, ou organizar um grupo de pessoas que pretendem voluntariar-se para trabalhos sociais. Como exemplo destas ações, pode-se citar: em 2020 quando as primeiras notícias de propagação da COVID-19 na região de Canoinhas-SC começaram a circular, foi organizado um movimento através das redes digitais com o objetivo de arrecadar fundos para o Hospital Santa Cruz de Canoinhas, que seriam investidos na compra de EPIs e outros materiais, afim de garantir a segurança dos funcionários e pacientes. Em meio ao período de isolamento social foi possível arrecadar mais de 89 mil reais por meio de uma “vaquinha”³, que só foi possível através das tecnologias midiáticas.

Refletindo sobre os argumentos supracitados, percebe-se a necessidade de fazer uma análise mais profunda sobre as influências das mídias de massa, levando em consideração suas complexidades e suas ambiguidades, entendendo sua dinâmica e suas determinações na sociedade e na formação cultural. Para isso, elencar-se-á aqui as reflexões de dois pensadores que dedicaram suas publicações a pensar as nuances do poder das mídias na formação cultural, social e individual.

Em primeiro lugar, Gilles Lipovetsky, filósofo francês e teórico da hipermodernidade, o qual analisa as evoluções midiáticas e a relação desta com a sociedade, elencando os múltiplos paradoxos das mesmas, e, além disso, demonstrando os triunfos desta na cultura liberal, tendo, dessa forma, uma percepção mais otimista sobre as mídias. A maneira como enxerga esta questão coincide com a percepção dos jovens, pois em entrevista realizada em 2019 com os estudantes do segundo ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Almirante Barroso, dos vinte e um entrevistados, doze afirmaram que as consequências das tecnologias digitais são somente positivas, enquanto que apenas um afirmou que elas são somente negativas⁴. Essas informações demonstram que a maior parte dos estudantes reconhecem os triunfos e os benefícios destas técnicas na formação da cultura.

E, em segundo lugar, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que se destaca com interpretações mais pessimistas, especialmente das mídias digitais na formação cultural contemporânea. O conhecimento de algumas ideias desses autores sobre as mídias subsidia com

³ Informações disponíveis em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajude-o-hospital-santa-cruz-de-canoinhas>. Acessado em: 21/01/2021.

⁴ Ver anexo 2, gráfico 14.

base mais sólida os planos e o desenvolvimento das aulas de filosofia no Ensino Médio Integral. Esta condição também oferecerá um alicerce para as reflexões filosóficas sobre a constituição da cultura contemporânea.

2.3 Gilles Lipovetsky: a hipermodernização do mundo e a autonomia do sujeito contemporâneo

Gilles Lipovetsky (2004) e *Os tempos hipermodernos*, faz uma abordagem flexível da época “pós-moderna” para compreendê-la na totalidade de seus fenômenos sociais, e não ignora o poder das mídias na formação da cultura e não exclui os problemas que assolam a contemporaneidade⁵, mas pretende mostrar os triunfos desta nova maneira de viver que move e gera a realidade concreta, pois “o vivido é cheio de impressões, de incerteza, de contingência e de contradições” (LIPOVETVKY, 2007, p.15). O propósito é desenvolver uma análise complexa e não unívoca da sociedade contemporânea, para desvelar os paradoxos e apontar os aspectos positivos e negativos.

Para evitar ambiguidades nas interpretações dos conceitos da filosofia do autor é importante salientar que, segundo suas premissas, nas mutações do capitalismo moderno é possível distinguir três fases: primeira, de 1880 a 1950, época em que começam a florescer os primeiros elementos para o surgimento da pós-modernidade, assim como o aumento da produção industrial, o progresso nos transportes e nas comunicações e o aparecimento dos métodos comerciais, como o marketing e a publicidade. A lógica da moda começa a permear o mundo da produção e do consumo em massa, porém o consumo ainda é limitado à classe burguesa.

A segunda fase, a partir de 1950, época em que o consumo de massa não é mais reservado apenas às classes privilegiadas, pois o mercado consumidor foi ampliado e outras classes passaram a ter poder de consumo. O sujeito pós-moderno é mais individualizado e liberto das normas tradicionais o que faz aparecer uma “[...]sociedade cada vez mais voltada para o presente e as novidades que ela traz [...]”. Assiste-se aí à extensão a todas as camadas

⁵ Para o autor, a sociedade contemporânea, a qual ele caracteriza como hipermodernidade, é repleta de paradoxos e contradições: “[...] para caracterizar a hipermodernidade é simples e eficaz: o mais e o menos ao mesmo tempo. Nunca houve tanta liberdade para expressão dos desejos e nunca houve tanta depressão. Nunca se buscou tanto o prazer e nunca se sofreu tanto por não se conseguir uma vida lúdica” (LIPOVETVKY, 2007, p.18).

sociais do gosto pelas novidades, da promoção do fútil e do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal” (LIPOVETSKY, 2004, p.24). Esse fato dilacera as noções de alienação, controle e disciplina. Uma sociedade em que cada vez mais desaparecem os padrões sociais, as normas impostas e a instantaneidade dos momentos permite aos indivíduos uma constante reciclagem nos modos de viver para adaptar-se aos contextos que vão surgindo constantemente. A sociedade do consumo com os ideais de dar prazer, libertação e gozo do indivíduo, provoca uma verdadeira revolução individual e narcisista, marcada pela primazia do “aqui e agora”.

A partir de 1980, aparecem muitos sinais que levam a pensar na terceira etapa da modernidade, a qual é caracterizada com os conceitos de hiperconsumo, hipernarcisismo e hipermodernidade, como vemos abaixo.

Hiperconsumo: um consumo que absorve e integra parcelas cada vez maiores da vida social; que funciona cada vez menos segundo o modelo das confrontações simbólicas caro a Bourdieu; e que, pelo contrário, se dispõe em função de fins e de critérios individuais e segundo uma lógica emotiva e hedonista que faz com que cada um consuma antes de tudo para sentir prazer mais que para rivalizar com outrem [...]. Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo da hipermodernidade para não desaparecer. Hipernarcisismo: época de um Narciso que toma ares de maduro, responsável, organizado, eficiente e flexível e que, dessa maneira, rompe com o Narciso dos anos pós-modernos, hedonista e libertário. (LIPOVETSKY, 2004, p. 25-26).

Nos últimos anos, os conceitos de consumo e de narciso são destacados com o prefixo *hiper* para melhor representar o espírito da época, resultante dos avanços e das mutações do capitalismo moderno, o qual, entre muitas outras características, se destaca como uma espécie de potência de liberação dos sujeitos, fato que dá a abertura de autonomia para os indivíduos. Condição que, não elimina, mas minimiza o poder tradicional do capitalismo como o único agente das mudanças no tempo e no espaço.

Na obra *O império do efêmero* (2009), Lipovetsky utiliza o caminho da moda para interpretar a sociedade com certo distanciamento e neutralidade, e, assim, fundamenta o conceito de autonomia do indivíduo na sociedade “atual”. Ele entende que a moda, que é um fenômeno inseparável do desenvolvimento do mundo moderno, não é apenas a transparência das rivalidades de classe e os prestígios que compõem as diferentes camadas do corpo social, e não é a simples manifestação das paixões e vaidades. Ela “não se identifica de modo algum a um neototalitarismo suave, mas permite, bem ao contrário, a ampliação do questionamento público, a maior autonomização das ideias e das existências subjetivas; é o agente supremo da dinâmica individualista em suas diversas manifestações” (LIPOVETSKY, 2009, p.18). Desta

forma, a moda não é simplesmente um fenômeno social de alienação das massas, mas, com suas múltiplas ambiguidades⁶, proporciona a autonomia dos indivíduos devido à singularidade e à pluralidade das culturas de massa.

Ao romper com a princípios imutáveis da tradição, a moda ganha poder e proporciona a cada um ser mais senhor de suas próprias condições de existências, pois o “(...) aparecimento da moda prêt-à-porter, dos grandes estilistas, dos espetáculos da moda, da diversidade e barateamento das roupas, enfim, da democratização da moda, permitem uma individualização estética, a personalização” (TONIN, 2014, p.5). Deste ponto de vista, a cultura marcada pelo hiperconsumo permite que cada indivíduo tenha a liberdade de escolher o que é melhor para si, pois não é difícil perceber que empresas estão cada vez mais se adaptando à diversidade com o objetivo de explorar certos nichos de mercado ao considerar os múltiplos estilos de vida.

Através de uma pesquisa rápida, é possível encontrar lojas especializadas em roupas específicas para o público da terceira idade, para gestantes, na moda *plus size*, entre outras diversidades. Isso permite pensar a efemeridade e, por conta disso, a diversificação e como ela possibilita a autonomia de escolher. A flexibilidade na produção contemporânea incentiva a criação de diversos estilos, sempre considerando a acessibilidade e a individualidade do público de destino, e, desta forma, condicionando efeitos ambíguos sobre a formação da cultura contemporânea, pois segundo Lipovetsky:

A Moda é acompanhada de efeitos ambíguos; o que temos que fazer é trabalhar para reduzir sua inclinação “obscurantista” e aumentar sua inclinação “esclarecida”, (...) se o terreno da moda é favorável ao uso crítico da razão, faz eclodir igualmente o exílio e a confusão do pensamento: muito está por corrigir, legislar, criticar, explicar interminavelmente; a astúcia da desrazão da moda não exclui a inteligência, a livre iniciativa dos homens, a responsabilidade da sociedade sobre seu próprio futuro (LIPOVETSKY, 2009, p.20).

Quando Lipovetsky analisa da tese que interpreta a moda da época aristocrata fica evidente as distinções e a hierarquia das classes, escancarando os prestígios da elite. Na hipermodernidade, que é marcada pelo hiperconsumo, hipernarcisismo, instantaneidade e por frivolidades, tal interpretação precisa ser revista, pois, para o autor (2009), sob a fantasia e o lúdico a moda traz a autonomia do homem.

Não obstante a presença da tirania da moda contribuir para a universalização dos gostos e para evidenciar a hierarquia social, “[...] cada estado territorial europeu passou a singularizar

⁶ “Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos” (LIPOVETSKY, 2004, p.27).

seus trajes e a criar um sentimento de pertença, um sentimento coletivo que não acaba com as possibilidades de cada indivíduo, dentro desta “norma” geral, escolher o que melhor lhe convier” (TONIN, 2014, p.5). Sendo assim, as reflexões que interpretam a moda apenas do panorama das distinções de classe não veem as suas reviravoltas no contexto atual, como efeitos de valorização da personalidade própria e a nova representação do indivíduo em relação ao coletivo. Compreendendo-a como “paixão” pelo novo, a moda desqualifica o passado e dá a abertura para as frivolidades, fantasias e efemeridades, condição que aumenta a possibilidade de autonomia individual: “Antes de ser signo de desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência (LIPOVETSKY, 2009, p.36).

De acordo com os argumentos acima apresentados, a sociedade é marcada por um tempo inédito de acesso aos múltiplos meios e objetos de consumo, condições que permitem a comparação e a escolha entre a diversidade de objetos e de modos de vida. E esta realidade está em constante mudança e provocando rupturas nos padrões tradicionais. Assim, a moda, como uma instituição social, exerce algum poder na sociedade. Ela pode ter criado certos padrões de comportamento, mas isso não significa uma universalização total da cultura, pois ao proporcionar a mudança, permite a liberdade de escolha para que os indivíduos consigam formar suas próprias opiniões: “A independência maior das ideias vai de par com mais frivolidades; a tolerância é acompanhada de mais indiferença e relaxamento da coisa pensante” (LIPOVETSKY, 2009, p.19).

Porém, deve-se interpretar estes apontamentos de Lipovetsky levando em consideração o contexto geográfico, histórico, social e econômico em que é possível o desenvolvimento da cultura nas condições de democratização da moda, assim evitando interpretações apenas de caráter ideológico. Ao voltar os olhos para o contexto brasileiro, mais especificamente para a região de Canoinhas-SC, encontra-se dados e informações que vão de encontro às interpretações de Lipovetsky. Os argumentos de democratização da moda, do consumo, condição que possibilita o desenvolvimento de uma cultura mais autônoma e diversa, precisam ser tomados com cuidado. Em algumas situações eles não fazem jus aos modos de vida dos cidadãos que vivem na região, espaço geográfico de pesquisa empírica. Percebe-se algumas lacunas, as quais não podem ser ignoradas.

Analisando os dados do município de Canoinhas – SC, no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem-se a seguinte informação: “Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo é de 33,4 % (2010)”⁷. Esses dados contradizem os argumentos de democratização da moda, uma vez que é impossível a acessibilidade dos indivíduos ao mundo do consumo com certa liberdade de escolha nessa camada da população que obtém a renda de no máximo meio salário mínimo. Além do mais, não parece ser correto interpretar a dinâmica da moda sem considerar as distinções de classe, especialmente na sociedade brasileira que é fortemente marcada pelas desigualdades sociais. As quais estão escancaradas, pois, segundo o IBGE, “em 2017, o rendimento médio domiciliar per capita foi de R\$ 1.271. Mas, da massa de R\$ 263,1 bilhões gerados, os 20% da população com os maiores rendimentos ficaram com uma parte superior à dos 80% com os menores rendimentos”⁸. Esses números levam a afirmar: o que existe é o barateamento das roupas para alguns, porém ainda inacessível para outros.

Estas informações colocam algumas objeções nos argumentos de autonomia individual elencada acima, demonstrando que as análises que Lipovetsky faz sobre a sociedade europeia não são compatíveis à realidade de muitas regiões brasileiras. No entanto, compreende-se que as interpretações do autor têm devida importância para entender a sociedade contemporânea, porém deve-se pensar e estudar esta filosofia com certo distanciamento, para fazer os apontamentos necessários, assim evitando o afastamento do contexto concreto, geográfico e histórico, que são específicos de cada sociedade.

Contudo, na atual época, é coerente pensar na ambiguidade dos modos de viver, principalmente quando as interpretações são voltadas para um mundo experimentado e marcado pelo consumo, por certas compreensões de liberdade e de autonomia.

2.3.1 Valores na hipermodernidade

A partir das interpretações sobre autonomia, Lipovetsky (2004) centraliza seus argumentos no “individualismo responsável”⁹ e propõe uma moral pensada a partir de valores

⁷ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/canoinhas/panorama> Acesso em: 14 mar. 2021.

⁸ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20844-10-da-populacao-concentram-quase-metade-da-renda-do-pais> Acesso em: 15 mar. 2021.

⁹ “Por um lado, existe um declive, inegavelmente perigoso, que leva do individualismo ao “cada um por si”, ao culto do sucesso pessoal por qualquer meio, à negação dos valores morais, à delinquência. [...] Mas não se

do indivíduo, em contraponto às morais coletivas que sacrificavam os indivíduos em função de valores tradicionais. A contemporaneidade é um período histórico que alavanca a emancipação individual, valorizando as vontades subjetivas, o amor por si próprio em detrimento das normas institucionalizadas, pois “[...] as grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos já não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento privado – instala-se a era do vazio, mas “sem tragédia e sem apocalipse” (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Sendo assim, a sociedade contemporânea, ao exaltar o bem-estar e os desejos individuais, paradoxalmente, “rompe” com os padrões, e, ao mesmo tempo, provoca uma regeneração nos valores modernos e, desta forma, ela mais liberta¹⁰ do que oprime, segundo Juliana Tonin em seu artigo: *O espetáculo não é o coveiro da razão: mídia e autonomia em Gilles Lipovetsky* (2014), no qual afirma que “Lipovetsky não acredita que hoje houve um esvaziamento da moral. Pelo contrário, fala de um ressurgimento de valores que, mesmo se efêmeros, fazem do indivíduo um ser mais liberado para julgar, pensar e viver mesmo num contexto amplamente caracterizado pela insegurança em relação aos referenciais e à tradição” (TONIN, 2014, p.6).

Na hipermodernidade, marcada pela promoção do frívolo e pela valorização do bem-estar pessoal, os valores passam por uma reformulação, adaptando-se ao novo contexto marcado pela individualidade e constituído pela lógica do consumo. A atual época pós-moral não significa um niilismo, pois percebe-se o surgimento de uma diversidade de valores e movimentos, assim como o cuidado com o meio ambiente, movimentos feministas, respeito às diversidades etnoculturais, o cuidado de si, entre outros. Desta forma, “[...] ainda que nossa época seja palco da pluralidade conflituosa de valores de bem, ela é, ao mesmo tempo, marcada por uma reconciliação inédita com os fundamentos humanistas” (LIPOVETSKY, 2004, p.99).

destaca suficientemente uma outra inclinação do individualismo que coincide justamente com uma demanda e uma preocupação ética. É o que chamo de *individualismo responsável*. Já dei alguns exemplos: a tolerância, a ecologia, o respeito pelas crianças, a exigência de limites, o voluntarismo, a luta contra a corrupção, as comissões de ética. Por toda parte, o individualismo, na cultura pós-sacrificial, desenvolve-se tomando duas formas radicalmente opostas” (LIPOVETVKY, 2004, p.37-38).

¹⁰ “A liberação em relação à tradição, à Igreja, às instituições e ao sagrado representou também, paradoxalmente, o início da consolidação da sociedade da globalização econômica, da uniformização dos modos de vida, da hegemonia de certas marcas, da massificação. Contudo, o vazio do fim dos referenciais, das ideologias, dos projetos históricos acabou sendo preenchido, segundo ele, pela manifestação presenteísta dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio, o que ele chamou, enfim, como se supracitou, de autonomia privada” (TONIN, 2014, p.6).

Isso não significa o desaparecimento das múltiplas mazelas sociais que historicamente persistem, e, nem mesmo é motivo de comemorações, pois é bom lembrar que Lipovetsky não ignora os problemas que assolam a sociedade. O surgimento de movimentos de cunho emancipatório só faz sentido em condições de desvelamento de uma cultura de sujeições e de injustiças. A existência dos movimentos contra a corrupção, de respeito às diversidades, as leis contra o desmatamento, de violência contra a mulher e de proteção à criança, revelam as mazelas ainda presente no meio social, pois não faz sentido a existência de uma lei contra a violência onde não existe a violência, seja ela de qualquer natureza. Ao olhar para o contexto cultural do espaço geográfico local, percebe-se a presença de uma variedade de injustiças sociais, no entanto, quando se faz uma analogia a longo prazo, não é difícil perceber que a história social, principalmente a do Brasil, sempre foi marcada pela violência e pela desigualdade social ao ponto de afirmar que na atualidade a cultura é mais liberta e autônoma. A prova disso é a existência dos movimentos de cunho emancipatório.

Segundo o autor, ao observar a história da humanidade, é nítido que, atualmente, experimenta-se e vivencia-se maior consenso e respeito aos direitos humanos do que épocas anteriores, pois, “[...] os valores de tolerância e de respeito ao outro nunca se manifestaram tão intensamente quanto em nossa época, ocasionando uma repulsa generalizada ao emprego gratuito da violência” (LIPOVETSKY, 2004, p.38). Essa afirmação faz sentido quando se observa os acontecimentos históricos que denunciam períodos obscuros da humanidade, assim como genocídios e guerras propagadas por intolerância às diversidades etnosocioculturais.

Neste patamar, é coerente pensar que a atualidade, pautada pelo hedonismo individualista, abala as estruturas dos referenciais transcendentais da tradição, alocando os indivíduos e abrindo campo para o relativismo nas várias dimensões da vida, assim confirmando parcialmente as previsões nietzschianas de certo niilismo. Contudo, esta é apenas uma das facetas da hipermodernidade, pois ela também tem seus valores próprios. A fase pós-moralista em que se vive atualmente, rompe e, ao mesmo tempo complementa, os ideais morais modernos, ou melhor, provoca a reciclagem das concepções. A sociedade exalta mais os desejos, a felicidade e o bem-estar do indivíduo e não mais os grandes imperativos do dever sacrificial.

Analisando a dinâmica da atual época, com o enfraquecimento dos grandes projetos das várias facetas da sociedade, percebe-se a necessidade de uma ética pautada por princípios mais de cunho deontológico, porém, não do dever, mas uma moral emocional, que funcione para a

regulação da dimensão social, econômica e até mesmo midiática, porque “[...] está certo, a necessidade ética não é mais vivida como no passado, segundo a lógica do dever sacrificial, e deve ser considerada na forma de uma moral indolor, opcional, que funciona mais pela emoção que pela obrigação ou sanção e que está adaptada aos novos valores de autonomia individualista” (LIPOVETSKY, 2004, p.38). Antes a moral era rigorista e autoritária, regulada por sermões e disciplina, nos tempos hipermodernos, ela funciona mais pelo espetáculo e pelo encantamento.

As operações da mídia dirigidas a uma circunstância e à emoção, evidenciam eficácia ao sensibilizar parte da população à solidariedade aos mais pobres, ao cuidado com o meio ambiente e o respeito e tolerância às diversidades e aos direitos humanos. É perceptível que a era da pós-moral sofre uma reciclagem de acordo com o contexto pautado pela autonomia privada:

Quanto mais se manifestam os desejos de autonomia individualista, mais as ações morais de generosidade são impulsionadas, estimuladas, pelo exterior. Quanto mais há exigência de autogoverno, mais a vida moral é tributária de palavras, de imagens, de mensagens exteriores a nós mesmos e finalmente consumidas por nós mesmos (LIPOVETSKY, 2004, p.29).

Sendo assim, a época hipermoderna de Gilles Lipovetsky não é um período de niilismo total, isto é, da decadência de todos os referenciais, e também não se trata da felicidade absoluta como resultado de um projeto das *Luzes*, pois é uma época caracterizada por sua fluidez, frivolidades e múltiplas contradições, devido ao próprio processo de diversificação e personalização dos modelos culturais, e esta condição cria um conflito entre o excesso de valores da moral rigorista da tradição e o vazio visto como uma marca de libertação.

Para o autor, o combate gera autonomia e novas liberdades, porém, conseqüentemente, também novos problemas e novas angústias. Portanto, é mais coerente caracterizar este período a partir dos muitos paradoxos e ambigüidades, e, nesta perspectiva, manter uma postura relativista perante a realidade, levando a uma interpretação integral da sociedade.

2.3.2 Influências das mídias: autonomia do sujeito contemporâneo?

No que se refere às mídias, Lipovetsky (2004) faz uma abordagem relativista na qual há muitos paradoxos. Mesmo reconhecendo o poder que a mídia possui de homogeneização e massificação da cultura e de despolitização, é possível perceber outras nuances desta relação entre sujeito e tecnologias midiáticas contemporâneas, entre elas a capacidade de individualização, do esclarecimento cultural e a participação mais autêntica do cidadão nas decisões e escolhas democráticas. Observando estes elementos, fica a impressão de que as reflexões do autor sobre as mídias são mais otimistas do que pessimistas.

No entanto, é imprescindível ressaltar que Gilles Lipovetsky deixa o termo “mídias” em aberto, já que em seus textos representa a diversidade tecnológica dos meios de comunicação que tem como finalidade transmitir informações e os mais diversos conteúdos. Algumas vezes refere-se à publicidade em geral, em outros momentos cita as mídias tradicionais, como os jornais, rádio, cinema e televisão, e, em outros momentos, fala das mídias digitais como: web, internet, chats e rede. Esta condição gera alguns problemas, especificamente a falta de diferenciação entre as mídias tradicionais, as quais fornecem um processo de informação unilateral e as mídias digitais, que possibilitam a troca de informações e a interação entre ambas as partes envolvidas no processo de comunicação. Esta falta de distinção pode gerar algumas ambiguidades, principalmente com o advento das redes sociais, que, indubitavelmente, influencia consideravelmente a formação cultural. Isso não quer dizer que as observações e as proposições que Lipovetsky faz sobre a mídia devem ser desconsideradas, na medida em que o autor traz reflexões de cunho filosófico que auxiliam a compreender a cultura contemporânea em suas múltiplas dimensões.

Para ele, é imprescindível reconhecer a influência da mídia sobre a sociedade porque, mesmo sendo um poder limitado, não pode ser ignorado. Ela pode criar modelos de comportamentos homogêneos e a publicidade pode ser vista como uma máquina de uniformização da cultura. Sua dinâmica de normatização pode induzir certos condicionamentos e massificação dos modos de vida, pois, “o poder da mídia coincide com uma capacidade de imposições de modelos que, por não serem obrigatórios, não deixam de ter menos eficácia” (LIPOVETSKY, 2004, p.69). Dessa maneira, as mídias de massa podem desenvolver uma homogeneização da cultura, apenas com os ideais de consumo desenfreado. Trata-se da universalização dos modos de vida e massificação dos indivíduos segundo os parâmetros e exigências do mercado.

Porém, em outra perspectiva, as mídias têm grande influência no processo de individualização, assim contribuindo consideravelmente para a personalização dos modos de viver do sujeito contemporâneo. Com a individualização, subentende-se que as pessoas têm mais liberdade para privilegiar em suas escolhas o individual em detrimento do coletivo. As mídias, com a multiplicidade de informações, de notícias e com a presença dos mais variados modos de vida, possibilitam fazer comparações e análises críticas, pois, para Lipovetsky (2004), ao oferecer o conhecimento de diversos pontos de vista, abrem os horizontes e possibilitam diversos esclarecimentos. Além disso, possibilitam o desenvolvimento de um indivíduo mais crítico e, conseqüentemente, este poderá fazer escolhas com maior liberdade sobre os assuntos que o cercam cotidianamente nas várias dimensões da vida, sejam elas sociais, culturais, econômicas ou políticas, como vemos em:

A mídia, de fato, é uma das forças subentendidas na formidável dinâmica de individualização dos modos de vida e dos comportamentos da nossa época. A imprensa, o cinema, a publicidade e a televisão disseminaram no corpo social as normas da felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e a satisfação individual tornaram-se ideias de massa exaustivamente valorizadas. Ao sacralizar o direito à autonomia individual, promove uma cultura relacional, celebrando o amor pelo corpo, os prazeres e o bem-estar privados, a mídia funcionou como agente de dissolução da força das tradições e das barreiras de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas. Impôs-se como nova e legítima norma majoritária o viver aqui e agora, conforme as vontades próprias. A mídia acionou, ao mesmo tempo que os “objetos”, uma dinâmica de emancipação dos indivíduos em relação às autoridades institucionalizadas e às coerções identitárias [...] Neste contexto, as condutas individuais são cada vez menos limitadas socialmente, cada um tendo liberdade para compor e recompor suas orientações e modo de vida através da oferta crescente de referências. Paradoxalmente, o império do consumo e da comunicação de massa gerou um indivíduo desinstitucionalizado e opcional, disposto, em todos os planos a ter o direito de dirigir a si mesmo (LIPOVETSKY, 2004, p.70-71).

Não é difícil perceber os impactos dos avanços das tecnologias de comunicação no modo de viver do indivíduo contemporâneo, na medida em que, por meio de plataformas digitais, é possível desfrutar de uma diversidade de músicas, filmes, shows, grupos de conversa, espetáculos de vários gêneros, entre outros. Seguindo esta lógica, e de acordo com pesquisa realizada com os estudantes do segundo ano do Ensino Médio da E.E.B. Almirante Barroso, a maior parte afirma que usa a internet para múltiplas atividades, além de acessarem as redes sociais, utilizam a internet para fazer pesquisas sobre os mais diversos assuntos, para auxiliar

nas atividades escolares, para se informar sobre noticiários da região, para assistir vídeos, filmes e séries no *Youtube*, na *Netflix*, entre outras¹¹.

Desta forma, compreende-se que “[...] a cultura midiática é uma “cultura de mosaico”, descontínua, sem memória, os grupos sociais pós-modernos são caracterizados pela fluidez e pela instantaneidade, pela instabilidade e pelo efêmero” (LIPOVETSKY, 2004, p.81). Isso corrobora parcialmente com a ideia de que a mídia não tem total poder em construir gostos e comportamentos universalizáveis em uma cultura, porque, assim como ela estimula comportamentos homogêneos, também subentende-se que possibilita a diversidade de comportamentos ao apresentar-se acessível a um número cada vez maior de indivíduos. Segundo César Alcazar Arellano (2016): “[...] en la red global digital confluyen una pluralidad de agentes étnicos, empresariales, políticos, etc., que comportan diferentes orígenes, objetivos y valores, cuya interacción supone uno de los mayores retos a los que se enfrenta nuestra actualidad”¹².

Esta questão se justifica pela própria lógica das redes digitais, pois, de acordo com Shirky (2011), um dos desafios a serem enfrentados pelos serviços das redes digitais em grande escala é um problema de escolha: (a) pode-se ter um grupo grande de usuários; (b) pode-se ter um grupo de usuários ativos; (c) pode ter um grupo de usuários prestando atenção na mesma coisa. Entre estas opções é possível escolher duas, não é possível ter as três ao mesmo tempo. Quando a mídia digital permite a existência de um grande número de usuários ativos, possibilita as manifestações de diversidade cultural, condição que pode influenciar nos usuários da *web* a alteridade. Ao facilitar para o indivíduo o conhecimento das múltiplas culturas existentes, que são distintas das suas, intensifica a construção do reconhecimento da existência de povos que pensam e agem de forma diferente.

Shirky (2011), mesmo reconhecendo que para uma sociedade a abundância pode ser um problema mais difícil de lidar do que a escassez, ao explorar sobre as consequências das evoluções das tecnologias de comunicações, afirma que: “Uma sociedade em que todo mundo tem algum tipo de acesso a esfera pública é diferente daquele tipo de sociedade em que os cidadãos se relacionam com a mídia como meros consumidores” (SHIRKY, 2011, p.166). É muito difícil afirmar o quanto e como a sociedade vai mudar quando se tem a difusão de uma

¹¹ Ver anexo 2, gráfico 11.

¹² “[...] na rede global digital convergem uma pluralidade de agentes étnicos, empresariais, políticos, etc., que abrangem diferentes origens, objetivos e valores, cuja interação supõe um dos maiores desafios que nossa sociedade atual enfrenta” (tradução nossa).

nova ferramenta assim como as tecnologias digitais. No entanto, observando a história da cultura da imprensa, com a abundância de publicações de textos, é comum imaginar que mais pessoas lendo os mesmos textos, isso contribuiria para a padronização e para o incremento da monocultura, visto que um pequeno número de textos e de livros ganhariam hegemonia e tomariam o patrimônio intelectual de um grande espaço geográfico. Porém, para Shirky:

A imprensa acabou enfraquecendo, em vez de fortalecer, a cultura intelectual mais antiga. Como cada leitor tinha acesso a mais livros, o resultado foi a diversidade intelectual, e não a uniformização. Esse aumento na diversidade de fontes corroe a fé nas instituições antigas. Quando um estudioso foi capaz de ler Aristóteles e Galeno lado a lado e ver que as duas fontes eram conflitantes, isso corroe a fé inercial nos antigos (SHIRKY, 2011, p.167).

Nessa mesma perspectiva, para Lipovetsky, os tempos marcados pelas mídias são caracterizados pela desestruturação dos modelos de cultura de classe e pela individualização, o que faz surgir a pluralização dos modos de viver, pois os atributos específicos da cultura de classe estão desaparecendo ou fundindo-se e, assim, abrindo espaço para as diferenciações sociais. Cada dia é mais perceptível os diferentes estilos da moda e os tipos de lazer estão cada vez mais alinhados às concepções individuais em um contexto que possibilita a autonomia privada¹³, pois “[...] existem, agora, diversas concepções do bem, há um politeísmo de valores que faz parte da dinâmica e reafirma a autonomia do indivíduo (TONIN, 2014, p.8).

Em um período marcado pela incerteza e pela insegurança nos referenciais e na tradição, o indivíduo contemporâneo está mais livre para fazer seus julgamentos e para viver, avaliando seus direitos e os deveres a partir da esfera privada. Desta forma, pode-se afirmar que as mídias possibilitam mais uma espécie de iluminismo do que a repressão da razão, pois:

O superficial e o lúdico da mídia apresentam-se mais como instrumento do iluminismo do que como seu túmulo. [...] nada disso é motivo de grandes comemorações. Primeiramente porque essa difusão iluminista convive, como se sabe, com diversos tipos de fantasias, com a multiplicação de seitas, de crenças exotéricas e outros gêneros de fundamentalismo. [...] Depois, a mídia está longe de realizar as promessas de uma democratização completa da cultura (LIPOVETSKY, 2004, p.75-76).

De certo ponto de vista, a mídia é um instrumento de irracionalização e de fabricação de desejos e emoções, assim tornando o cidadão passivo e obediente. Por outro lado, “[...] la red digital, y por ende las TIC, son una condición de posibilidad necesaria para que los sujetos

¹³ “[...] todo o avanço do capitalismo moderno e a ampliação do fenômeno do consumo e da mídia trouxeram para a superfície a possibilidade de manifestação de certo tipo de autonomia, a privada, que seria a pequena aventura do Eu na gestão de suas próprias escolhas diante de uma existência de natureza complexa e experimental” (TONIN, 2014, p.12).

sociales ejerzan su autonomía y libertad de cara al estado en la “sociedad red”¹⁴. Neste mesmo panorama, para Lipovetsky (2004), ela é capaz de levar o indivíduo a reagir e a ser protagonista de sua história. Com suas múltiplas informações, induz o sujeito a questionar a própria existência e o leva a tomar partido e exigir precaução para os problemas sociais por meio de protestos e mobilizações.

É comum, nos tempos atuais, encontrar nas redes sociais grupos de mobilização para arrecadar fundos de ajuda para instituições que cuidam de animais abandonados ou pessoas/famílias que passam por tempos difíceis por motivos de saúde, desemprego, entre outros. Além disso, mesmo não chegando aos resultados esperados, nos últimos anos presenciou-se muitas mobilizações contra a corrupção, de incentivo ao cuidado com a saúde e de respeito à diversidade racial, os quais foram em grande parte organizados e disseminados por meio das tecnologias midiáticas. No entanto, é bom ressaltar que as manifestações sociais ocorrem em períodos de extrema opressão e de injustiças sociais, como, por exemplo, “*Black Lives Matter*”¹⁵, que utiliza das redes sociais para se organizar e aparece de forma intensa nas ruas, denunciando a violência e o preconceito racial. Essa condição contradiz os argumentos otimistas de Lipovetsky sobre a cultura hipermoderna, a qual se apresenta mais tolerante e humanista, uma vez que o autor “[...] não se encontra entre os pessimistas acostumados a ver na nostalgia de um passado que nunca existiu a imagem de um futuro melhor” (LIPOVETSKY, 2005, p. X). As redes sociais, ao apresentarem-se acessíveis a um número cada vez maior de indivíduos, fazem aparecer de forma radical os múltiplos preconceitos enalacrados nas culturas de cunho tradicional, e, assim, contribuem para o florescimento de manifestações conflituosas.

Segundo Lipovetsky (2004), existe um fundo de democracia midiática¹⁶, no qual os cidadãos recebem informações dos mais diversos partidos e, desta forma, podem desenvolver um pensamento crítico sobre as múltiplas questões da vida concreta. Ao informar e permitir que o cidadão faça comparações independentemente da autoridade de um partido, do Estado ou

¹⁴ “[...] as redes digitais, e portanto as TIC, são uma condição necessária de possibilidade para os sujeitos sociais exercerem sua autonomia e liberdade perante o Estado na 'sociedade em rede’” (ARELLANO, 2016, p.189).

¹⁵ “# BlackLivesMatter was founded in 2013 in response to the acquittal of Trayvon Martin’s murderer. Black Lives Matter Global Network Foundation, Inc. is a global organization in the US, UK, and Canada, whose mission is to eradicate white supremacy and build local power to intervene in violence inflicted on Black communities by the state and vigilantes. By combating and countering acts of violence, creating space for Black imagination and innovation, and centering Black joy, we are winning immediate improvements in our lives” Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/about/>. Acesso em: 25 out. 2020.

¹⁶ Democracia midiática: um número cada vez maior de indivíduos está tendo acesso as tecnologias midiáticas, fato que possibilita, a sociedade ter acesso a uma diversidade de informações sobre política e economia, as quais estão disponíveis a todos que tem acesso a estes aparelhos.

de uma religião, as mídias apresentam-se como eficientes meios para estimular e possibilitar o desenvolvimento da autonomia, pois “[...] os meios de comunicação de massa influenciam globalmente um uso mais intenso da razão individual” (LIPOVETSKY, 2004, p.73). Percebe-se que cada vez mais os partidos políticos e as ideologias hegemônicas perdem o poder de cristalizar um ideário de sociedade, que poderia promover esperança coletiva.

As grandes ideologias políticas não conseguem mais fazer a sociedade sonhar com um mundo melhor, não existe mais a confiança em utopias, pois “[...] vivemos em uma sociedade da superabundância de ofertas e da desestabilização das culturas de classe. São essas condições que criam as condições próprias para uma individualização extrema das preferências de cada um” (LIPOVETSKY, 2007, p.34). Desta forma, a sociedade da presença das mídias pode levar o cidadão a formar opiniões com um certo grau de autenticidade a partir de informações mais “neutras” em relação às influências tradicionais ou pela diversidade de oposições e contradições entre as múltiplas informações, pois:

[...] o fenômeno da descrença nas utopias, característico de nosso tempo. As mega-ideologias do século XX quiseram esconder tudo aquilo que pudesse contrariar o sonho idílico de um exuberante amanhã. Ao dissimular a realidade, elas se protegeram, ao menos por certo tempo, do ceticismo, da desconfiança e do desencanto. No contexto atual, esse artifício tornou-se insustentável, pois o acesso aos meios de informação deixou de ser apanágio dos partidos políticos. Menos ofuscados pela retórica o totalitarismo, mais informados e autônomos em relação aos partidos, os cidadãos estão mais críticos em relação aos dirigentes e a seus discursos (LIPOVETSKY, 2007, p.41).

Mesmo reconhecendo que está muito longe da mídia realizar a democratização da cultura, os cidadãos, neste panorama, recebem informações de escândalos, de corrupção e de má administração, o que pode desiludi-los e, desta forma, podem ter uma postura mais crítica em relação ao contexto. Nesta conjuntura, Lipovetsky ao analisar as influências da mídia na primeira década deste século, faz a apreciação de alguns fenômenos, os quais são imprescindíveis para a reflexão sobre a participação cidadã na sociedade marcada pela presença da informação.

A saber, a mídia possibilita aos eleitores conhecerem e analisarem a personalidade dos líderes sem intermediação de partidos políticos, pois, atualmente, escolhe-se mais as pessoas e menos os programas, porque “As sociedades liberais são contemporâneas de uma neutralização da mídia em relação aos partidos políticos” (LIPOVETSKY, 2004, p.82). Sendo assim, compreende-se que, na primeira década do século XXI, marcada pelas influências das mídias de cunho mais tradicional, houve o declínio da dominação dos partidos de massa, condição que, de certo ponto de vista, possibilita ao cidadão maior autonomia e responsabilidade nas escolhas

democráticas. Esse fator entusiasmou o interesse pleno das sociedades liberais pela consolidação da democracia, pois “A crise das democracias é menos significativa que os seus triunfos. Os inúmeros problemas que surgem não questionam mais a legitimidade dos princípios democráticos” (LIPOVETSKY, 2004, p.84), principalmente quando se compreende que “[...] a democracia é um sistema que gera decepção... especialmente quando é bem feita” (INNERARITY, 2017, p.125).

Contudo, as escolhas orientadas mais pelas personalidades dos líderes e a suposta neutralidade também podem ser fatores que, paradoxalmente, contribuem para debilitar a democracia. Compreende-se que a pessoa que ocupa o lugar do poder é apenas o representante de uma ideologia escolhida pelo eleitorado, logo a influência partidária tem fundamental importância para que as escolhas dos cidadãos contemporâneos sejam carregadas de intencionalidade, as quais venham a atender os reais interesses do público.

Além dos fatores explanados acima, para Lipovetsky (2004), é também cada vez mais presente a volatilidade dos eleitores em relação às suas escolhas. Percebe-se o crescente número de cidadãos que concordam apenas parcialmente com as ideias de um único partido. Os eleitores que votavam com frequência em uma mesma ideologia, o que representava a identidade de classe, atualmente orientam-se mais individualmente e mudam de voto de acordo com suas preferências. Existe a liberdade de opinião e menor influência ideológica e social, uma vez que o cidadão faz uso de certa autonomia, e, assim, compreende-se que a mídia possibilitou um eleitorado flutuante e informado.

Ao desqualificar o autoritarismo e os movimentos que incitam à violência e, assim, promover a tolerância, os direitos humanos e o bem-estar individual, a mídia é um dos múltiplos fatores que influenciam para a consolidação da democracia e da liberdade.

A mídia menos alienou o cidadão que o tornou autônomo em relação aos partidos políticos. A mídia fez menos do cidadão um espectador passivo que o transformou em eleitor mais capaz de julgar independentemente das preferências e das clivagens partidárias. Passamos de uma democracia de partidos para uma “democracia de público” baseada num mídioliberalismo (LIPOVETSKY, 2004, p.83).

Porém, estes fatores não são totalmente positivos porque deve-se considerar que os fenômenos ocasionados pela mídia são diversos, distintos e possíveis de interpretações conflitantes. A decadência do poder de influência dos partidos, que é cultivada pelas informações veiculadas pelas tecnologias midiáticas de massa, tem, conforme Daniel Innerarity (2017), efeitos distintos sobre a democracia:

(...) pior que um sistema com partidos ruins é um sistema sem partidos; aqueles que lamentam o seu caráter oligárquico terão mais motivos para se queixar caso os partidos percam sua força ao ponto de se tornarem incapazes de atender às expectativas de representação, orientação, participação e configuração da vontade política que deles se espera nas democracias constitucionais (INNERARITY, 2017, p.48).

Lipovetsky (2004) também compreende que a mídia tem um efeito ambíguo sobre a cultura, pois, atualmente, devido à ampla publicidade de escândalos e corrupção no âmbito político, em vez disso condicionar o surgimento de certa autonomia, pode instaurar uma certa desconfiança e ceticismos, compreendendo que “ninguém é honesto”, provocando uma separação entre vida política e vida concreta¹⁷, assim aumentando em grande escala a despolitização dos indivíduos contemporâneos. Condição que conduz, cada vez mais, ao aumento dos votos de protestos, à indiferença e à abstenção perante as decisões políticas e partidárias. Muitos não se interessam mais na participação política e não creem nos grandes projetos coletivos partidários, o que pode difundir na sociedade uma cultura da indiferença, pois as “[...] expressões da nossa indignação podem nos levar a conclusões que representam o oposto daquilo que queremos defender” (INNERARITY, 2017, p. 22), e, dessa forma, fragilizando ainda mais a democracia.

Ademais, a política contemporânea releva sua impotência ao ser incapaz de controlar as determinações do capitalismo financeiro global, o qual apresenta-se cada vez mais flexível, assim fazendo do cidadão, muitas vezes, um ser apenas econômico. Neste contexto, para Daniel Innerarity (2017), a política apresenta-se fraca e incerta, e essa debilidade aumentou depois dela exibir a sua impotência para pôr limites aos desígnios dos mercados. Vulnerabilidade que vem evoluindo cada vez mais nos tempos marcados pelo hiperconsumo, assim revelando possíveis falsas interpretações de neutralidade da política quando se refere ao mundo dos interesses econômicos.

Além deste fator, deve-se considerar que o contexto atual não é marcado apenas pelas influências das mídias tradicionais, mas a constituição da cultura é condicionada consideravelmente pelas tecnologias digitais. As informações que circulam no aplicativos digitais: *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook* têm efeitos distintos sobre as questões políticas: em primeiro lugar, assim como existem nas redes sociais mobilizações que lutam por justiça sociais e por respeito às diversidades, também percebe-se o surgimento de grupos populistas

¹⁷ Vida concreta compreende-se como a realidade material e histórica do indivíduo em sociedade.

radicais xenófobos e terroristas, os quais têm mais dinâmica e poder de proliferação por meio das tecnologias que auxiliam a comunicação em massa.

Em segundo lugar, com o domínio da tecnologia digital no campo das comunicações, a humanidade teve que lidar com o problema da sobrecarga de informações, e a alternativa encontrada pelas empresas que exploram este campo para evitar o colapso da informação foi a personalização dos conteúdos proliferados na rede digital por meio de algoritmos¹⁸, assim reduzindo a diversidade de informações e atraindo a atenção dos usuários com conteúdos que estão mais de acordo com seus interesses. Fator que atrai a atenção por mais tempo às telas dos aparelhos e viabiliza o lucro para essas empresas globais.

Contudo, em vez das redes de comunicação digital possibilitarem a diversificação de informações, as quais muitas vezes deveriam apresentarem-se contraditórias entre si e influenciar a uso da razão privada gerando o esclarecendo cultural, com o uso de algoritmos, provoca-se um efeito contrário sobre a cultura e sobre a politização do cidadão contemporâneo. Segundo Rodrigo Aguiar da Silva (2019), “[...] se a utilização de algoritmos para entrega de conteúdo personalizado for analisada no âmbito das comunicações políticas, as informações acabam se restringido aos interesses e ideologias previamente manifestados pelo cidadão na própria plataforma digital, impedindo-o de ter contato com opiniões diversas da sua” (SILVA, 2019, p.2). Os algoritmos colocam o cidadão dentro de comunidades fechadas restringindo o diálogo com grupos que pensam de forma distinta, assim levando a indivíduo a ouvir versões repetitivas de suas próprias convicções e, desta forma, reforçando os próprios preconceitos.

O ciberespaço, ao possibilitar a produção, distribuição e o compartilhamento de informações livremente, em vez de gerar uma inteligência coletiva e politicamente consciente, com a implantação de algoritmos leva a uma espécie de bolhas digitais onde os usuários das redes se fecham em ambientes nos quais eles têm alta afinidade ideológica. Assim, esses conteúdos apenas reforçam as concepções políticas do cidadão de acordo com suas próprias crenças, impedindo o debate entre ideias distintas e contribuindo para a polarização nas concepções políticas ideológicas. É uma questão que merece a devida atenção, pois trata-se de

¹⁸ Algoritmo é o nome genérico de um conjunto de instruções, de uma sequência de passos com o objetivo de atingir determinado resultado. [...] a noção de algoritmo é bem anterior ao surgimento e à popularização da Internet. [...]. Todos os programas de computador precisam de instruções para funcionar. Eles conseguem fazer coisas automaticamente, mas têm de saber quais passos devem dar para que as tarefas sejam realizadas a contento. Essas instruções são chamadas de “código” ou “programação”: elas são receitas de como tais programas devem funcionar. [...] a decisão sobre como algoritmos funcionarão está nas mãos daqueles que os programam e os disponibilizam (SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maíke Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, 2018, p. 19-20).

um dos principais riscos que a democracia enfrenta atualmente. A informação influencia fortemente nas escolhas políticas dos indivíduos, no entanto, nas redes digitais, percebe-se a ausência do debate e do conflito de ideias, características básicas da democracia.

Em terceiro lugar, o fato das tecnologias digitais de comunicação influenciarem intensamente a proliferação das *fake news*. Segundo pesquisas realizadas por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, dos Estados Unidos, as notícias falsas se espalham 70% mais rápido do as notícias verdadeiras, pois, “[...] cada postagem verdadeira atinge, em média, mil pessoas, enquanto as postagens falsas mais populares atingem de mil a 100 mil pessoas”¹⁹. Trata-se de uma condição que revela os riscos que as novas tecnologias de informação representam para a democracia. Ao invés de possibilitar um eleitorado consciente e informado, elas acabam favorecendo o surgimento de uma sociedade desinformada, na qual enraízam-se múltiplos preconceitos, transformando, assim, a política em espetáculo.

Evidencia-se, outrossim, a necessidade de analisar com os jovens os impactos das tecnologias de informação na constituição da sociedade, compreendendo-as como uma via de mão dupla. Assim, os apontamentos de Gilles Lipovetsky sobre o poder das mídias de comunicação e de informação de massa, os quais devem ser analisados com certo distanciamento, enfatizam a necessidade de trazer para as instituições de ensino estudos e reflexões sobre o papel destas invenções tecnológicas no ambiente escolar e na formação dos jovens. A partir da leitura deste pensador, especialmente sobre as influências das mídias na construção da cultura, nas concepções éticas e na politização, acredita-se que as instituições de ensino são capazes de contribuir para a formação de um indivíduo mais competente, autônomo e tolerante perante os múltiplos desdobramentos destes fenômenos. Visto que as implicações do uso das mídias são relativas, seus efeitos na cultura são ambíguos e é a partir desta ambiguidade que se deve analisá-las. Nelas veiculam a solidez e, ao mesmo tempo, a fragilidade das democracias, nelas aparecem os grupos radicais, mas também funcionam como um polo de moderação e de permanente discussão, ou seja, elas podem tanto degradar quanto construir bons hábitos. E as reflexões de cunho filosófico com os adolescentes podem evitar o surgimento de ações que possivelmente causam múltiplos danos à diversidade sociocultural e, assim, melhor preparar o jovem para os diversos desdobramentos desta técnica no contexto da sociedade atual.

¹⁹Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 16 abr. 2021.

2.4 Byung-Chul Han: a sociedade do desempenho e as mídias digitais

Mesmo reconhecendo os diversos benefícios das tecnologias de comunicação e de informação de massa nas dimensões da economia e da vida dos sujeitos, percebe-se a necessidade de apontar outras nuances desta formidável invenção humana. Essas tecnologias possibilitam eficiência na organização das empresas, indústrias e comércio; enfim, apresentam-se benéficas para o mercado global como um todo, e há benefícios para os indivíduos, que são, via de regra, também os que mais sofrem com os efeitos negativos de todo o sistema de vigilância e controle nas plataformas digitais. Para isso, apontar-se-ão algumas reflexões do filósofo sul coreano Byung-Chul Han, ao tratar dos possíveis danos da tecnologia digital na formação do sujeito e da cultura contemporânea.

Contrariamente a Gilles Lipovetsky (2004), Han (2017) afirma que, atualmente, vive-se um novo período da história da humanidade, afinal, trata-se do surgimento de um novo contexto social caracterizado pela positividade, transparência e excesso do igual²⁰, condições que trabalham para o “desaparecimento da alteridade e da estranheza” (HAN, 2017, p.10), pois o século passado é visto como uma época viral, imunológica, marcada pelo ataque e defesa. Isto é, a sociedade da negatividade, da dialética e da alteridade, condições que delimitam certo paradigma social interpretado anteriormente por Michael Foucault (1987) como a sociedade disciplinar e da obediência. No entanto, para Han não mais vive-se a época do dever e da obediência, mas sim a época da positividade:

A exigência de transparência, presente por todo lado, intensifica-se de tal modo que se torna um fetiche e um tema totalizante, remontando a uma mudança de paradigma que não se limita ao âmbito da política e da sociedade. Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma sociedade positiva (HAN, 2017a, p.9).

Este novo paradigma é denominado por Byung-Chul Han como a sociedade do desempenho, que é consequência das transformações do capitalismo tardio. Não é a eliminação da sociedade disciplinar, mas uma espécie de reciclagem e adequação desses princípios de acordo com as reestruturações do mercado, assim tornando a sociedade mais “eficiente” e

²⁰ A sociedade delineada nas obras do filósofo Byung-Chul Han é a da transparência, pois, muitas vezes, a dinâmica de construção do espaço social, ao obedecer as diretrizes do capital, faz tudo se tornar transparente e passível de cálculo e controle, porque: “[...] as ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando se subordinam a um processo passível de cálculo e controle. [...] o dinheiro, que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (*Hölle*) do igual” (HAN, Byung-Chul, 2017. p.10).

produtiva. A sociedade do desempenho não elimina a disciplinar porque atuam concomitantemente, no entanto, para a economia neoliberal os meios de controle biopolíticos não são eficazes para o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo. Eles não dão acesso aos pensamentos, desejos e vontades dos sujeitos. Na sociedade do desempenho elencada por Han surgiram eficazes técnicas de manipulação e de controle, possibilitando maiores rendimentos e produção ao adentrar no inconsciente dos indivíduos²¹.

As novas técnicas do poder neoliberal produzem o indivíduo do superconsumo, da superprodução e da supercomunicação, do desempenho e da autoexploração, pois no novo estágio do capitalismo do início do século XXI, utiliza-se de técnicas que buscam explorar a própria liberdade dos indivíduos, portanto, são mais eficientes. Por meio de todo um aparato de tecnologia de comunicação e de informação nasce uma nova técnica de controle e de manipulação social, a saber, a psicopolítica²². A biopolítica apresenta certa eficiência no adestramento e domesticação do corpo, porém acessa apenas o externo, assim como o panóptico de Bentham²³, acessa apenas os comportamentos externos dos prisioneiros. Diferentemente, a psicopolítica penetra e intervém na *psique* do sujeito contemporâneo. Para Han (2018), através das múltiplas informações que são expostas nos meios da tecnologia digital, é possível ter um certo mapeamento dos comportamentos das pessoas, tanto os externos, quanto a *psique* dos sujeitos, e, por meio deste conhecimento, induzir ou construir desejos e emoções nos mesmos. Trata-se da formação de um sujeito para a produção e para o consumo eficaz, ou seja, para alimentar engrenagem da economia neoliberal.

²¹ “A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos da inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração” (HAN, Byung-Chul, 2018, p.45).

²² “Hoje uma nova mudança de paradigma se realiza. O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E, no lugar do biopoder, entra o psicopoder. A psicopolítica está em posição para, com ajuda da vigilância digital, ler e controlar pensamentos” (HAN, Byung-Chul, 2018, p.130).

²³ “O *Panóptico* de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha” (FOUCAULT, Michel, 1987, p.166).

Um fato que ocasiona preocupação é a presença e a intensidade das redes sociais no cotidiano dos jovens do Ensino Médio. Na pesquisa realizada com os estudantes do segundo ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Almirante Barroso, a totalidade dos entrevistados afirmaram possuir celular, acesso à internet e perfil próprio em alguma rede social²⁴. Informações que corroboram parcialmente os argumentos de Han²⁵, pois, para o filósofo, atualmente são vivenciados excessos de uso das mídias digitais, sem uma análise das possíveis consequências maléficas, uma vez que:

[...] é contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos. O contágio é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz deste contágio viral (HAN, 2018a, p. 98-99).

Reconhecendo o poder intrínseco da comunicação digital, percebe-se que é necessário refletir sobre isso no contexto escolar, pois o ambiente de produção de conhecimento e de formação de indivíduos não pode simplesmente sofrer as determinações sem refletir sobre as mesmas, sejam elas de qualquer natureza. Principalmente quando se subtende que a observação do filósofo desvela as consequências negativas que o ciberespaço acarreta para a formação cultural e cidadã do indivíduo contemporâneo.

Ainda no contexto da pesquisa, dos vinte e um entrevistados, apenas três jovens reconheceram o poder negativo das mídias digitais na formação da cultura²⁶, o que pode ser um caminho de reflexão para desenvolver a consciência das várias facetas da condição humana.

A reflexão a partir deste pensamento pode contribuir para a autenticidade²⁷ da postura, do comportamento e das escolhas do jovem que vive neste início do século XXI, submerso nas influências das mídias digitais.

2.4.1 Sociedade disciplinar e/ou sociedade do desempenho

²⁴ Dados: anexo 2, gráficos 6, 7 e 9.

²⁵ Para Han (2018) é o próprio sujeito que se submete ao panóptico digital ao postar suas informações nas redes sociais.

²⁶ Dados da pesquisa realizada em 2019 com os estudantes do segundo ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Almirante Barroso: anexo 2, gráfico 14.

²⁷ Acredita-se que para haver qualquer comportamento autêntico deve-se desvelar toda possibilidade de alienação, faz-se necessário ter consciência da condição em que se vive.

Byung-Chul Han (2015), ao delinear a noção de sociedade do desempenho, critica a sociedade disciplinar apresentada pelo filósofo Michel Foucault (1987), o qual afirma que, ao longo da história, os processos disciplinares assumiram formas gerais de dominação nos espaços, como nos exemplos dos hospícios, hospitais, escolas, quartéis, entre outros. O espaço, o tempo e o movimento foram submetidos ao olhar vigilante, que, por fim, introjetou-se no indivíduo. Este poder não é exercido pela força física ou pela violência aparente, na medida em que trata-se de um adestramento do corpo e do comportamento para produzir indivíduos normatizados para o mundo da produção e do mercado.

Para Foucault (1987), na era moderna houve a descoberta do corpo como objeto de poder, o que levou à revelação de grande atenção como objeto que se manipula, modela, treina e obedece, que se torna hábil e suas forças se multiplicam, pois, “[...] é dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.118). Não é apenas uma atitude de cuidar do corpo, mas de trabalhá-lo detalhadamente para exercer sobre ele uma coerção profunda e mantê-lo ao nível apenas mecânico. Este controle do comportamento humano objetiva à economia do tempo, à eficácia dos movimentos atendendo às necessidades da produção econômica capitalista. Logo, neste contexto:

Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina, a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1987, p.119).

A disciplina aumenta a capacidade do corpo em termos de economia, de utilidade, de capacidade, e, por outro lado, ela inverte esta energia em uma situação de obediência e de sujeição do indivíduo²⁸. O poder disciplinar estabelece uma relação de aptidão aumentada, no caso da produção e rendimento no trabalho, e uma dominação acentuada ao que se refere à obediência às leis e normas. Neste sentido, os indivíduos da sociedade disciplinar são também “bonecos políticos”, ou seja, modelos reduzidos de poder. Logo, as referências da sociedade

²⁸ “O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. [...] Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observação das receitas” (FOUCAULT, 1987, p.167).

política não são mais direitos fundamentais ou a vontade geral, mas o treinamento progressivo, a docilidade construída no “cidadão”.

Tal sociedade elencada por Foucault apresenta suas evidências na própria organização dos espaços, seja o escolar, o hospital, a indústria, entre outros, pois:

Toda a problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista, ou para vigiar o espaço externo, mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que obriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. As pedras podem tornar dócil e conheável (FOUCAULT, 1987, p.144).

A organização do espaço das instituições de ensino e as modificações técnicas, determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos, pois organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Assim, fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar e de recompensar. A distribuição espacial dos lugares de estudantes e do professor permite a realização de uma série de tarefas e distinções, assim otimizado o tempo e os gestos, e garantem a obediência dos indivíduos, situação que contribui para a eficácia da “política” e da produção econômica no capitalismo.

No entanto, para Han (2015), contrariamente à filosofia de Foucault, este mundo globalizado neoliberal, dominado pela economia e pelas técnicas, produz um indivíduo distinto daquele que nasceu antes do início do século XXI. Em sua obra *Sociedade do cansaço*, o pensador deixa claro as distinções entre as duas interpretações, pois:

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade do desempenho. No lugar de proibições, mandamento ou lei, entram projetos, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não, sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (HAN, 2015, p.24-25).

A sociedade que vai se constituindo neste início do século XXI é distinta da sociedade do século passado pela ocorrência do fator biológico imunológico²⁹, definida pela dialética de

²⁹ Segundo Han (2017), o dispositivo imunológico ultrapassa o campo biológico e adentra no campo social. O mundo organizado imunologicamente é marcado por barreiras, passagens, cercas e trincheiras.

ataque e defesa, característica básica da sociedade da negatividade, e que está cada vez mais se afastando para dar espaço à sociedade caracterizada pela positividade onde o imigrante/estrangeiro, muitas vezes, não é mais visto como inimigo. A lógica desta sociedade do desempenho que vem se desvelando cada dia mais tem como principal imperativo o sujeito que é o senhor e o escravo de si ao mesmo, na medida em que ele não precisa estar submetido a nenhum trabalho compulsório. Não é somente à obediência, às normas e ao cumprimento do dever; mas sim, boa vontade e liberdade. O indivíduo da sociedade do desempenho ouve a si mesmo e é seu próprio empreendedor, em que talvez o único imperativo a ser seguido seja sempre procurar superar a si mesmo. Assim, quando são livres de mandamentos que podem vir de outrem, a liberdade torna-se paradoxal, pois a positividade apresenta-se como violência e produz novas formas de coações. O exagero configura-se em violência que vem de si mesmo.

Na sociedade onde existe a ilusão que o sujeito é o único detentor dos poderes sobre si mesmo, com discursos de direito à felicidade e ao sucesso, não é uma sociedade livre de disciplina, pois o sujeito do desempenho é autodisciplinado por um ideal de projeto, o qual está sempre a ser reprojetoado com maiores ambições. Nesse contexto, a autodisciplina pressupõe a autoexploração na busca contínua por melhores resultados, condição que favorece o desenvolvimento eficaz do mercado neoliberal, porém gera novos e mais profundos tipos de coação.

Dessa forma, buscando fazer o diagnóstico da condição humana do sujeito do início do corrente século, Han (2015) elenca as várias patologias que o afetam, como as enfermidades que têm suas causas nos modos de vida, condicionadas pela economia e pelo trabalho. O principal sintoma desta “nova” sociedade da produção é o adoecimento do sujeito. Ele afirma que, na evolução ou até mesmo na mutação da economia capitalista para a neoliberal, ocorre o florescimento da sociedade do desempenho e da positividade, isto é, trata-se de um desdobramento da economia capitalista que traz muitas consequências para a vida social e individual, e que podem culminar nas patologias neuronais³⁰. A causa desse panorama é o excesso de positividade, pois “[...] não permite nenhuma polaridade entre o amigo e o inimigo, o interior e o exterior ou entre o próprio e o estranho” (HAN, 2015, p.19), ou seja, tudo o que é

³⁰ Han interpreta patologia neuronal como “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (HAN, 2015, p.7-8).

negativo é visto pelos princípios da sociedade do desempenho como algo que precisa ser eliminado para dar espaço à eficiência.

A negatividade, que tem um papel importante na história da filosofia, sobretudo com relação à tradição dialética e à concepção grega de filosofia como modo de vida, é cada vez mais atacada na sociedade contemporânea, a fim de ser reduzida ao máximo possível. Neste contexto, a sociedade globalizada vivencia excessos de positividade e transparência, sofrendo com a falta de negatividade, do mistério, da heterogeneidade e da opacidade em seus modos de vida.

Um mundo transparente está entregue ao imediato, a um processo passível de cálculo, governo e controle, em que tudo se esvazia de profundidade e de hermenêutica, e, assim, perde singularidade para se tornar facilmente aceitável e consumível. Não existe mais os desafios de sentir e compreender em profundidade, porque há facilidade em aceitar e incorporar “mais do mesmo”. Neste sentido, os modos de viver, as particularidades dos indivíduos e suas emoções são substituídos por vivências rápidas, acessíveis, padronizadas e indolores. A negatividade, que hoje se apresenta com certa escassez, é a esfera de natureza misteriosa, oculta, desconhecida e ambígua, ela é essencial para que os hábitos sociais e os modos de vida comunitários não se tornem demasiadamente homogêneos e capitalizados, pois na sociedade atual os comportamentos são influenciados pela economia neoliberal e podem atender, tão somente, às tendências da produção e do consumo.

2.4.2 Influências das mídias digitais: condição do sujeito contemporâneo

As mídias digitais, ao condicionarem a formação cultural, podem tanto acarretar benefícios, contribuindo para a formação de certo capital social, quanto serem eficazes instrumentos de imbecilização coletiva. Enquanto instrumento administrado por uma ideologia hegemônica, constroem um mundo que sugere a não existência dos fatos, e sim um distanciamento da realidade concreta, pois neste meio existem as *fake news*, interpretações díspares, vícios e entre outros desvios devido a própria natureza de proliferação de informações. Alguém com uma conta em uma rede social pode reivindicar ser fonte de notícias, condição

que deixa muito difícil distinguir a verdade da mentira, pois existe o hábito de consumo de *fake news*, de manipular e confundir dados, informações e notícias. É um “lugar” onde todos apresentam-se como especialistas e leigos, fato que condiciona ao mundo da pós-verdade.

Devido ao excesso de informações nas mídias digitais, os valores de verdade e de mentira não existem mais com a mesma intensidade de épocas anteriores³¹, pois “[...] a web é o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois” (D’ANCONA, 2018, p.55). Trata-se de um ambiente no qual os critérios racionais estão cada vez mais saindo de palco para dar espaço às emoções e aos desejos para julgarem o que é digno de se crer. Esta é uma das principais características que define o mundo da pós-verdade: “A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como se escolhesse comida de um bufê” (D’ANCONA, 2018, p. 57). Esta condição se afasta consideravelmente dos princípios epistemológicos tradicionais³² e abre campo para os diversos tipos de fanatismo, multiplicação de seitas e outros gêneros de fundamentalismo³³.

Han, ao analisar as influências das mídias na formação cultural contemporânea, afirma, em sua obra *No enxame* (2018), que esse contexto, condicionado pelos múltiplos princípios da economia vigente, contribui para o desabrochar da sociedade do desempenho, pois as informações digitais transformam consideravelmente a percepção, a sensibilidade, o modo de pensar e a vida coletiva ao se apresentar como um lugar no qual tudo é possível e carregado de excessos.

A comunicação nas redes sociais é rápida e eficaz, porém “[...] transparência e verdade não são a mesma coisa. Essa última é uma negatividade enquanto se põe e impõe declarando as

³¹ Em grego, verdade se diz *alétheia*, palavra composta do prefixo *a* (“negação”) e de *léthe* (“esquecimento”). *Alétheia* significa “o não esquecido” e, justamente por isso, como vê-se no Mito de Er, Platão fala da verdade como “o que é lembrado ou não esquecido”. Por extensão do sentido, *alétheia* também significa “o não escondido, não dissimulado”, aquilo que vemos numa contemplação, o que se manifesta ou se mostra aos olhos do corpo e do espírito. O verdadeiro se opõe ao falso, pseudos, o que é o encoberto, o dissimulado, o que não é como parece. O verdadeiro é o plenamente visível para a razão ou o evidente (pois a palavra evidência significa “visão completa e total de alguma coisa”). Assim, a verdade é uma automanifestação da realidade ou a manifestação dos seres à visão intelectual dos humanos. Ela é uma qualidade das próprias coisas (o manifestar-se ou mostrar-se a si mesmas), e o verdadeiro está nas próprias coisas quando o que elas manifestam é sua realidade própria. Por isso, na concepção grega, o verdadeiro é o ser e o falso é o parecer (CHAUÍ, 2016. p. 112).

³² Como, por exemplo, nas teorias clássicas tem-se: os critérios da correspondência e da evidência abordados na filosofia de Aristóteles e de Descartes. Ambos revelam o rigor necessário para se pontuar algo como verdadeiro, rigor que se perde na multiplicidade de informações veiculadas pelas mídias digitais.

³³ Quando se analisa uma campanha política partidária na mídia não é difícil perceber as diversas manifestações fundamentalistas que florescem nas informações das redes digitais. Trata-se de um turbilhão de notícias, informações tendenciosas e unilaterais, as quais, ao atender interesses particulares de um “partido” ou classe, distanciam consideravelmente de certo compromisso com a honestidade e com a justiça social.

outras coisas como falsas. Mais informação ou uma acumulação de informação por si só não é nenhuma verdade” (HAN, 2017, p. 24). Sendo assim, o mundo da mídia digital pode ser caracterizado como a época da pós-verdade, da hipercomunicação e da hiperinformação. Esta condição carrega consigo várias consequências à vida coletiva e individual. Uma das implicações desse excesso e dessa rápida circulação de informações não filtrada é a chamada Síndrome da Fadiga da Informação:

SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), o cansaço da informação, é a enfermidade psíquica que é causada por excesso de informação. Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades. (...) O excesso de informação faz com que o pensamento defina. A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão. Ela é, em última instância, a capacidade de distinguir o essencial do não essencial (HAN, 2018a, p.104-105).

Além do mais, a informação nas mídias digitais, a rapidez e o excesso de dados, faz com que a percepção perca consideravelmente a sensibilidade, situação que pode ocasionar certos danos à construção da realidade a ser conhecida. Praticamente tudo se transforma em linguagem de desempenho e eficiência, uma vez que, em meio a tantas informações imediatistas, não existe o devido espaço de tempo para a atenção profunda e cuidadosa, a paciência, e quase inexistente a ação de deixar os olhos habituarem-se ao objeto de conhecimento. Desta forma, as mídias, entendidas como um meio que possibilita aos indivíduos realizarem uma multiplicidade de tarefas ao mesmo tempo, torna-se um empecilho para o bom desenvolvimento do pensar, pois dividir a atenção com o objetivo de dar conta de tudo o que passa nas telas dos aparelhos midiáticos, conseqüentemente leva à atenção rasa e sem profundidade contemplativa. Trata-se da intolerância ao tédio e a inexistência do pensar criativo, condições intrínsecas para a interpretação do mundo, porém qualquer postura contemplativa retarda a desejada eficiência da sociedade do desempenho. Como vemos em Han (2017):

A verdade é uma negatividade na medida em que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso. Mais informações ou um acúmulo de informações, por si só, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e o sentido. É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo. A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser. Mais informação e mais comunicação não afastam a fundamental falta de precisão do todo. Pelo contrário, intensifica-a ainda mais (HAN, 2017, p.25).

Além dessas implicações epistemológicas e psicológicas, a concepção teórica haniana sobre as mídias condiciona muitos outros problemas periféricos, como pode-se observar quando ele afirma que neste “[...] universo onde ocorre uma reação em cadeia do igual, a negatividade

da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa e igual” (HAN, 2017, p.11). A partir deste contexto, surgem as seguintes perguntas: como é possível o enaltecimento da alteridade, a valorização do diferente e da oposição em tal sociedade? Como é possível a verdade neste mundo da linguagem empobrecida, propagada pelas redes sociais? Quais são os riscos da hipercomunicação e da hiperinformação para a representatividade política do cidadão e para a sua liberdade? Estas são algumas questões que brotam do contexto contemporâneo a partir da filosofia de Han, e que revelam a importância de se debruçar sobre elas com certo rigor conceitual para encontrar os possíveis caminhos para amenizar os danos das mídias digitais na constituição da cultura atual.

2.4.3 Sociedade da transparência e liberdade paradoxal

O indivíduo do início do século XXI torna-se cada vez mais explorador de si mesmo, atendendo às coordenadas da sociedade do desempenho que se desenvolve em desarmonia com os valores humanistas. O sujeito de desempenho encontra-se mais livre da instância externa, de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo, não está submisso a ninguém, ou melhor, está submisso apenas a si mesmo. A queda das instâncias disciplinares não leva à liberdade, mas, ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam: “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa auto exploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado” (HAN, 2015, p. 30). Neste contexto, em que o agressor e a vítima não podem ser distinguidos, tal liberdade paradoxal se transforma em violência³⁴. É neste sentido que é possível compreender que as doenças mais frequentes nos ambientes de trabalho sejam resultado dessas situações.

Conforme a discussão sobre essa liberdade paradoxal, a comunicação na internet e nas redes sociais produz estruturas de vigilância e de controle positivamente. Trata-se de uma nova prisão em que os próprios prisioneiros acessam voluntariamente suas cadeias ao integrarem-se nas várias redes, despejando livremente todos os seus dados no “sistema” quando se exibem

³⁴ “[...] a mudança de sujeito para projeto não faz desaparecer a violência; em lugar de coerções exteriores surge a autoagressão. [...] O sujeito de desempenho explora a si mesmo até chegar a consumir-se totalmente (*burnout*), e assim há o surgimento da autoagressividade, que vai se intensificando e, não raro, leva ao suicídio. O projeto revela ser, na verdade, um projétil que o sujeito do desempenho direciona contra si” (HAN, 2017, p.25).

por meio de imagens e diálogos de todos os tipos. Neste sentido, produzem um panóptico onde todos, ao mesmo tempo, são vigilantes e vigiados, sem sequer a necessidade de forças contrárias. Segundo Han:

Hoje, o Globo como um todo está se transformando em um único panóptico. Não existe um fora do panóptico; ele se torna total, não existindo muralha que possa separar o interior do exterior. Google® e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas panópticas. Hoje, a supervisão não se dá como se admite usualmente, como *agressão à liberdade*. Ao contrário, as pessoas se expõem *livremente* ao olho panóptico. Elas colaboram intensamente na edificação do panóptico digital na medida em que se desnudam e se expõem. O presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle (HAN, 2017, p.115).

Para Han, o psicopoder apresenta-se de forma mais eficaz do que o biopoder na medida em que vigia, controla e influencia o ser humano não de fora, mas sim a partir de dentro. O psicopoder, ao atacar as “estruturas” afetivas e emocionais dos indivíduos, empodera-se do comportamento social dos sujeitos ao acessar a sua lógica inconsciente e cria condições para que o próprio indivíduo seja agressor de sua própria liberdade.

Esse fator é mais fácil compreender quando passamos a analisar as publicações nas redes sociais, que contribuem para a constituição de um conjunto de crenças, uma espécie de “inconsciente coletivo”, o qual caracteriza-se pela lógica do neoliberalismo em que o “valor de exposição” predomina em detrimento do “valor oculto”, pois a negatividade do oculto paralisa a comunicação. Na sociedade positiva, o valor só é medido pela quantidade e velocidade da troca de informações. Assim, a massa de comunicação eleva seu valor econômico por apresentar-se eficaz, e qualquer informação que exija a análise com certa profundidade prejudica esta lógica.

O valor expositivo depende sobretudo da bela aparência. Assim, a coação por exposição gera uma coação por beleza e por *fitness*; a “operação beleza” tem como objetivo maximizar o valor expositivo. Nesse sentido, os *paradigmas* atuais não transmitem qualquer valor interior, mas medidas exteriores, às quais se procura corresponder, mesmo que às vezes seja necessário lançar mão de recursos violentos. O imperativo expositivo leva a uma absolutização do visível e do exterior. O invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção (HAN, 2017, p.34).

Sendo assim, a hipervisibilidade que não apresenta qualquer traço de negatividade do oculto, do inacessível e do mistério, não possibilita a necessidade de qualquer questionamento, pois não possui estrutura hermenêutica. A transparência caminha cada vez mais para um vazio

de sentido, pois não apresenta qualquer alteridade e isto faz com que os indivíduos não identifiquem quem é o inimigo.

A transparência possibilitada pelos *Big Data*³⁵, o conhecimento absoluto em que tudo é mensurável e qualificável, torna possível extrair um certo conhecimento da *psique*, talvez o conhecimento até mesmo de um psicograma do inconsciente do coletivo. Trata-se de um conhecimento numerável e controlável dos detalhes das ações, emoções e afetividades dos indivíduos da sociedade neoliberal. Até as microações, que escapam da consciência dos sujeitos, e que podem constituir padrões coletivos de comportamentos, são mensuráveis para que seja possível expor e explorar a *psique* do cidadão, com várias finalidades, seja ela para produção, consumo ou até mesmo para fins políticos.

Byung-Chul Han, em sua obra *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas formas de poder* (2018), afirma:

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos da inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração (HAN, 2018, p.45).

Sendo assim, não existem muitas dúvidas que as novas técnicas de poder produzidas pela sociedade do desempenho estão cada vez mais presentes no cotidiano do cidadão contemporâneo. Além de deslocarem o sujeito para um projeto de autoexploração, estas técnicas possibilitam extrair uma certa “totalidade” de suas informações, oriundas do conhecimento das várias dimensões da vida, sejam elas físicas, econômicas e, principalmente psicológicas. O psicopoder, ao se apropriar desta transparência das informações, torna-se mais eficaz para vigiar, controlar e conduzir os indivíduos de acordo com as necessidades dos padrões econômicos. Ou melhor, os novos mecanismos apresentam maior eficácia e produzem indivíduos auto exploradores.

³⁵ Os *Big Data* são um instrumento psicopolítico muito eficaz, pois: “O dataísmo surge com a ênfase em um *segundo iluminismo*. [...] A transparência é a palavra-chave para o *segundo iluminismo*. Os dados são um médium transparente: são, como também se pode ler no artigo do *New York Times*, uma “lente transparente e confiável”. O imperativo do segundo Iluminismo é: tudo deve se tornar dados e informação. Esse totalitarismo ou fetichismo dos dados marca o segundo iluminismo. O dataísmo, que acredita que qualquer ideologia pode ser deixada para trás, é em si mesmo uma ideologia: conduz a um *totalitarismo digital*. Assim, é necessário um *terceiro Iluminismo*, que nos ilumine mostrando que o Iluminismo digital se converte em servidão” (HAN, 2018, p.79-80).

2.5 Desafios da educação em tempos de mídias digitais

Ao visualizar o panorama do ambiente escolar a partir do conjunto destes fatores abordados da filosofia de Gilles Lipovetsky e de Byung-Chul Han, percebe-se que os estudantes, na grande maioria dos casos, encontram-se em um contexto possibilitado ou influenciado pelos avanços tecnológicos no campo da comunicação e da informação, situação que é impulsionada por uma cultura que sofre as múltiplas determinações da economia neoliberal. A conjuntura do espaço formado pela internet e pelas redes sociais pode transformar consideravelmente a percepção, o comportamento e as relações afetivas dos indivíduos e possibilita múltiplas implicações nas diversas dimensões da vida dos estudantes.

Buscando compreender de forma mais precisa as implicações que as tecnologias midiáticas acarretam na formação cultural, é importante ressaltar aqui que as interpretações de Lipovetsky e de Han sobre a cultura se aproximam em alguns pontos, por exemplo, quando afirmam que a sociedade atual é a do hiperconsumo. Porém, no que se refere às influências das mídias, as interpretações desses autores geralmente são distintas. As divergências são visíveis em várias questões, sejam elas sobre como as mídias influenciam na saúde do sujeito contemporâneo, sua função no esclarecimento cultural, na politização dos cidadãos, ou até mesmo sobre o papel das mídias na própria formação escolar dos jovens.

É imprescindível ressaltar os condicionamentos das informações midiáticas na saúde do indivíduo contemporâneo, pois para Gilles Lipovetsky (2004) a hipermodernidade caracterizada por sociedades liberais “[...] ao sacralizar o direito à autonomia individual, promove uma cultura relacional, celebra o amor ao corpo, os prazeres e a felicidade privada. A mídia tem sido agente de dissolução das forças da tradição e das antigas divisões estanques de classe”, sendo assim “[...] a época contemporânea vê afirmar-se um luxo de tipo inédito, um luxo emocional, experimental, psicologizado, substituindo a primazia da teatralidade social pela das sensações íntimas (LIPOVETSKY, 2004, p.26 - 42). Portanto, as mídias são compreendidas como um grande vetor que, ao informar, promovem o cuidado com a saúde, seja ela física ou psicológica, e, assim, ao possibilitar a autonomia privada, conseqüentemente, fazem o sujeito³⁶ promover o cuidado de si.

³⁶ Para Lipovetsky (2004), o sujeito da hipermodernidade é narcisista, porém, mais maduro, responsável e flexível.

Nesta perspectiva, as informações das redes digitais, por se apresentarem muitas vezes incompletas e com fluidez, podem propagar “falsas” informações e movimentos que ocasionam certos danos à saúde da sociedade, como, por exemplo, movimentos antivacina, especialmente durante a pandemia da SARS-COV-2, que vivemos desde o início de 2020. No entanto, a partir da leitura do textos de Lipovetsky, é possível induzir que os triunfos das redes digitais são muito maiores do que seus danos, pois, atualmente, são eficazes instrumentos de proliferação de campanhas de vacinação e de desconstrução de preconceitos, como por exemplo, os movimentos “Setembro Amarelo” e “Novembro Azul”³⁷. Estas mobilizações, em grande parte, utilizam as redes sociais para atingir um público alvo, buscado informar e promover o cuidado com a saúde física e psicológica.

Em uma outra perspectiva é possível elencar os danos que a mídia digital acarreta para a saúde dos usuários da *web*, pois, para Han (2015), a sociedade da positividade caracteriza-se por múltiplas enfermidades psicossomáticas. O excesso de informação, de comunicação e a falta de alteridade podem acarretar várias patologias neurais que vem se tornando cada vez mais comum entre os estudantes, assim como a depressão, o transtorno de déficit de atenção, a síndrome da hiperatividade, o transtorno de personalidade limítrofe, a síndrome de Burnout, entre outras. Afirmações do autor que tem fundamentos na concretude da sociedade atual, pois, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2018), a “[...] depressão e outras condições de saúde mental estão em ascensão em todo o mundo, [...] estima-se que mais de 300 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem com algum transtorno mental frequente”³⁸.

É possível afirmar que estas enfermidades decorrem parcialmente da falta de significação do que se faz nas redes sociais, condições que se traduzem em violência da positividade³⁹. Compreendendo a depressão como sentimento de fracasso de si mesmo perante as necessidades que o mundo impõe ao indivíduo contemporâneo e a violência de desempenho idealizado pela cultura vigente, percebe-se que as redes de comunicação e informações são

³⁷ Nas sociedades de cunho mais tradicional os problemas de saúde do homem e as doenças psicossomáticas ainda são vistos com preconceitos e tabus.

³⁸ Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095 Acesso em: 30 set. 2020.

³⁹ A cultura do tédio se traduz na violência da positividade: “O problema não reside na falta de ocupação e, sim, na *falta de sentido*. “Quem diz minha vida é um tédio”, [...] está afirmando que ela é morna, insípida, vazia, insuportável, longa demais. Para evitar esse tipo de sensação, muitos buscam ocupar freneticamente seu tempo: lotam sua agenda de atividades, fazem questão de ostentar a plena ocupação de seu tempo, vão às academias, falam ao celular sobre qualquer coisa, verificam incansavelmente seus e-mails a todo instante, navegam exageradamente na internet durante horas, deixam a televisão ligada o tempo todo na esperança de encontrar uma novidade com que possam se distrair” (FÁVERO, Altair Alberto. Violência da positividade e educação: da cultura do tédio à promoção da cultura do sentido. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16656> Acesso em: 20 jul. 2020).

grandes disseminadores desta concepção de realidade, pois “A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível”⁴⁰. Esta crença é veiculada nas redes sociais com o viés de formar sempre o sujeito para a auto exploração, buscando atender a desejada auto eficácia e sucesso em todos os patamares da vida. Porém, uma vida sem dificuldades, necessárias para as devidas autorreflexões existenciais, aparenta-se impensável.

Outro fato que também merece distanciamento para a reflexão são os condicionamentos das mídias no esclarecimento cultural, uma vez que as mídias podem tanto possibilitar uma espécie de novo Iluminismo, assim como podem contribuir para a alienação e imbecilização dos sujeitos deste século. Para Han, as informações nas mídias digitais não passam nada mais que espetáculos que levam à alienação dos usuários da *web*, pois existe a possibilidade de a massa de informação não produzir em si mesma nenhuma verdade. Essas publicações deixam para trás a verdade, pois “as imagens pornográficas, desculturalizadas, não apresentam nada que possa ser lido. Enquanto imagens de propaganda, sua atuação é direta” (HAN, 2017, p. 67). Sendo assim, o que existe é apenas um espetáculo, não existe um demorar-se contemplativo perante a tela carregada de informação, pois imagens que se seguem umas às outras não produzem uma narrativa, trata-se de uma sequência de informações, sem contextualização, diálogo e intersubjetividade.

No entanto, é possível ter outras percepções das mídias e sua relação com a cultura. Como vemos nas preocupações de Han, a influência da mídia na cultura deixa de ser central quando se passa a interpretar o real segundo as reflexões de Lipovetsky; porque é “[...] óbvio que o indivíduo não é o reflexo fiel das lógicas hiperbólicas midiático-mercantis; ele não é o “escravo” da ordem social que exige eficiência, tanto quanto não é produto mecânico da publicidade” (2004, p.82).

De certa perspectiva, as mídias podem esclarecer questões relativas à política, à saúde, à cultura, entre outras. Mesmo conhecendo o poder homogeneizador que ela possui, é possível reconhecer que estas tecnologias podem contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes das situações reais que estão vivenciando, pois “[...] através dos noticiários e dos debates, a mídia “mecanicamente” abre os horizontes de cada um, dando a conhecer diferentes pontos de vista e oferecendo diversos esclarecimentos” (LIPOVETSKY, 2004, p.72). Para

⁴⁰ OLIVEIRA, Geilson Fernandes. A sociedade do desempenho e suas urgências. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/2790>. Acesso em: 02 set. 2020.

compreender esse raciocínio, basta pensar como as mídias digitais possibilitam o desenvolvimento social do conhecimento. Diferentemente das tradicionais, as quais pressupõem o simples e puro consumo, o cidadão que faz uso das mídias digitais tem a oportunidade de comentar, compartilhar, avaliar e classificar o material. É possível também discutir com outros usuários da rede, condição que se tornou mais comum e acessível por meio das evoluções destas tecnologias. Como exemplo, pode-se citar:

A Wikipédia, enciclopédia colaborativa *online*, sobre o artigo a respeito de Plutão que está no site. Em 2006, Plutão estava sendo colocado para fora do clube dos planetas – astrônomos haviam concluído que ele não era parecido o bastante com os outros planetas para pertencer ao grupo, então propuseram redefinir *planeta* de modo a excluí-lo. Como resultado, a página sobre Plutão na Wikipédia teve um súbito aumento de atividade. As pessoas editaram furiosamente o artigo para explicar a alteração proposta no status de Plutão, e os editores mais comprometidos discordavam entre si sobre como caracterizar melhor a mudança. Durante essa conversa, eles atualizaram o texto – contestando partes dele, frases e até a escolha de palavras – até transformar a essência do artigo de “Plutão é o nono planeta” em “Plutão é uma rocha de formato estranho, com uma órbita de formato estranho, no limite do sistema solar” (SHIRKY, 2011, p.13-14).

A Wikipédia é um exemplo de como as técnicas no campo da informação possibilitam que cidadãos escolarizados possam utilizar o tempo livre para produzir certo conhecimento colaborativo. Existe a oportunidade de compartilhar um excedente cognitivo, transformando o tempo livre em bem social, pois, com pequenas colaborações, é possível construir grande projetos sociais.

Uma terceira questão trata das influências das mídias na (des)politização dos cidadãos. Segundo a filosofia haniana, ao que concerne às informações no mundo midiático, corre-se o risco de perda da representação política, pois neste meio “os políticos são substituídos por especialistas que administram e otimizam o sistema. Tanto representantes políticos como partidos seriam, então, superficiais” (HAN, 2018, p.116). As decisões políticas, em vez de serem decisões existenciais, que carregam certa responsabilidade, afundam-se para o nível de uma decisão de compra descompromissada e sem consequências, seguem, assim, apenas uma lógica da economia neoliberal. A transparência de dados torna tudo mensurável e controlável e, conseqüentemente, passível de manipulação, isto é, obedecendo às diretrizes do consumo e de uma política controladora⁴¹.

⁴¹ “Mas o aparato tecnológico para monitoramento digital mais eficiente e desenvolvido é certamente o da China, onde foi construído o chamado sistema de “crédito social”. Por meio dele, o governo chinês consegue vigiar o comportamento de cada um do seus quase 1,4 bilhão de cidadãos. O sistema de “crédito social” chinês permite valorização e avaliação exaustiva das pessoas, atribuindo pontuação que gera uma espécie de ranking entre os chineses. Dependendo da quantidade de pontos que a pessoa atingir, pode ser punida ou recompensada. Cada indivíduo é avaliado por sua conduta social e a vida cotidiana das pessoas é vigiada constantemente, em todos os aspectos. Atividades nas redes sociais são vigiadas, para censurar críticas ao regime. Quem transita pela rua

Por outro lado, as redes digitais podem ser eficazes instrumentos para proliferar movimentos democráticos, os quais demandam da vontade popular. Podem ser um meio para denunciar o abuso de poder de alguns governantes que tendem a ser autoritários. Como, por exemplo, devido ao seu poder de propagação, em algumas situações é quase impossível censurar informações de violência de alguns governos contra movimentos de cunho democráticos. Além disso, Lipovetsky elenca o papel das mídias na formação cidadã:

No plano político, por exemplo, o papel da mídia tem sido determinante. Mais que considerá-la a responsável pela distorção do debate público, seria desejável avaliar favoravelmente a influência dela sobre a maturidade política de um eleitorado cada vez menos preso a um discurso ideológico ou a uma lógica de classes e cada vez mais sensível aos argumentos das partes em disputa, o que só pode contribuir para o debate democrático. Aliás, nossas sociedades se caracterizam não pelo consenso, mas pelo debate permanente, para o qual a mídia contribui muito. Privada de sentido transcendente, de autoridade universalmente reconhecida, ela se dedica ao antagonismo permanente dos discursos, tudo isso sobre um pano de fundo de estabilidade democrática, com a liberdade e a igualdade constituindo uma base de ideal comum – base todavia problemática, já que liberdade e igualdade são princípios suscetíveis de interpretação oposta (LIPOVETSKY, 2004, p.42-43).

Dessa forma, em meio a esta complexidade do real, a análise sobre a função das mídias na formação cultural requer mais atenção sobre seu papel no ambiente escolar, espaço de formação de novos cidadãos. Deve-se sempre perguntar sobre qual é a natureza de cidadania que se quer estimular nos jovens estudantes, principalmente em uma época que se destaca pela fluidez e pelas incertezas dos princípios fundamentais da cultura, que acarreta muitas problemáticas. Porém, há vantagens ao exigir dos indivíduos mais autonomia para dirigirem suas próprias vidas.

Sendo assim, faz-se necessário destacar a possibilidade e o risco de uma educação com os princípios voltados apenas para o mercado neoliberal⁴², pois percebe-se que a escola atualmente preocupa-se muito com o desenvolvimento de algumas competências nos estudantes, como a proatividade, o protagonismo, a autogestão, assim corroborando com as

também é vigiado. Um sistema de 200 milhões de câmeras de vigilância, dotadas de inteligência artificial, controla o movimento das pessoas. Drones também são utilizados para vigiar espaços públicos. Os provedores de serviços na Internet e de telefonia celular são obrigados a compartilhar os dados de seus usuários com os serviços de segurança do Governo. Na China não há nenhum momento da vida cotidiana que não esteja submetido a observação. Cada atividade é controlada. O Estado chinês sabe onde cada cidadão está, com quem se encontra, o que faz, o que compra, o que procura e para onde se dirige” (FILHO, Demócrito Reinaldo. *Como os países asiáticos utilizam a tecnologia para combater a epidemia do coronavírus*. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/80616/como-os-paises-asiaticos-utilizam-a-tecnologia-para-combater-a-epidemia-do-coronavirus> Acesso em: 21 set. 2020).

⁴² Com apoio das tecnologias, os critérios de avaliação são transformados todos em número, para possibilitar mais controle e eficiência e assim representar a qualidade da educação, porém, nem tudo pode ser numerável, existe uma parcela de subjetividade que é impossível ou muito difícil de ser calculável. No entanto, são questões intrínsecas, as quais não poder ser ignoradas.

preocupações de Han. É claro que o indivíduo com estas habilidades pode ser um sujeito mais crítico e consciente, o qual atende às necessidades do novo contexto contemporâneo. Porém, a escola, ao buscar a educação apenas a partir destes parâmetros, pode estar preparando o sujeito do desempenho, o qual vive uma liberdade paradoxal e é objeto de fácil manipulação dos mecanismos da psicopolítica. Ao entrar nesta maquinaria do psicopoder, estará apenas contribuindo para o desenvolvimento da sujeição inconsciência. Trata-se de formar os jovens para a mundo da autoexploração sem qualquer comprometimento com os valores de liberdade.

Estes desdobramentos expostos acima ressaltam que as mídias são apenas um meio, logo elas podem ser utilizadas tanto para a emancipação como para a alienação, e isso depende da postura que cada usuário tem ao lançar-se neste mundo das tecnologias midiáticas de massa. Isso não exclui, mas intensifica ainda mais a importância de salientar o cuidado em que se deve ter para não desenvolver um modelo de educação padronizada e unilateral, pois para Cerletti (2009):

Se o ensino filosófico tratasse de adaptar-se aos parâmetros de utilidade do mercado e ao formato espetacular, correria o risco de transformar-se em uma espécie de instrumentalismo, mais ou menos oportunista. Talvez conviesse reservar para si a potestade de não colaborar, pelo menos de maneira direta, em adestrar para um mundo segundo os termos antes descritos, mas preferencialmente deveria “servir” para compreendê-lo e desconstruí-lo. O ensino de filosofia deveria contribuir, em seus exercícios, para fazer dos estudantes agentes críticos capazes de pensar, avaliar e poder decidir da melhor maneira as condições de sua incorporação ao mundo de hoje (CERLETTI, 2009, p.49-50).

Estes apontamentos demonstram a importância de analisar e tentar compreender o meio social em sua concretude para identificar, na prática, a existência e os modos que os fenômenos sociais podem se manifestar no cotidiano, em especial no espaço escolar. Os autores, ao interpretarem certos desdobramentos da sociedade que toma com princípio as determinações neoliberais, alertam para refletir sobre os princípios que orientam a formação dos jovens.

Isso confirma a necessidade de receber os princípios que orientam as várias modalidades de ensino com distanciamento, pois “[...] a educação só tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica”⁴³. Neste sentido, nada é mais urgente que refletir sobre o que deve permanecer ou o que deve mudar nos sistemas educativos para que preparem os cidadãos a enfrentarem os problemas reais, que muitas vezes são camuflados e aceitos com certa naturalidade. Afinal, este é o lugar da filosofia no currículo, ou seja, desnaturalizar as

⁴³ ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. – Tradução de Wolfgang Leo Maar – Educação online. Disponível em: <https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf>. Acesso em 02 mai. 2020.

crenças cristalizadas e refletir sobre os problemas que nos assolam cotidianamente. Isso é intrínseco para não induzir a uma formação unilateral visando apenas ao ideário homogeneizador neoliberal.

3. CAPÍTULO II: UMA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS DIGITAIS

3.1 Uma proposta de ensino de filosofia para as mídias digitais

Para interpretar o contexto social da escola, dificilmente pode-se ignorar o contexto das mídias digitais, uma vez que o *ciberespaço* encontra-se efetivo nas relações entre as pessoas, condição que leva a refletir sobre estas tecnologias e suas influências na formação cultural contemporânea. Para tanto, visto que elas condicionam em muito o comportamento dos estudantes, faz-se necessário apontar alguns direcionamentos de uma proposta de ensino de filosofia para as mídias sociais. Uma educação para este fim apresenta-se com relevância, pois, dessa maneira, pode-se evitar os múltiplos processos de alienação advindos deste meio. Além do mais, esta reflexão pode levar os jovens a ter uma postura mais responsável perante o uso destas invenções, assim utilizando-se de seus benefícios para a própria formação. Portanto, aqui apresentar-se-á o desenvolvimento de uma prática de ensino de filosofia para as mídias, a qual se estrutura de acordo com as metodologias da educação integral propostas pelo Instituto Ayrton Senna.

3.2 Metodologias integradoras: construindo práticas de ensino de filosofia

No ano de 2017, a Escola de Educação Básica Almirante Barroso aderiu à proposta de Ensino Médio na modalidade de educação em tempo integral e formação integral, conceitos que muitas vezes são utilizados como sinônimos, apesar de serem distintos. O tempo integral é o período em que o estudante permanece na escola, ou seja, uma jornada ampliada de estudos, ao que concerne à formação integral, refere-se ao desenvolvimento enquanto pessoa.

Este conceito de formação acarreta questões, tais como: é possível uma modalidade de ensino que forma nas várias dimensões do indivíduo, sejam elas intelectuais, emocionais, socioculturais, entre outras? Como é possível a existência de um modelo de educação que respeite a singularidade dos indivíduos e os diversos modos de vida? Ciente destas e outras indagações, as quais não são simples de resolver, pretende-se aqui apresentar um plano de aula

de filosofia na modalidade de educação integral, aplicado na E.E.B. Almirante Barroso, elencando suas vantagens em relação aos modelos tradicionais de ensino e suas lacunas.

Esta proposta de ensino tem como meta a reflexão sobre as mídias de comunicação e informação de massa, a partir das orientações do Instituto Ayrton Senna⁴⁴ (2017), que pretendem formar os jovens por inteiro naquilo que são, no modo como convivem, como se relacionam na escola, sua relação com o conhecimento e com o mundo do trabalho. Para isso, as ações educativas devem investir no desenvolvimento da autonomia das estudantes, desenvolvendo competências cognitivas e socioemocionais para viver no mundo atual, marcado pela instantaneidade nas comunicações, pela complexidade e pelas mudanças velozes. O essencial, nesta modalidade, é buscar o desenvolvimento do potencial humano de forma crítica e transformadora. Com este entendimento de educação, pretende-se ultrapassar tanto o individualismo fragmentador quanto o coletivismo massificante que colocam as pessoas como meros instrumentos a serviço do desenvolvimento econômico.

Colocando como princípios predominantes da educação o protagonismo juvenil e a formação voltada para o desenvolvimento das competências cognitivas e socioemocionais, o Ensino Médio Integral pretende formar indivíduos dinâmicos, ativos e criativos, os quais, ao desenvolver as competências como a autogestão e a responsabilidade, conseqüentemente serão sujeitos preparados para o contexto histórico em que estão inseridos. Para isso, apresenta-se aqui uma prática de ensino de filosofia a partir dos princípios da educação integral, utilizando as metodologias integradoras propostas pelo Instituto Ayrton Senna (2017) com a finalidade de articular as experiências cotidianas dos estudantes e os conteúdos estudados na disciplina.

Ao articular os conteúdos de filosofia com as experiências dos estudantes, pretende-se respeitar as singularidades e efetivar o sentido dos conhecimentos escolares. Para isso, propõe-se um plano de ensino estruturado em três momentos essenciais: mobilização, desenvolvimento e apropriação de resultados. Sendo o primeiro e o terceiro interligados às experiências reais da vida concreta dos estudantes. Com esta organização é possível evitar a fragmentação do currículo e constituir a continuidade dos conteúdos entendendo-os como uma totalidade. Com este entendimento de ensino, acredita-se que é possível o desenvolvimento de uma educação integral, buscando respeitar a individualidade dos estudantes e contribuir para o ensino significativo.

⁴⁴ O Instituto Ayrton Senna presta suporte técnico e pedagógico para os profissionais que atuam na modalidade de Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI), da E.E.B. Almirante Barroso.

Considerando o que foi apresentado, o plano de ensino de filosofia a ser desenvolvido neste trabalho tem como objeto de estudo as influências das mídias na percepção e no comportamento dos indivíduos e suas determinações na cultura contemporânea, a partir das filosofias de Gilles Lipovetsky e Byung-Chul Han. Salienta-se a relevância deste conteúdo, pois as mídias de massa, assim como as redes sociais digitais, fazem parte do contexto concreto da vida dos estudantes do Ensino Médio. Elas trazem benefícios, como por exemplo, novos tipos de negócios, comunicação instantânea, entretenimento e facilitam a organização da vida dos indivíduos em sociedade, porém também podem contribuir para muitas insanidades, entre elas, a alienação e a manipulação política dos cidadãos. Portanto, faz-se necessária uma reflexão filosófica em sala de aula, utilizando-se das metodologias integradoras, para que os jovens estudantes utilizem estas técnicas com mais consciência e tenham uma postura de criticidade perante as informações digitais.

3.3 Metodologias e princípios da educação integral: caso Instituto Ayrton Senna

Partindo do ideal de formar integralmente os estudantes, os profissionais da Escola de Educação Básica Almirante Barroso adotam alguns princípios e algumas metodologias integradoras para suas práticas de ensino. O entendimento destes princípios e desta metodologia são importantes para desenvolver e aplicar planos articulados na aula e, assim, concretizar a formação integral do estudante. Para isso, o estado de Santa Catarina firmou um acordo com o instituto Ayrton Senna, o qual presta suporte técnico/pedagógico para os profissionais que atuam nesta modalidade de ensino.

As Metodologias Integradoras propostas pelo Instituto Ayrton Senna (2017) são um conjunto de práticas de ensino que buscam promover o desenvolvimento pleno dos estudantes. Com as quais intenciona-se superar o trabalho individualizado dos profissionais em educação, pois, muitas vezes, as disciplinas ou o docente desenvolvem um trabalho isolado e descontextualizado das experiências vivenciadas pelos estudantes na escola e na comunidade, assim contribuindo para a falta de sentido que os conteúdos escolares apresentam. Para evitar esta desconexão, são sugeridas cinco metodologias de ensino:

1. Presença Pedagógica: esta metodologia “[...] é uma condição essencial para favorecer a mediação da aprendizagem. Por meio do seu exercício, o professor abre uma via de diálogo efetivo com os jovens, acolhendo-os em suas singularidades ao mesmo tempo em que exige responsabilidade e compromisso, ajudando-os a gerirem suas aprendizagens” (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2017, p.18). A interação entre professor e estudante é construída cotidianamente nas variadas situações escolares. Os professores se fazem presentes na vida dos jovens favorecendo um clima de aprendizagem e de articulação de conhecimentos.
2. Aprendizagem colaborativa: “[...] em times, cada estudante vai se tornando apto a enfrentar, de modo cooperativo, os desafios de aprendizagem e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, [...]. Esse modo de aprender promove a ampliação da autonomia dos estudantes em relação ao conhecimento e abre caminho a novos modos de interação” (*ibidem*, p.26). Esta interação pode acontecer de diversas maneiras e momentos: entre estudantes e professores, entre estudantes reunidos em rodas de conversa, na realização de tarefas e outras oportunidades que dão espaço para a troca de conhecimentos.
3. Problematização: “[...] é uma metodologia que se desenvolve pela participação em torno de situações-problema e que exige o exercício da presença pedagógica do professor durante a mediação” (*ibidem*, p.34). Trata-se de um meio para o desenvolvimento do conhecimento que antes era simplesmente transferido. Busca-se provocar a participação, a criticidade e a curiosidade, para, assim, tornar possível a presença e o respeito à singularidade dos estudantes e dos momentos.
4. Multiletramento: consiste no “[...] aprimoramento das capacidades de leitura e de produção textual dos estudantes, trabalhando textos de diferentes esferas e gêneros, diversos em linguagens, mídias e valores culturais representados” (*ibidem*, p.45). Formar leitores e produtores de textos é um desafio de todos os componentes curriculares e implica na prática que envolve diferentes concepções de mundo com as mais variadas formas de expressão do conhecimento e das culturas.
5. Educação por Projetos: “[...] abre oportunidades de aprendizagens significativas protagonizadas pelos estudantes. Ao realizarem projetos, os jovens têm a possibilidade de perceber que o conhecimento é uma construção a ser realizada por cada um, por meio de ações de pesquisa que relacionem diferentes campos do saber” (*ibidem*, p.56). A educação por projetos, além de contribuir para o desenvolvimento da autonomia, é um

espaço privilegiado para concretizar a integração dos componentes e das áreas de conhecimento.

A partir deste panorama, percebe-se que o ideal das metodologias integradoras é “[...] ousar e desafiar-se na construção de um trabalho coletivo e colaborativo” (*ibidem*, p.10) com a intenção de construir um sentido na prática pedagógica. Este sentido só é possível quando se opta em articular o currículo, tornando-o permeável com as questões contemporâneas, considerando a singularidade de cada aluno, de seus projetos de vida e práticas educativas participativas, e, assim, fazendo o estudante sentir que ele pertence à escola, e, ao mesmo tempo, entender que a escola lhe pertence:

Presença pedagógica, aprendizagem colaborativa, problematização, formação de leitores e produtores de textos na perspectiva dos multiletramentos e educação por projetos. Cinco metodologias integradoras compõem o trabalho pedagógico do modelo de Ensino Médio em Tempo Integral, contribuindo para o estabelecimento de uma comunidade de sentido e de prática na escola. Tais metodologias são chamadas de integradoras porque traduzem e integram os princípios conceituais desta proposta educativa. Elas orientam as práticas pedagógicas dos professores para uma abordagem coesa, estruturada, intencional, compromissada, colaborativa e problematizadora. Alicerçam a promoção do protagonismo dos estudantes e do desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, apoiando a integração do currículo e das aprendizagens previstas nos componentes (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2017, p.13).

As metodologias propostas para a modalidade de educação integral exigem o planejamento e o replanejamento estruturado das aulas para dar sentido às práticas de ensino. Apesar dessa prática ser comum em qualquer outro ambiente de ensino, atualmente deve-se dar maior atenção a esta organização e, dessa forma, atender às exigências do atual contexto histórico que se caracteriza pela fluidez, volatilidade e rapidez, visto que a realidade que se desvela evidencia as experiências vivenciadas pelos jovens estudantes do Ensino Médio. Portanto, ela exige a readaptação dos educadores e educandos aos novos momentos que vão surgindo de acordo com as novas demandas da sociedade e da economia atual. Percebe-se que o objetivo essencial desta proposta de educação integral do Instituto Ayrton Senna (2017) é desenvolver um indivíduo preparado para o contexto do século XXI, o qual ainda se demonstra de forma ofuscada e, por sua própria natureza, incerta.

Para tanto, os cadernos de orientação da educação integral desenvolvidos pelo Instituto Ayrton Senna em parceria com o estado de Santa Catarina (2017), além das metodologias integradoras, propõem alguns princípios norteadores da formação integral, dos quais: (a) a prática pedagógica com a intencionalidade para desenvolvimento das competências cognitivas

e socioemocionais; (b) a didática de ensino centrada no protagonismo juvenil e (c) a proposta do currículo integrado e flexível.

O primeiro princípio da formação integral consiste no desenvolvimento intencional das competências, para tanto a proposta pedagógica adota uma matriz de competências que articulam aspectos cognitivos e socioemocionais, os quais devem nortear a organização do currículo e das metodologias de ensino, assim tornando a aprendizagem significativa para os estudantes:

O período escolar, além de ser uma oportunidade de acesso a conhecimentos, pensamentos, saberes e práticas do mundo, é uma enorme oportunidade para desenvolver competências para viver, conviver, aprender e trabalhar, levando em conta, para tanto, as construções identitárias e subjetivas [...] A perspectiva de desenvolvimento socioemocional aqui proposta – que envolve, por exemplo, a habilidade de traçar metas e ser persistente no alcance delas, de construir interações colaborativas, de ser capaz de valorizar e aprender com as diferenças e de crescer em situações adversas – tem como objetivo maior ressignificar os propósitos da educação. A busca é por enfatizar, como objetivo maior da ação educativa, o desenvolvimento de competências que articulem aspectos cognitivos e socioemocionais de cunho emancipatório (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2017, p.18-19).

Com o objetivo de formar indivíduos para a o contexto do mundo atual, o Instituto Ayrton Senna (2017), propõe uma matriz com oito *macrocompetências* primordiais para a formação integral. O objetivo é formar indivíduos competentes e preparados para o dinamismo do espaço e do tempo deste início de século. Para o entendimento deste ideal pedagógico, apresentam-se sucintamente as *macrocompetências* norteadoras do processo de ensino e aprendizagem do Ensino Médio Integral e Tempo Integral (EMITI):

1. Responsabilidade: Esta competência refere-se à relação dos estudantes com compromissos, projetos e tarefas. Trata-se da perseverança e eficiência na busca de objetivos, mesmo em situações adversas. Está diretamente relacionada ao quanto as pessoas são organizadas, dedicadas, persistentes, autônomas e determinadas para atingir metas: “O desenvolvimento da responsabilidade é essencial para aprender a planejar, a gerir o próprio tempo e esforços, a manter o foco e a atenção durante a realização de tarefas, resistindo às distrações” (*ibidem*, p.25).
2. Pensamento crítico: “Uma das características deste século é a enorme quantidade de dados e informações disponíveis, aliada à facilidade de acesso. É necessária uma atitude ativa para seleção, interpretação, avaliação e aprendizagem” (*ibidem*, p.27). Sendo assim, o pensamento crítico é essencial para analisar ideias e fatos em profundidade, investigando os elementos que os constituem e as conexões entre eles, utilizando conhecimentos prévios e formulando sínteses.

3. Resolução de problemas: “Esta macrocompetência envolve a capacidade de identificar, explorar e configurar um problema a partir de diferentes pontos de vista, a fim de construir uma representação compartilhada” (*ibidem*, p.26). Consiste na habilidade de mobilizar conhecimentos e estratégias para solucionar problemas da vida e aprender com o processo, aplicando as soluções em outros contextos.
4. Colaboração: trata-se de reafirmar o altruísmo, respeitando diferenças e decisões comuns, adaptando-se a diferentes situações sociais e reconhecendo-se como parte do coletivo. “Quando a educação tem o compromisso do desenvolvimento sistemático da colaboração entre os estudantes, incentivando a capacidade de ser empático, solidário e de cultivar laços relacionais positivos, expande também o autoconhecimento de cada jovem e a formação para a autonomia responsável, já que as construções identitárias são feitas na relação do eu com o outro” (*ibidem*, p.24).
5. Autoconhecimento: “É desenvolver a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas sendo resiliente, estabelecendo objetivos de vida carregados de propósitos” (*ibidem*). Consiste em conhecer a si mesmo, as habilidades e qualidades para ter estabilidade emocional nas tomadas de decisões e vencer obstáculos.
6. Comunicação: trata-se da relação dos estudantes com a linguagem, saber interagir em situações diversas. Ter a habilidade de utilizar-se criticamente de leituras de vários gêneros, pois, a “[...] construção da autonomia passa pelas interações comunicativas. [...] expressar pontos de vista, considerando opiniões divergentes, construir argumentações bem fundamentadas, ser entusiasmado para motivar pessoas a se engajarem em projetos e ideias” (*ibidem*, p.25).
7. Criatividade: “[...] é considerada uma das *macrocompetências* mais importantes para produzir neste século. Ela envolve a competência de resolver problemas de novas maneiras, de inventar novas tecnologias e de encontrar aplicações para as tecnologias existentes” (*ibidem*, p.27). Consiste em propor novas abordagens e buscar novas soluções, gerenciando variáveis aparentemente desconexas.
8. Abertura para o novo: Na relação com novas experiências e com as situações de incertezas e mudanças, ter a abertura para errar e aprender, possibilitar-se para as novas experiências de natureza diversa, uma vez que, “[...] em tempos pautados pela conectividade permanente, pelo multiculturalismo e pela globalização, o desenvolvimento da competência abertura para o novo instaura um posicionamento

curioso, uma atitude de exploração por novos conhecimentos e experiências”
(*ibidem*, p.26)

Sistematizando essas competências, percebe-se, nos documentos orientadores, a preocupação em preparar os estudantes para o contexto histórico do século XXI. A educação busca desenvolver competências e habilidades, as quais são inerentes ao próprio processo da economia global que determina a formação do espaço de acordo com as ideologias hegemônicas. A educação voltada para estes propósitos deixa visível o interesse das políticas estaduais em formar para a atual conjuntura, a qual exige pessoas mais dinâmicas, ativas, criativas, responsáveis e preparadas para a instantaneidade e as incertezas do momento.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001), ao analisar a sociedade contemporânea, afirma que o poder está em quem pode se liquefazer, ou seja, quem é autônomo para tomar decisões, ocupar mais “espaço”, e é livre para movimentar-se de forma mais dinâmica, em uma época na qual as tecnologias permitem a liberdade de movimento e a volatilidade das conexões.

As pessoas que se movem e agem com maior rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam. E são as pessoas que não podem se mover tão rápido - e, de modo ainda mais claro, a categoria das pessoas que não podem deixar seu lugar quando quiserem - as que obedecem. A dominação consiste em nossa própria capacidade de escapar, de nos desengajarmos [...] Na modernidade "líquida" mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível (BAUMAN, 2001, p 152-153).

A partir desta perspectiva, a educação está muito além de aprender certos conteúdos e técnicas de trabalho, pois ela engloba os processos de aprendizagem que ocorrem na interação ativa e dinâmica entre estudantes, professores, escola e comunidade escolar, enfatizando um currículo oculto⁴⁵ que envolve valores, crenças, comportamentos e interesses dos jovens, que, muitas vezes, são ignorados no processo de ensino-aprendizagem para se seguir certos padrões de ensino. Trata-se de deslocar o estudante da zona de conforto, evitando certos vícios de aprendizagens, ou mecanização de hábitos, e convidá-lo a refletir sobre suas próprias possibilidades e metas a partir de seu contexto concreto.

Para isso, faz-se necessário a didática de ensino centralizar o protagonismo juvenil, o qual busca “oferecer oportunidades formativas por meio das quais os jovens possam participar ativamente, aprendendo a construir e articular conhecimentos, elaborando os próprios discursos

⁴⁵ Currículo oculto: pode-se afirmar que são “[...] todos os aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (SILVA, 2003, p.78).

em vez de revozear discursos alheios e sendo percebidos como interlocutores importantes nos momentos de tomada de decisão” (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2017b, p.29). Nesta perspectiva, o escritor Antônio Carlos Gomes da Costa elenca a importância desta didática de ensino que coloca o protagonismo juvenil como princípio fundamental:

Trata-se de um método pedagógico que se baseia num conjunto de práticas e vivências que tem como foco a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais. [...] é através do trabalho cooperativo, no qual os adolescentes assessorados por seus educadores, vão atuar na construção e implementação de soluções para problemas reais com os quais se deparam no dia a dia de suas escolas, de suas comunidades ou da sociedade de que são parte (COSTA, 2001, p.18-19).

Nesta perspectiva, a função do professor passa por um processo de ressignificação, na medida em que não se trata de uma educação bancária, situação que ainda é realidade de muitas instituições de ensino, com o simples objetivo de transmitir informações e conhecimentos, mas o trabalho do docente é apresentar os conteúdos sobre a forma de problemas a resolver, orientando e situando o estudante para que ele tenha a oportunidade de encontrar os possíveis meios de resolução, e, assim, possibilitar o desenvolvimento de competências e aptidões necessárias para o desenvolvimento da autonomia⁴⁶. Acredita-se que com “[...] o desenvolvimento de tais competências, a partir da inserção do jovem como protagonista na construção curricular, estimulando um aprendizado decorrente de uma postura de investigação ativa, capaz de desenvolver leituras críticas, questionamentos fundamentados e compreensões complexas” (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2014, p.44).

Outro princípio norteador que rege a educação integral é a proposta curricular integrada e flexível. O currículo se articula em dois *macrocomponentes*: áreas de conhecimento e núcleo articulador, e ambos estão a serviço do desenvolvimento das competências:

As disciplinas, organizadas em Áreas de Conhecimento, trabalham os conteúdos previstos nos documentos orientadores do currículo. O Núcleo Articulador introduz na matriz curricular componentes inovadores que oferecem aos estudantes oportunidades educativas transformadoras, ligadas à construção de seus projetos de vida e à atuação em iniciativas protagonistas em projetos de intervenção e de pesquisa, propícias à construção e/ou recontextualização de conhecimentos em projetos (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2017, p.47).

O *macrocomponente* áreas do conhecimento evita a fragmentação do currículo em disciplinas, as quais são aproximadas por terem objetos e abordagem que lhes dão uma identidade comum. Nesta proposta, os conteúdos disciplinares estão organizados em quatro

⁴⁶ Trata-se de desenvolver as competências cognitivas e socioemocionais para o século XXI, proposta no Modelo Pedagógico do Instituto Ayrton Senna (2014), para que o indivíduo tenha a capacidade de autodeterminação.

áreas do conhecimento: Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Exatas. Com esta organização, pretende-se dar unidade aos conhecimentos, entendendo-os como uma totalidade.

O núcleo articulador é extremamente flexível, pois sua estrutura pode ser variável de acordo com as necessidades de cada modelo de escola de educação integral. Trata-se de um espaço privilegiado para a personalização do percurso formativo, permitindo a valorização da trajetória dos estudantes e a singularidade de cada indivíduo no tempo e no espaço em que está inserido. Para a efetivação e a organização desta proposta, o *macrocomponente* núcleo articulador está organizado em quatro subprojetos: projeto de pesquisa, projeto de intervenção, projeto de vida e estudos orientados. Lembrando que não podemos aplicá-los de forma separada, porque todo o processo de ensino-aprendizagem deve considerar a unidade e a articulação do currículo, buscando sempre centralizar o estudante, compreendendo-o como agente principal da formação.

3.4 Estruturando a prática de ensino de filosofia

Respeitando os princípios e as metodologias propostas para a educação integral, apresenta-se uma proposta de ensino de filosofia com as mídias digitais. Metodologicamente, está estruturada em três momentos essenciais para dar unidade ao conteúdo e sentido à aprendizagem: 1) a mobilização, na qual se problematiza o contexto concreto em que os estudantes vivenciam; 2) no qual se desenvolve a interação, em que focaremos em um estudo abstrato de textos sobre a História da Filosofia. Nesta etapa, o objetivo é não ficar apenas em meras opiniões, e aprofundar-se em um estudo teórico para, assim, poder julgar e debater as situações problemas elencadas na proposta pedagógica com princípios e propriedade; 3) a partir de subsídios teóricos dos problemas levantados no início da atividade, volta-se ao concreto, retomando as reflexões das situações cotidianas, para, logo, apropriar os resultados da atividade pedagógica e avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

No primeiro momento, isto é, a mobilização, a metodologia de problematização apresenta-se de forma eficiente para cativar a atenção e demonstrar que os assuntos a serem

abordados nas aulas têm estreita ligação com os problemas contemporâneos experimentados pelos estudantes, assim buscando mobilizar os jovens para o filosofar.

A maioria dos estudantes possuem *smartphone* e contas em redes sociais, então, pode-se problematizar o uso destas tecnologias digitais e suas influências na percepção de mundo e comportamento dos indivíduos. Ao introduzir as reflexões filosóficas a partir destas questões concretas, é possível demonstrar ao jovem que a escola e a filosofia não são alheias a sua vida, mas estão diretamente articuladas com suas experiências, pois “[...] o que importa é a reprodução intelectual do concreto, a não a má abstração que reduz o concreto a simples elementos de um sistema” (VÁZQUEZ, 2002, p.52).

Esta etapa da mobilização pretende analisar, socializar e problematizar as informações a partir da própria realidade dos estudantes. Ao problematizar estas questões, tem-se a intencionalidade de estabelecer uma articulação entre os hábitos de vida e a reflexão filosófica, ou melhor, utilizar-se do princípio de *continuidade*, o qual é apresentado nas obras do filósofo norte americano John Dewey⁴⁷.

Segundo ele, o hábito é “[...] a formação de atitudes tanto emocionais, quanto intelectuais; envolve toda a nossa sensibilidade e modos de receber e responder a todas as condições que defrontamos na vida” (DEWEY, 1976, p.26). Assim, tomado o hábito, o princípio de *continuidade* de experiência “[...] significa que toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (*Idem*). Neste sentido, a *continuidade* é a categoria a que se recorre sempre que se quer discriminar experiências educativas daquelas que não possuem o mesmo valor. Ela é a capacidade, portanto, que se adquire de ligar uma experiência a outra, ou melhor dizendo, de o estudante poder caminhar, ser lançado a uma outra experiência devido a uma anterior, assim possibilitando a articulação dos conhecimentos escolares e das suas vivências, fato que contribui para dar sentido aos conteúdos filosóficos estudados nas aulas. Contudo, aqui não se trata apenas de um construtivismo inspirado nas obras de Dewey, pois de acordo com a natureza dos hábitos, existe a necessidade de uma filosofia da desconstrução, porém este fator não é

⁴⁷ John Dewey (1958) leva em consideração a revolução descrita por Darwin na concepção de ser humano, a qual traz diretamente uma mudança na noção de experiência. Segundo a teoria darwiniana da *Evolução das espécies*, o indivíduo está em constante interação com o meio, pois vive uma constante luta pela sobrevivência. Tem de estar sempre reagindo às mais diversas situações, não sendo, portanto, passivo às informações que lhe vêm do ambiente em que vive, de forma que todo estímulo é seguido de respostas. O verdadeiro conteúdo da experiência é, reconhecidamente, cursos adaptativos de ação, hábitos, funções ativas, ligações de fazer e de arrostar, coordenações senso-motoras. A experiência contém em si princípios de ligação e organização e tais princípios não são de pouco valor, são sim vitais e práticos antes de epistemológicos.

motivo suficiente para desconsiderar a noção do princípio de *continuidade* para a realização da prática pedagógica.

Após a contextualização e problematização introdutória dos hábitos, passa-se ao desenvolvimento. Esse segundo momento da proposta de ensino de filosofia consiste na exploração das situações problemas levantados na introdução. Aqui, recorre-se à produção filosófica já existente sobre o assunto escolhido para a discussão e reflexão. Trata-se de esclarecer os termos, conceitos e problemas buscando informações em fontes bibliográficas, as quais são fundamentais para o entendimento do objeto em estudo. É um processo de destacar o significado e a atualidade das produções filosóficas e estimular o desenvolvimento de habilidades de pensar metodicamente, comparar textos, explicitar ideias e tomar posições fundamentadas em critérios e princípios.

Para tanto, foca-se na leitura de textos pré-selecionados de obras filosóficas que abordam situações da contemporaneidade. É um trabalho de caráter abstrato, ou seja, de análise de textos filosóficos. Como, por exemplo, para trabalhar as influências das tecnologias digitais pode-se utilizar os textos do filósofo Byung-Chul Han: “Cansaço de informação”, “Protocolamento total da vida” e “Psicopolítica”, da obra *No exame* (2018), e, os textos “Poder inteligente” e “Biopolítica” da obra *Psicopolítica* (2018)⁴⁸. Esses textos, além de sucintos, trazem reflexões do mundo contemporâneo marcado pela digitalização e pela interconexão, uma realidade experimentada diariamente pelos estudantes do Ensino Médio. Para evitar interpretações unívocas sobre o problema a ser trabalhado nas aulas, centralizando apenas em uma concepção filosófica, propõe-se trabalhar concomitantemente o texto de Gilles Lipovetsky: “Deve-se culpar a mídia?”, de sua obra: *Metamorfoses da cultura liberal* (2004), que traz interpretações distintas sobre as influências das mídias na formação da cultura contemporânea.

Lembrando que, nesta proposta de ensino de filosofia, de acordo com as metodologias integradoras, a função do professor não é centralizadora, mas orientadora, atuando com a presença pedagógica e se beneficiando da aprendizagem colaborativa para possibilitar o desenvolvimento de competências no estudante, o qual é centro das atividades educativas. Esse panorama requer dos docentes habilidades socioemocionais e familiaridade com os diferentes recursos digitais para compreender a amplitude do mundo digital nas várias dimensões da vida

⁴⁸ A utilização destes textos será abordada no planejamento, próximo tópico deste texto.

dos sujeitos e interagir com os estudantes de forma sistemática. Nesta função de orientador, o professor poderá:

[...] realizar breves exposições no intuito de ajudar a compreender a bibliografia que os alunos poderão abordar individualmente ou em pequenos grupos na classe ou extraclasse, ajudar os alunos no trabalho individual ou de grupo, subministrar alguma bibliografia adicional etc. A leitura da bibliografia e o trabalho com os roteiros de estudo supõem que o aluno realiza uma série de atividades intelectuais variadas e de diversa complexidade que lhe permitirão compreender criticamente o texto, comparar um texto com o outro e emitir juízo pessoal fundamentado (OBIOLS, 2003, p.131).

O terceiro e último momento consiste na avaliação e na apropriação dos resultados. Para isso, faz-se necessário o retorno aos problemas concretos do cotidiano dos estudantes com a finalidade de sintetizar, aplicar e avaliar os conhecimentos apropriados sobre os problemas levantados na introdução da atividade filosófica. O objetivo é retomar os questionamentos, respondê-los, refazê-los ou reformulá-los, e, talvez, deixá-los em aberto com a intenção de propiciar o autêntico filosofar. Trata-se da apropriação dos resultados, porém não o fim da atividade filosófica, pois o filosofar deve ser contínuo, para além dos muros da escola. Desta forma, é possível entender a importante função da disciplina Filosofia no currículo do Ensino Médio, caso contrário não passa de um aglomerado de informações, as quais não fazem sentido aos jovens estudantes. Para isso, este procedimento estruturado em mobilização, desenvolvimento e apropriação de resultados, deve ser entendido como um todo, e não de forma fragmentada e isolada, pois a integração dos conhecimentos é essencial para efetivar o sentido dos conteúdos e das atividades escolares.

Essa estruturação da didática do ensino de filosofia é pensada a partir dos subsídios teóricos e metodológicos da proposta de educação integral. Isso não exclui a individualidade da disciplina, pois acredita-se que a filosofia tem suas especificidades ao que concerne ao método de ensino, ou melhor, antes de apenas ensinar filosofia, espera-se ir em busca de um meio para possibilitar o filosofar, pois nesta perspectiva, de inspiração kantiana, compreende-se que “quem pretender tornar-se verdadeiramente filósofo deve exercitar-se a fazer da sua razão um uso livre, não apenas imitativo” (KANT, 2009, p.10). Desta maneira, evitaremos a tradicional e severa crítica que os modelos de ensino vêm recebendo, pois percebe-se muito que “os alunos têm um papel demasiadamente passivo, que só aprendem um cabedal de conteúdos enciclopédicos, mas não conseguem desenvolver habilidades intelectuais específicas” (OBIOLS, 2003, p.122).

3.5 Planejando uma proposta de ensino de filosofia estruturada

A estruturação da prática pedagógica, de acordo com os fundamentos teóricos apontados, tem a finalidade de desenvolver no jovem competências para o filosofar. Para isso, optou-se por um conteúdo que assola a sociedade contemporânea, a saber: as influências das mídias digitais na percepção e no comportamento dos indivíduos do início do século XXI. Essa temática é presente na vida concreta dos estudantes do Ensino Médio, logo percebe-se a possibilidade de articular o conteúdo com as experiências vividas diariamente, fato que pode possibilitar a rápida compreensão e facilitar as abordagens para desconstruir possíveis concepções cristalizadas que os adolescentes podem ter sobre o assunto, assim criando situações oportunas para a reflexão.

Para isso, foram utilizados os pressupostos teóricos dos filósofos contemporâneos Byung-Chul Han e Gilles Lipovetsky, que trabalham vários assuntos concernentes às mídias na contemporaneidade, tais como: biopoder, psicopoder, excesso de informação, fim da privacidade, panóptico digital, liberdade, esclarecimento cultural, entre outros. É importante entender que este conjunto de conhecimentos dos textos formam uma unidade para interpretar o mundo das mídias digitais, assim possibilitando uma percepção mais refinada deste contexto, fato que impulsiona a reflexão filosófica sobre a condição do indivíduo na contemporaneidade. A importância do estudo desses textos para a reflexão proposta pode ser melhor observada na tabela que segue:

Tabela 01: Para referidos textos, um objeto de conhecimento

Textos para leitura ⁴⁹	Objetivos
Obra: Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Texto: Biopolítica.	Compreender a passagem do poder da morte, do soberano para o poder disciplinar segundo Foucault, a eficiência do poder que torna as pessoas obedientes.
Obra: Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Texto: Poder inteligente.	Compreender a passagem do biopoder para o psicopoder, “em vez de tornar as pessoas <i>obedientes</i> , tenta deixá-las <i>dependentes</i> ” (HAN, 2018, p.26).
Obra: No Enxame: perspectiva do digital. Texto: Cansaço de informação.	Entender as redes sociais como um lugar de excesso de informação, fato que acarreta consequências, assim como, enfermidade psicossomáticas e o surgimento da pós-verdade (Exemplo: <i>Fake News</i>).
Obra: No Enxame: perspectiva do digital. Texto: Protocolamento total da vida.	Compreender nas informações das redes sociais os conceitos: fim da privacidade, os <i>Big Data</i> e o Panóptico Digital (O surgimento do Psicopoder).

⁴⁹ Os textos foram selecionados de acordo com as necessidades dos estudantes, pois segundo dados da pesquisa realizada na mobilização, a maior parte dos estudantes reconhece o poder positivo das mídias na cultura contemporânea, logo sugere-se mais texto de Han. Ver anexo 2, gráfico 14.

Obra: No Enxame: perspectiva do digital. Texto: Psicopolítica.	Perceber nas redes sociais a manifestação do psicopoder: a produção de desejos e de vontades e a exploração da “liberdade”.
Obra: Metamorfoses da Cultura Liberal. Texto adaptado: Deve-se culpar a mídia?	Levar o aluno a perceber perspectivas diferentes das apresentadas por Han sobre as informações midiáticas, os seus múltiplos benefícios, assim como a personalização, a autonomia, a individuação e a politização.

Para desenvolver a análise desses textos de acordo com as metodologias integradoras, propõe-se uma tabela com as ações previstas na atividade prática, as quais são flexíveis para atender as circunstâncias da prática de ensino. Para a aplicação do trabalho segundo os critérios firmados, algumas ações podem ser excluídas e outras podem ser incluídas. Essa estruturação pode ser adaptada para a aplicação e estudo de outras questões concernentes ao ensino de filosofia, observando que o conteúdo deve ter uma ligação com as experiências cotidianas dos estudantes. Ver tabela abaixo:

Tabela 02: Ações práticas diante da estrutura metodológica

Estrutura metodológica	Ação prevista:	Objetivo:	Recursos e metodologia:
Primeiro momento: Mobilização, motivar e problematizar	Ação 1 Apresentação do cronograma e possíveis combinados com os estudantes.	Informar os estudantes sobre os procedimentos das aulas e estabelecer um diálogo democrático com os mesmos.	Aula expositiva. Metodologia predominante: problematização e aprendizagem colaborativa.
	Ação 2 Pesquisa qualitativa e qualitativa sobre o perfil dos estudantes.	Levantar informações para corroborar, identificar um possível perfil dos estudantes, segundo o tema em discussão.	Questionário no <i>Google Drive</i> . Sala de informática. Metodologia: presença pedagógica.
	Ação 3 Análise, socialização e problematização das informações sobre o perfil dos estudantes.	Verificar se as informações coletadas são verdadeiras para evitar possíveis equívocos e problematizar para inserir os estudantes no tema em questão. (Princípio de continuidade, integração)	Exposição e discussão das informações por meio de equipamento digital (lousa digital). Metodologia predominante é a problematização.
Segundo momento: Desenvolvimento abstrato, analisar textos filosóficos, recorrer à história da filosofia.	Ação 4 Leitura orientada entre pares de textos pré-selecionados das obras de Han e de Lipovetsky.	Inserir os estudantes no entendimento da situação problema elencada nos textos sobre as comunicações digitais.	Ler textos impressos, um tema para cada equipe de alunos. Metodologias predominantes: aprendizagem colaborativa, presença pedagógica e multiletramento.
	Ação 5 Aprofundamento da leitura e socialização do entendimento dos textos entre os próprios estudantes. (Dinâmica <i>Word Coffee</i>)	Aprimorar o entendimento da situação problema levantada sobre as informações e comunicações nas mídias sociais.	Socialização entre pares. Sala organizada para a realização da dinâmica <i>Word Coffee</i> , trabalho dinâmico de equipes. Metodologia predominante: aprendizagem colaborativa.

Terceiro momento: Apropriação de resultados e avaliação.	Ação 6 Produção crítica e criativa dos estudantes sobre as redes sociais.	Desenvolver uma produção criativa sobre o tema digital e possibilitar a apropriação dos resultados.	Organizar a apresentação de uma notícia verdadeira e produzir uma <i>Fake News</i> para socializar com os colegas da turma. Disponibilizar material necessário (físico e digital) e orientação dos professores da disciplina de filosofia e da área de linguagens para os alunos. Metodologias predominantes: aprendizagem colaborativa e presença pedagógica.
	Ação 7 De forma interativa e contextualizada, socializar as notícias escolhidas e produzidas para os colegas de turma.	Perceber a natureza das informações das redes sociais e como o psicopoder está presente em meio a estas informações e perceber que as mídias exigem o uso de certa razão individual com maior intensidade.	Após cada apresentação, os demais alunos da turma deverão classificar qual das notícias é verdadeira ou falsa, e, quais foram os critérios utilizados para chegar a tal conclusão. Metodologias predominantes: aprendizagem colaborativa, problematização e presença pedagógica.
	Ação 8 Avaliação democrática.	Avaliar criticamente, com a participação democrática dos estudantes, o processo e os resultados desta intervenção pedagógica.	Em lugar apropriado, montar uma roda de conversa para estabelecer um diálogo ⁵⁰ com os estudantes envolvidos na prática de ensino. Após, os estudantes deverão responder um questionário avaliativo no <i>Google Drive</i> . Metodologias predominantes: presença pedagógica, aprendizagem colaborativa e problematização.

Com essa sistematização dos procedimentos das aulas, os estudantes podem aprofundar de forma consistente os estudos em uma problemática centralizadora, neste caso, as mídias digitais, que sugere muitos problemas periféricos, e, assim, compreender e dar sentido ao conteúdo da disciplina, compreendendo-o de forma unificada e evitando a fragmentação do currículo. Para isso, as questões em estudo não podem estar separadas dos anseios dos estudantes, de suas experiências de vida e do contexto contemporâneo dos jovens do Ensino Médio. A prática de ensino de filosofia estruturada em mobilização, desenvolvimento e apropriação dos resultados, das quais a primeira e a última estão diretamente interligadas ao contexto experimentado cotidianamente pelos estudantes faz com que os conteúdos de filosofia

⁵⁰ “O diálogo é reconhecido como importante para o desenvolvimento do processo educativo, tanto como condição para a construção do conhecimento quanto forma de problematização dos conteúdos do saber” CESTARI, M. E. *Agir comunicativo, educação e conhecimento: uma aproximação ao pensamento de Habermas*. Rev. Bras. Enferm., Brasília, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n4/v55n4a12.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

não sejam apenas um aglomerado de informações sem sentido, pois, ao aplicar este plano de ação utilizando-se das metodologias integradoras, valoriza-se a continuidade das experiências, colocando o estudante como protagonista de formação e, assim, tornando possível o desenvolvimento das competências cognitivas e socioemocionais. Acredita-se que, dessa forma, é possível falar em formação integral.

3.6 Relatório e análise da prática do ensino de filosofia

Visando o eficaz desenvolvimento da prática pedagógica e sua posterior análise, foram planejadas oito ações específicas que estão organizadas em três momentos que, respectivamente, correspondem à mobilização, ao desenvolvimento e à apropriação de resultados. É importante salientar que tanto a primeira quanto a terceira etapa desta atividade centralizam as vivências concretas dos jovens estudantes, colocando-os como protagonistas da formação.

3.6.1. Mobilização: motivar e colocar problemas

A primeira etapa, a mobilização, tem o objetivo de desvendar um possível perfil dos estudantes e problematizá-lo, assim deslocando-os de suas convicções e encaminhando-os para a reflexão filosófica das questões concernentes ao contexto concreto. Esta etapa subdivide-se em três ações específicas: apresentação do plano de ensino, pesquisa quantitativa e qualitativa sobre o perfil dos estudantes e apresentação, socialização e problematização dos dados da mesma. A finalidade desta etapa é, além de mobilizar, corroborar com um possível perfil dos estudantes para dar sequência às etapas.

A primeira ação prevista consiste na apresentação do cronograma/plano de aula, e, por meio desta, escutar os estudantes envolvidos na intervenção pedagógica para fazer possíveis adequações e combinados de acordo com as circunstâncias. A apresentação tem o objetivo primordial de informar sobre os procedimentos das próximas aulas e estabelecer um diálogo democrático. No seu decorrer, é possível dar início a um processo de problematização dos hábitos e entrar no contexto das reflexões sobre as influências e as determinações das informações da internet e das redes sociais no modo de viver contemporâneo. São algumas

especulações nos comentários dos próprios estudantes, as quais são de grande utilidade para dar início ao filosofar sobre nosso contexto histórico atual.

A segunda ação pretende, com auxílio da ferramenta tecnológica formulário do *Google Drive*, aplicar uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo (Anexo 01). Esta pesquisa teve como objetivo levantar informações para corroborar ou identificar o perfil dos estudantes, assim, tornando possível autenticar ou falsear as especulações da ação anterior. Pela intencionalidade e objetivo dessa ação, nesta aula não é possível levantar problematizações e discussões sobre o tema proposto. O professor assume o papel apenas de orientador de questões técnicas para os estudantes responderem a pesquisa de forma autêntica, sem influências de argumentos que poderiam ser expostos pelo docente, pois busca-se o cuidado com a neutralidade na coleta de dados, assim evitando a falseabilidade das informações.

A terceira e última ação prevista da etapa de mobilização pretende analisar as informações coletadas na pesquisa sobre o perfil dos estudantes com o objetivo básico de verificar a veracidade das informações coletadas e, assim, evitar possíveis equívocos e inserir os estudantes no tema em questão. Ao expô-las por meio de equipamento digital de projeções de textos e imagens, e problematizá-las, tem-se a intencionalidade de estabelecer uma articulação entre as situações vividas pelos estudantes e o objeto de estudo e reflexão das aulas.

Existe a importância de compreender o perfil dos estudantes por meio de um questionário específico e, partindo dos hábitos que tem certa concretude, atender às necessidades desta proposta de trabalho. Ao analisar as respostas, primeiramente o professor faz um trabalho individual para bem planejar e organizar a terceira ação prevista, com a qual pretende-se socializar, analisar e problematizar as informações com os estudantes.

Nas primeiras questões da pesquisa, temos algumas informações básicas: a maior parte dos envolvidos tem uma faixa etária de 16 e 17 anos (Anexo 02, gráfico 1). Isso demonstra que a totalidade dos 21 estudantes que participaram da pesquisa nasceram em pleno século XXI, ou seja, possivelmente desde a infância já sofreram em seus processos de socialização e do desenvolvimento psicofísico grande influência das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Ao analisar as questões que se referem ao local de moradia e a renda, conseguimos algumas informações que apresentam relevância para compreender e corroborar o contexto social e econômico dos jovens: 15 estudantes apresentaram como endereço de moradia espaços

mais nobres da cidade, e, referente ao rendimento, chegamos aos números de no mínimo de 4000,00 reais ao número máximo de 15000,00 por família. Nenhum dos entrevistados apresenta renda *per capita* inferior a 1247,00 reais (Anexo 02, gráficos 3, 4 e 5).

A relevância destes dados consiste no fato destes estudantes não apresentarem situações econômicas precárias, o qual pode corroborar para a existência de uma situação social de positividade e não de negatividade, pois, para Han, “A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2017, p.25). Sendo assim, o sujeito da positividade é aquele que produz para a dinâmica do espaço contemporâneo, porém, acaba por sofrer as consequências do mesmo sobre sua individualidade.

Na segunda parte do questionário, da sexta à decima quinta questão, foca-se na análise da convivência dos jovens com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Por meio das respostas, pretende-se analisar se os jovens da escola pública podem estar sendo cotidianamente bombardeados e influenciados pelas informações das mídias digitais, principalmente as das redes sociais.

Nos dados coletados da pesquisa, obtivemos a totalidade de respostas afirmativas referentes à posse de *smartphone* próprio, acesso à internet em casa e na escola e todos possuem perfil próprio em alguma rede social, e as mais utilizadas são: *whatsapp*, *instagram* e *twitter* (Anexo 02, gráficos 6, 7, 8, 9 e 10). Ao que se refere aos horários de acesso a estas mídias, a maior parte o faz à tarde, após o horário da escola, à noite e nos finais de semana. Uma pequena parte dos estudantes afirmou que acessa as redes sociais em vários momentos do dia e todos os dias. Porém, quando questionados se estes números eram verídicos, na exposição e socialização dos dados da pesquisa, muitos afirmaram que usavam as redes quase todos os horários, inclusive durante as aulas.

Ao responderem por que e para que utilizam as redes sociais, 14 estudantes afirmaram que as usam para comunicação, 11 para informação e noticiários, 10 para publicação de fotos, 4 para entretenimento e 1 estudante afirmou que utiliza para fazer publicidade. E ao questionar se as informações das redes sociais digitais influenciam nossa percepção de mundo e nosso comportamento, 19 dos entrevistados afirmaram que sim, e 2 responderam negativamente. Ao responderem sobre a natureza das influências das informações digitais, 12 estudantes tem a concepção que elas são positivas, 6 responderam que tal fator é relativo, 2 afirmaram que são

mais negativas do que positivas e apenas 1 afirmou que estas influências são negativas (Anexo 02, gráficos 12, 13 e 14).

A partir dessas informações, por meio do formulário do *Google Drive*, sugere-se que o comportamento dos jovens envolvidos nesta prática pedagógica está submerso nas influências da mídia digital, assim corroborando parcialmente uma das questões elencadas por Han em sua obra *No exame: perspectivas do digital*, na qual ele escreve:

Somos desprogramados por meio dessa nova mídia, sem que possamos compreender inteiramente essa mudança radical de paradigma. Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual. (HAN, 2018, p.10)

Assim, é possível identificar o florescimento da sociedade do desempenho no contexto escolar contemporâneo, porém isso não exclui a existência da sociedade disciplinar. Isso é consequência das novas maquinarias do poder da economia neoliberal. O psicopoder utiliza, de forma eficaz, as informações das mídias digitais e, por meio destas, consegue certo mapeamento até mesmo do inconsciente dos indivíduos contemporâneos, para que possa controlar e produzir vontades e desejos, resultando em uma liberdade paradoxal e formando o sujeito do desempenho.

Nesse contexto em que predominam certos mecanismos de poder, os quais buscam controlar os indivíduos a partir de dentro e, por fim, culminam em um esgotamento psicofísico, as duas últimas questões referem-se às enfermidades psicossomáticas presentes nos jovens estudantes. Referente a essas questões, obtivemos os seguintes números: 5 afirmaram ser diagnosticados com alguma enfermidade neuronal, assim como síndrome do pânico, ansiedade, déficit de atenção, depressão, entre outras. No entanto, 17 alunos identificaram em si mesmos estes esgotamentos psíquicos (Anexo 02, gráficos 15 e 16). Levando em consideração que estes jovens têm no máximo 18 anos, compreende-se estes números como elevados. Este é mais um critério que contribui para confirmar algumas evidências da manifestação do psicopoder em meio à sociedade contemporânea, especialmente nos estudantes participantes deste trabalho de pesquisa.

Na socialização desses dados, priorizou-se o respeito aos argumentos dos estudantes, pois a análise também buscou escutá-los para melhor compreender os fatores que contribuem e moldam de alguma forma a natureza social dos indivíduos contemporâneos. Os

questionamentos levantados para interagir e articular os conteúdos facilitaram a compreensão da situação problema a ser discutida e aprofundada, fato que levou muitos a apresentarem certo estranhamento e perplexidade. A maior parte dos estudantes identificaram-se como indivíduos da sociedade haniana, não de forma efetiva, mas sim ao que concerne às influências das mídias digitais em nossa percepção e comportamento.

As informações coletadas nesta primeira etapa atenderam com certa pujança ao perfil esperado, assim alicerçando concretamente a intervenção pedagógica, pois o objetivo norteador é conscientizar os jovens sobre as influências das mídias digitais, questões trabalhadas teoricamente nas obras de Han e de Lipovetsky.

3.6.2 Desenvolvimento: textos filosóficos e história da filosofia

A segunda etapa estruturante desta intervenção pedagógica, isto é, o desenvolvimento, consiste em focar na leitura de textos pré-selecionados das obras filosóficas. Trata-se de um trabalho de caráter abstrato, no qual recorre-se à história da filosofia, análise e interpretação de textos dos filósofos Byng-Chul Han e Gilles Lipovetsky.

A quarta ação tem o objetivo, por meio da leitura detalhada dos textos, inserir os estudantes no entendimento teórico das situações problemas elencados nas obras dos filósofos no âmbito das mídias digitais. Trata-se da leitura orientada pelo professor e em times de até cinco alunos. A partir de um pré-planejamento, foi selecionado alguns critérios específicos para o bom entendimento dos textos. Primeiro passo foi apresentar os textos selecionados e explicar como aconteceria a dinâmica de leitura. Os times foram orientados a fazer uma leitura detalhada, selecionar as palavras e conceitos que desconheciam, e fazer a pesquisa destes termos. Após a realização deste trabalho de pesquisa, o qual eles realizaram na internet com os *smartphones*, foi sugerido que realizassem novamente a leitura, se necessário, e produzissem um mapa conceitual de cada texto.

Previamente foi organizado o espaço e disponibilizado os materiais necessários, assim como cópias dos textos e folhas brancas. A organização do espaço, neste caso a sala de Ciências Humanas, contribuiu para o conforto dos estudantes para realizarem os estudos em times e facilitou a circulação do professor nas equipes para as possíveis orientações. Na primeira parte da aula, realizaram a leitura dos textos em silêncio e, na maior parte das equipes, os alunos discutiam possíveis dúvidas sobre os mesmos. Algumas equipes solicitaram a orientação do

professor para melhor entender alguns conceitos próprios da filosofia em estudo. Na segunda parte da aula, os jovens produziram um mapa conceitual a partir do entendimento da leitura. Nesta etapa, percebeu-se a interação entre os próprios estudantes do time, em que o diálogo sobre o assunto apresentou-se de forma produtiva e contínua. Muitos solicitaram a orientação para a melhor organização dos conceitos no mapa. Logo, a necessidade de o professor orientador e estar sempre em movimento entre as equipes, ou seja, atuando com presença pedagógica.

Com a produção dos mapas conceituais (Anexo 03), percebeu-se o desenvolvimento da compreensão sistêmica e analítica dos textos, assim possibilitando o desenvolvendo de algumas competências cognitivas necessárias para a leitura de textos deste caráter. Foi perceptível, no decorrer dessa atividade, as condições para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, assim como a colaboração, a comunicação e a criatividade. Ao produzir e planejar no time, foi necessário o diálogo, o consenso e o respeito à alteridade.

Os mapas conceituais, além de possibilitar o desenvolvimento das competências cognitivas, foram muito eficazes como instrumento para a próxima ação que teve o objetivo de socializar com os colegas de outras equipes o conteúdo de seus textos, por meio de questionamentos, diálogo e debates. A quinta ação consiste no aprofundamento da leitura dos textos entre os próprios estudantes, assim melhor entendendo as situações problemas sobre as mídias, elencados nas obras de Han, sobre a sociedade do desempenho, e de Lipovetsky, sobre a hipermodernidade. Durante a aplicação dessa atividade, foi perceptível a utilização dos mapas conceituais como apoio na socialização.

Assim como elencado no cronograma das atividades, para o agradável desenvolvimento da aula, utilizou-se aqui uma técnica de conversação conhecida como *Word Coffee*:

O World Café é uma metodologia de conversa em grupo bastante utilizada em todo o mundo. Criada por Juanita Brown e David Isaacs, em 1995 na Califórnia/EUA, a técnica é muito útil para estimular a criatividade, explorar temas relevantes para o grupo e criar espaço para que a inteligência coletiva possa emergir. O nome Café aparece justamente para convidar as pessoas a conversarem de uma forma informal, descontraída, como se estivessem em uma mesa de um café/restaurante.⁵¹

A dinâmica de conversação sobre a leitura dos textos ocorreu na sala de humanas, espaço mais apropriado da escola para este fim, e, em times de até cinco estudantes. Em cada

⁵¹ SCRAMIN, Paula M. *Como facilitar um World Café?* Disponível em: <https://medium.com/@paulamanzottiscramin/como-facilitar-um-world-café-b44a1a2ff336> Acesso em: 15 fev. 2020.

time, um dos integrantes representa o anfitrião e os outros representam os turistas. O anfitrião é responsável por permanecer no espaço do time de origem e aguardar a chegada dos alunos de outras equipes e socializar suas informações com eles, que, neste caso, representam os turistas, os quais não realizaram a leitura do específico texto, porém estão migrando em busca destes conhecimentos. Já os turistas são responsáveis por coletar as informações sobre os estudos realizados por outras equipes e, quando retornar à origem, são responsáveis por repassar os conhecimentos para o anfitrião. O objetivo é promover a interação e articular as informações sobre os textos por meio da metodologia aprendizagem colaborativa, aprimorando o entendimento e compreendendo as situações problemas elencadas pelos autores.

A utilização da técnica *Word Coffee* demonstrou-se eficiente nesta didática de socialização. A conversação possibilitou aos alunos o esclarecimento de termos e conceitos referentes aos conteúdos, além do mais, foi perceptível a interpretação dos problemas abordados nos textos, fato que faz o estudante compreender as peculiaridades das circunstâncias apresentados, evidenciando a atualidade das produções filosóficas e, assim, adentrando nas questões concretas da contemporaneidade a partir do contexto teórico, evitando um conhecimento apenas empírico desta condição.

Ao final do encontro, em uma socialização e avaliação coletiva entre os grupos, percebe-se que a ação atingiu seu objetivo, pois, ao escutar os estudantes, foi notória a compreensão das questões propostas nos comentários e afirmações, assim como:

- *Podemos identificar e ter a noção de psicopoder que o autor⁵² apresenta na seguinte frase, que é muito comum encontrar e compartilhar nas redes sociais: “Trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam, e então, viva o que eles sonham”.*
- *Hoje em dia, as pessoas estão muito preocupadas com as metas e esquecem de viver o presente.*
- *Estamos, a todo momento, acessando a internet e publicando nossas informações particulares, fotos e nossos sentimentos, nem sequer imaginamos que estamos expondo nossa privacidade. Assim, alguém pode utilizar-se destas informações para se beneficiar.*

⁵² Refere-se, aqui, a Byung-Chul Han.

Nos trabalhos de leitura coletiva, produção de mapas conceituais e a técnica de conversação, os estudantes apresentaram maior interesse em oposição às aulas e leituras tradicionais. Eles também avaliaram o desenvolvimento das aulas de filosofia como produtivas e descontraídas pelo fato de trabalhar em equipes e o conteúdo estar diretamente ligado às situações cotidianas, o que demonstra a eficiência das metodologias propostas para construir uma educação de “qualidade”.

Porém, é difícil julgar se é esta a qualidade que se almeja para a educação neste contexto que se desvela cotidianamente. Basta voltar às reflexões hanianas sobre a sociedade do desempenho, e se percebe que a escola é uma das instituições mais eficazes para a formação do sujeito auto explorador. Ao pressupor que o indivíduo, desde cedo, além de realizar as tarefas normais, também deve fazer uma diversidade de outras ações, assim como cursos de idiomas, esportes, estágios, entre outras. Compreendendo que esta é a “melhor formação e preparo para o futuro, onde por esse viés deverão ter sucesso em todos os âmbitos de suas existências. Na vida adulta, a multitarefa se aperfeiçoa, tornando-se adjetivo utilizado para definir sujeitos proativos”⁵³. A partir dessa perspectiva, contraditoriamente ao buscar formar o jovem para viver bem nesse contexto, forma-se o indivíduo para a sujeição das novas demandas do mercado.

3.6.3 Apropriação de resultados e avaliação

A terceira e última etapa estruturante desta atividade, a saber, a apropriação dos resultados e avaliação do processo de ensino e aprendizado, subdivide-se em três ações no cronograma de planejamento, que representam respectivamente a sexta, a sétima e a oitava ação prevista. As duas primeiras ações têm o objetivo de fazer os jovens compreenderem que as mídias digitais, como alertam os filósofos consultados, são um meio complexo de múltiplas influências e manifestações.

No início da terceira etapa, os estudantes foram convidados a fazer a análise de algumas informações das redes sociais. Eles observaram algumas imagens, manchetes, *layout*, texto, comentários, entre outros. A qualidade do texto, a relevância da matéria, o sensacionalismo e o apelo popular também se constituem em um recurso de análise e, desse modo, se favorece a discussão sobre as condições que tornaram relevante esse assunto diante de vários outros.

⁵³ OLIVEIRA, G. F. *A sociedade do desempenho e suas urgências*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/2790>. Acesso em: 02 set. 2020.

Em seguida, se propôs aos alunos que elaborassem, em duplas, a partir do mesmo mote, uma notícia falsa e reescrevessem uma verdadeira utilizando estética similar e igual qualidade na produção textual. Ambas as notícias foram apresentadas para os demais estudantes da turma, os quais analisaram e tentaram reconhecer qual notícia traz informações confiáveis e quais foram os elementos considerados nessa observação, o que garante a credibilidade ou inconsistência da notícia apresentada. Nessa atividade de reprodução e produção de notícias, as quais devem ter as características das informações das redes sociais, é possível fazer o estudante entender na prática alguns das discussões levantadas pelos filósofos.

Na sexta ação, os alunos produziram com autonomia e criatividade. As ações do professor foram intencionalmente limitadas a atuar como orientador por meio da problematização e da presença pedagógica. As produções (Anexo 05) atenderam às expectativas e isso possibilitou o sequenciamento dos estudos.

A sétima ação foi a apresentação dos noticiários reproduzidos ou produzidos pelos alunos, a qual gerou dúvidas acerca da credibilidade, o que suscitou questionamentos como: O que já sabemos sobre o assunto? São citadas fontes confiáveis, instituições, pesquisas, especialistas? Será isso possível ou é a falta de conhecimento que faz acreditar? Essa imagem traz um forte apelo emocional, será que é real e atual ou se utilizou de uma situação parecida em um outro contexto? Qual o interesse de quem a publicou? Essas dúvidas, que geraram questionamentos e reflexões críticas, são essenciais e muito melhores do que as certezas, pois “[...] a massa de informações não filtrada faz com que a percepção seja embotada” (HAN, 2018, p.104). Dessa forma, é coerente pensar que as mídias exigem o “[...] uso mais intenso da razão individual” (LIPOVETSKY, 2004, p.73).

A atividade, além de fazer a dúvida e as reflexões fluírem sobre as informações das plataformas digitais, fez os estudantes se situarem melhor no contexto contemporâneo das incertezas e da pós-verdade, pois esse tipo de informação nos traz um mundo difícil de compreender, se é que isso é possível. Nas plataformas digitais é transmitido apenas informações interpretadas a partir de um viés, não é possível conhecer de forma neutra a maior parte dos fatos. Existe uma distância considerável entre as informações veiculadas nos meios de comunicação e os fatos concretos, pois Milton Santos afirma:

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às

empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia (SANTOS, 2010, p.20).

Percebe-se as dificuldades que temos em fazer qualquer juízo sobre as informações, pois elas geralmente são manipuladas de acordo com a(s) ideologia(s) de quem as transmitem e com o(s) paradigma(s) hegemônico(s) no contexto social e histórico⁵⁴. Além do mais, não podemos negar a subjetividade do emissor, a qual, muitas vezes, é difícil de contornar. Fato que se agrava com as tecnologias digitais, pois:

Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. A verdade, assim, perde a primazia epistemológica nas discussões públicas e passa a ser apenas um valor entre outros, relativo e negociável, ao passo que as emoções por outro lado, assumem renovada importância (D'ANCONA, 2018, p.10).

Nesse cenário de digitalização e interconexão global, acessamos o mundo da pós-verdade, em que a emoção recupera sua primazia, e a verdade bate em retirada. Ao mergulharmos neste inferno de informações, passamos a erigir como verdade um certo número de fantasias, cuja repetição acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de interpretação dos fatos. Em vez de interpretar a verdade a partir da observação dos fatos, cria-se ou aceita-se uma “verdade” e, só após e nem sempre em todos os casos, busca-se as informações para corroborar tal “verdade”. As pessoas, muitas vezes, não querem buscar ou não dão o devido valor às informações contrárias às suas convicções.

A sétima ação contribuiu para demonstrar aos jovens que as convicções são ideológicas, pois, muitas vezes, busca-se entender o mundo partindo das próprias interpretações sem considerar a negatividade da alteridade. Esta compreensão é essencial para a desconstrução de preconceitos que são inerentes no próprio processo de socialização e formação cultural do ser humano.

O trabalho proposto de identificar as notícias que merecem, ou não, credibilidade fez, tanto os alunos quanto os professores, passarem pela experiência de estar inseridos no contexto do excesso de informação. Dessa experiência fluiu certo espanto e reflexão, porém sem respostas diante às incertezas das informações digitais. Avaliando as notícias produzidas pelos estudantes (anexo 5), percebe-se a dificuldade de levantar critérios para identificar a verdade

⁵⁴ Há 25 anos atrás, empolgava-nos a assimilação da diferença entre o veraz e o não verdadeiro, entre a aparência e a existência, entre o ideológico e o real. Hoje a ideologia se tornou realidade, o que complica nossa tarefa de análise porque se impõe à produção da história concreta dos homens a partir de um discurso único perfeitamente elaborado, e que se torna acreditável a partir do bombardeio das mídias, mas também a partir da chancela da Universidade (SANTOS, 2010, p. 11).

e distingui-la do falso quando não conhecemos a realidade concreta. Logo, na falta de critérios racionais, cria-se um espaço para a entrada das emoções nos julgamentos sobre a verdade.

As aulas de Filosofia sistematizadas e articuladas com as experiências materiais dos jovens contribuem para refletir e desenvolver a consciência sobre as condições de pertencer ao mundo da cultura digital. Na avaliação realizada pelos estudantes a respeito das aulas, pode-se destacar: *As mídias digitais vêm modificando nossa vida e nosso conhecimento. A dependência por celulares, computadores, televisão, etc. são vícios que podem afetar o nosso comportamento [...]. Nosso comportamento se torna dependente de uma máquina e nos torna escravos de uma era tecnológica onde tudo é incerto* (Anexo 06). Essa incerteza é perceptível em outros comentários.

Ao final da aula sobre as *Fake News*, o estudante E. S. afirma: *[...] a sala ficou bem dividida quando era para escolher se era fake ou não, até mesmo os professores, acredito que os alunos e professores foram enganados pela fake news, infelizmente* (Ver anexo 06). Nessa perspectiva, os procedimentos didáticos contribuem para o estudante olhar e, possivelmente, interpretar a realidade com a devida complexidade. Essas reflexões fazem transparecer os riscos potenciais das mídias digitais, os quais impactam perigosamente na vida individual e social, pois, em vez de esclarecer, muitas vezes as informações acabam por confundir, camuflar a verdade e imbecilizar os usuários das redes ao possibilitar a existência da pós-verdade.

A última ação dessa intervenção pedagógica teve o objetivo de dialogar democraticamente com os estudantes e avaliar, no conjunto, o processo de ensino e aprendizado. Para isso, foi disponibilizado, no *Google Drive*, um questionário (Anexo 06) com questões abertas para os estudantes avaliarem e, após isso, organizado uma roda de conversa para a troca de impressões.

Ao que se refere ao questionário de avaliação, a primeira questão pretendeu levantar possíveis critérios para distinguir e identificar uma notícia falsa, visto que, na prática, foi uma das problemáticas que ficou aberta. Destacam-se muitas respostas, entre elas, os critérios mais levantados pelos estudantes para verificar a credibilidade das notícias são: comparar dados, verificar fotos, data e lugar para ver se conferem com a realidade, analisar manchetes, ortografia e coerência, o que e quem está envolvido na informação, entre outros. Isso fica visível no comentário de um dos integrantes da turma: *Olhar em sites que sejam confiáveis, não somente em um site, mas em vários para ver se a notícia é verídica. Procurar critérios*

para verificar se essa notícia é verdadeira ou não, assim como, pesquisar autor, fonte e analisar a estrutura do texto (Anexo 06).

No entanto, nos argumentos que mais chamam a atenção transparece que os estudantes valorizam a necessidade de compreender com mais profundidade as notícias falsas. Para isso, além de analisar as características básicas das informações, sugere-se um processo de análise hermenêutica na tentativa de desvendar o que está oculto à informação e deixa os indivíduos vulneráveis a esses fatores. Isso é perceptível nos seguintes argumentos: *Geralmente, as Fake News trazem polêmicas atuais que, muitas vezes, afetam o psicológico das pessoas, lidando, assim, com seu inconsciente. Isso porque eles tentam te convencer através do emocional (Anexo 06), e, Parcialidade, ineditismo e sensacionalismo são as formas mais claras de se identificar uma Fake News, pois são esses aspectos que agredem nosso inconsciente, os quais deixam-nos vulneráveis às informações falsas (Anexo 06).*

Porém, em uma realidade como a atual, na qual as redes digitais são disseminadoras dos princípios de eficácia, de transparência e mecanismos da economia neoliberal global, como pensar em posturas que exigem o demorar-se perante às telas carregadas de informações? Os próprios aparelhos de *smartphones* são a materialização desses princípios porque neles nada é oculto, ou seja, tudo é gravado, armazenado e codificado. Ademais, essas tecnologias representam a própria instantaneidade dos tempos atuais, atendendo às exigências de eficiência e de hiperatividade.

Friedrich Nietzsche, em sua obra intitulada *Humano, demasiado humano*, faz algumas inferências sobre a cultura moderna:

À medida que andamos para o Ocidente se torna cada vez maior a agitação moderna, de modo que no conjunto os habitantes da Europa se apresentam aos americanos como amantes da tranquilidade e do prazer, embora se movimentem como abelhas ou vespas em voo. Essa agitação se torna tão grande que a cultura superior já não pode amadurecer seus frutos; é como se as estações do ano se seguissem com demasiada rapidez. Por falta de tranquilidade, nossa civilização se transforma numa nova barbárie. Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto. Logo, entre as correções que necessitamos fazer no caráter da humanidade está fortalecer em grande medida o elemento contemplativo (NIETZSCHE, 2000, p.116).

Condições que se atualizam nas reflexões a respeito das influências das redes digitais no comportamento dos sujeitos e sobre os riscos que as proliferações de informações em demasia representam para o indivíduo conectado, principalmente em uma época caracterizada

pelo capitalismo leve⁵⁵. Segundo Han, “sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar (HAN, 2017, p.37). Nesse sentido, a vida humana se afunda em um abismo da hiperatividade quando se evita ou se elimina posturas contemplativas.

Além da problemática supracitada, a qual exige postura crítica e contemplativa sobre as informações, é importante salientar que, no questionário proposto aos estudantes, algumas das competências para o século XXI, sugeridas como marco central da formação integral dos jovens, possibilitam melhor interpretação desses eventos, pois, de acordo com a resposta: *Pensamento crítico para que possamos fazer uma análise do conteúdo que está sendo tratado* (Anexo 06). Compreende-se que o indivíduo que desenvolveu o pensamento crítico poderá analisar com critérios mais refinados para julgar as informações das mídias digitais, pois identificar como e quando uma informação é tendenciosa, ou quando busca atingir o emocional, ou, até mesmo, quando se pretende criar desejos no público alvo, é um trabalho mais delicado e não existe uma receita objetiva para identificar uma notícia falsa ou dar a devida credibilidade à informação verdadeira. A criticidade e a autonomia são competências essenciais para o sujeito deste século conseguir levantar os critérios adequados para julgar as informações de acordo com as circunstâncias de cada momento.

Já ao que se refere aos critérios para identificar os mecanismos do psicopoder nas comunicações digitais, conceito fundamental da filosofia haniana, percebe-se que, por meio das dinâmicas de ensino, foi possível atingir um dos objetivos centrais da atividade proposta. A maior parte dos estudantes reproduziu com eficiência os conceitos concernentes ao psicopoder, identificando o que é e como ele atua nas mídias digitais e em outros veículos de comunicação e informação. Esses conhecimentos são imprescindíveis para ter uma postura autônoma e crítica perante as tecnologias de informação e comunicação. Isso é visível nos seguintes argumentos inferidos pelos estudantes:

- *Podemos identificar através de nossas redes sociais, onde as empresas fazem uma pesquisa sobre a população através dos dados expostos na internet, conseguindo,*

⁵⁵ Em seu estágio pesado, o capitalismo estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregavam. Hoje o capital viaja leve – apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil. Pode saltar em quase qualquer ponto do caminho, e não precisa demorar-se em nenhum lugar além do tempo que durar sua satisfação. O trabalho, porém, permanece tão imobilizado quanto no passado- mas o lugar em que ele imaginava estar fixo de uma vez por todas perdeu sua solidez de outrora; buscando rochas, as âncoras encontram areias movediças. Alguns dos habitantes do mundo estão em movimento; para os demais, é o mundo que se recusa a ficar parado (BAUMAN, 2001, p.76-77).

assim, fazer produtos que agradem a maior parte da população e fazendo com que ela compre esse produto (Anexo 06).

- *Quando se vigia, controla e influencia o leitor/telespectador a acreditar em algo que não necessariamente seria o acontecimento, mas, sim, que se quer mostrar dele (Anexo 06).*

- *É possível identificar os mecanismos através da exploração da liberdade do indivíduo, onde, ao invés das mídias digitais nos capacitarem e nos tornarem pessoas críticas, nos tornam dependentes. Há maneiras diferentes do poder inteligente agir sobre as redes, incluindo a divulgação de Fake News, compras compulsivas, criação de locais virtuais atrativos que nos desviam do cotidiano real, onde a pessoa torna-se controlada por um aparelho eletrônico e, ainda, influências emocionais que buscam nos afetar de modo silencioso sem que seja percebido. Atualmente, é possível registrarmos pensamentos, emoções e ações nos meios digitais e, devido a isso, nasce um psicopoder onde é possível intervir sobre a mente humana (Anexo 06).*

- *Somos bombardeados de informações o tempo todo, existindo um processo de manipulação da mídia, onde somos levados a acreditar no que ela nos transmite. Identificamos estes mecanismos através de estudo e de reflexões, formando, assim, uma opinião própria (Anexo 06).*

Compreende-se que, atualmente, as tecnologias midiáticas são efetivas e importantes para a vivência humana, basta olhar para as múltiplas facilidades que elas trazem contemporaneamente, porém precisa-se tomar conhecimento e cuidado ao que refere aos danos que podem acarretar na vida individual e social. Se a considerarmos como um meio para atingir certos objetivos, sabe-se que também pode ser utilizada para os interesses de um grupo hegemônico e/ou de acordo com as necessidades de um sistema econômico que tende a se eternizar na história.

Ao tratar o homem como uma simples coisa, o sistema ganha vida. Muitas vezes, as necessidades do sistema dominante são alocadas como sendo necessidades dos próprios sujeitos por meio das influências e do controle, o qual, de forma estratégica, veiculam os ideais nos meios de comunicação de massa para atingir seus objetivos. Isso é possível compreender nas próprias palavras de Han, em sua obra *Psicopolítica*:

Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação

social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo. [...] os *big data* tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano. Dessa maneira, o futuro se torna previsível e controlável (HAN, 2018, p.23).

Através dos *big data*, no contexto da era da “informação”, é possível gerenciar grande número de dados a partir das informações pessoais e sociais publicadas na internet e nas redes sociais diariamente. Isso permite com que empresas, políticos, entre outros, encontrem padrões de comportamento, o que permite maior capacidade de controle e de tomar decisões. Quanto mais números, conhece-se as realidades mais detalhadamente e, com esse conhecimento detalhado, além de tornar possível a exploração das emoções e dos desejos, é possível produzir desejos e vontades em um público-alvo, influenciando pensamentos com a grande quantidade de publicidade e “informações” nas redes continuamente.

Para tanto, a terceira questão refere-se às possíveis influências das informações digitais em nossa percepção de mundo e em nosso comportamento. Inicialmente, pode-se citar dois fatores que aparecem nos argumentos dos estudantes, os quais são problemáticos e estão presentes na sociedade contemporânea. Em primeiro lugar destaca-se os riscos que as informações digitais, personalizadas por meio de algoritmos, representam para a democracia, e, em segundo lugar, as determinações da economia global nas várias dimensões da vida dos sujeitos. Isso é perceptível nos argumentos dos estudantes, entre os quais, pode-se citar os seguintes: *Consumo, ideias, ideologias e preconceitos. Uma bolha de influências e interesses é criada sobre nosso meio social para nos direcionar a consumir e/ou apoiar algo que interessa ou atende aos interesses de outrem* (Anexo 06), e, *Como é algo de fácil acesso, é muito fácil ocorrer a manipulação do pensamento das pessoas, onde suas opiniões podem ser construídas através de falsos argumentos na internet, geralmente de cunho político, econômico, social ou até mesmo religioso* (Anexo 06).

Em ambas as respostas nota-se a compreensão por parte dos estudantes sobre as questões elencadas. É de conhecimento de muitos que os “efeitos bolhas” são causados por algoritmos de seleção de informações para personalizar as páginas pessoais com a finalidade de prender a atenção dos seus usuários. Realidade tal que fecha o indivíduo em uma bolha de informações e conteúdos alinhados unicamente aos “seus interesses”, limitando, dessa forma, o acesso à diversidade de conhecimentos, principalmente os divergentes de suas convicções. Questão que fragiliza ainda mais a democracia, a qual caracteriza-se pelo conflito e por ideias diversas.

O segundo fator são as determinações do sistema global econômico, que não deixa de transparecer nos argumentos dos estudantes. Existe o reconhecimento de que nas redes sociais

se veicula o discurso orientado pelos princípios do capitalismo, condicionando a cultura do consumo exacerbado, o qual tende a sustentar ilusões da necessidade de consumir aparelhos digitais, vestimentas, medicamentos e muitas outras mercadorias.

Janathan Crary (2014), em sua obra *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*, afirma que “há uma invenção de pseudonecessidades ou deficiências para as quais novas mercadorias são soluções essenciais” (CRARY, 2014, p.33). Além do discurso midiático produzir necessidades artificiais, tudo isso é harmonizado com uma noção de pseudoliberalidade, conduzindo os indivíduos à exploração consentida, a qual é muito mais eficaz que a exploração por meio de coerções. Nesse panorama, as redes digitais produzem uma falsa sensação de liberdade que torna possível o controle dos usuários da *web* e que efetiva eficazmente a sujeição inconsciente dos indivíduos nas várias dimensões da vida. Um dos principais alicerces do sistema global econômico é construído na ilusão de escolha consciente, porém, nesse contexto “o sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão” (HAN, 2018, p.26). Isso é concretizado por meio das tecnologias digitais:

As formas mais avançadas de vigilância e análise de dados utilizadas pelas agências de inteligência são agora também indispensáveis para as estratégias de marketing de grandes empresas. Telas e outros displays que rastreiam os movimentos oculares, assim como as durações e os pontos de fixação do interesse visual em sequências ou fluxos de informações gráficas, são amplamente empregados. Cada visita casual a uma única página da internet pode ser minuciosamente analisada e quantificada em função de como o olho a percorre, pausa, se move e dá mais atenção a algumas áreas em detrimento de outras. Mesmo no espaço físico de grandes lojas de departamento, escâneres de rastreamento do olhar fornecem informações detalhadas sobre o comportamento individual — por exemplo, determina por quanto tempo olhamos para produtos que não compramos. Há tempos existe um campo de pesquisa de ergonomia ótica generosamente financiado. Passiva e muitas vezes voluntariamente, colaboramos para nossa própria vigilância e para a coleta de nossos próprios dados. Isso resulta, inevitavelmente, em procedimentos mais sofisticados para a intervenção sobre o comportamento individual e coletivo. Ao mesmo tempo, as imagens estão basicamente em continuidade a todas as formas não visuais de informação com as quais entramos em contato. A instrumentalização da percepção sensorial é apenas um dos elementos envolvidos nas atividades cumulativas de acesso, armazenamento, formatação, manipulação, circulação e troca. Fluxos incalculáveis de imagens estão onipresentes 24/7, mas o que ocupa a atenção individual, na verdade, é a administração das condições técnicas que as rodeiam: todas as determinações de entrega, exibição, formato, armazenamento, upgrades e acessórios que se multiplicam (CRARY, 2014, p.30).

Ciente desses e de outros mecanismos de vigilância e de controle, os quais são responsáveis por interversões na consciência dos indivíduos, percebe-se a necessidade de tratar a situação das redes sociais com a devido cuidado e com a complexidade que merece. As aulas de Filosofia direcionadas a estas problemáticas, no seu processo de avaliação democrática, obteve algumas respostas, entre as quais pode-se citar: *As mídias digitais têm forte influência*

em nosso comportamento, por conta de passarmos a maior parte do dia em um meio digital, essas informações moldam nossa mente de certa maneira, pois através dessa informação repetitiva estaremos nos comportando conforme as informações que recebemos (Anexo 06), e, As principais influências são os padrões de beleza, onde crianças, jovens e adultos se martirizam por não terem as roupas que são usadas por influencers digitais ou por não terem seus corpos de academia postados na internet. O modo de vestir, falar, as gírias e até o comportamento atual se baseia muito em redes sociais (Anexo 06). Isso demonstra que o processo de reflexão filosófica com os jovens sobre as mídias digitais, alicerçadas em produções filosóficas da história da filosofia, contribui para desenvolver a consciência dos possíveis caminhos que podem levar à alienação.

A compressão por parte dos estudantes desse panorama, o qual se caracteriza com o excesso de informações, faz perceber que nesse espaço é possível produzir e direcionar as informações adequadas para cada grupo de pessoas assim intervindo sobre a consciência dos usuários das redes e produzindo efeitos desejados sobre um público-alvo. A compreensão que as redes digitais são eficientes instrumentos de coleta de dados, de vigilância e de controle de pensamentos, é primordial para tornar a cultura digital mais consciente e esclarecida.

É importante salientar que a grande parte das respostas dos estudantes foram direcionadas aos aspectos negativos das informações das redes sociais, não obstante haver o viés positivo, como vemos no excerto abaixo:

De um certo ponto de vista, a mídia apresenta-se como instrumento da “irracionalidade”, fabricação de emoções com excesso de novos perigos. De outro ponto de vista, pode-se vê-la como aquilo que leva os indivíduos a reagir, a protestar, em outras palavras, a agir com protagonismo num mundo onde o controle das grandes decisões escapa-lhes. Já se disse interminavelmente que a mídia torna passivo os cidadãos. É forçoso observar que ela também cria uma situação capaz de levar os indivíduos a questionar a existência, tomar partido, exigir mais controles, reclamar medidas de prevenção e “precaução” (LIPOVETSKY, 2004, p.77)

A mídia pode influenciar positivamente os cidadãos, esclarecendo-os e tornando-os conscientes da diversidade e das singularidades existentes, assim formando pensamentos críticos, o que leva os indivíduos a fazerem melhores escolhas. No entanto, por que a maior parte dos estudantes desenvolveu respostas aprofundadas nos aspectos negativos das influências da comunicação digital? Talvez porque, mesmo que existi a ilusão que “a ordem tecnológica contemporânea é essencialmente um conjunto de ferramentas neutras que pode ser usado de diferentes maneiras, inclusive a serviço de uma política emancipatória [...] hoje não

haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (CRARY, 2014, p.29).

As mídias digitais têm forte poder de influência sobre as pessoas, e, por meio dela, é possível a manipulação de pensamentos, criar a homogeneização da cultura, entre outras enfermidades derivadas das comunicações digitais. Um segundo fator que pode ter contribuído para esta postura dos estudantes é: a maior parte dos textos utilizados para leitura direcionaram para uma interpretação negativa das consequências da comunicação e da informação digital e do psicopoder que se apropria das redes. Esses fatores provavelmente determinaram com parcialidade as concepções dos estudantes sobre a mídia digital. Essa segunda argumentação corrobora com a afirmação de que a escola tem poder em formar novas mentes e novos cidadãos, seja para o bem ou para o mal, uma vez que ela nunca perdeu seu lugar na formação das culturas, as quais são dinâmicas. Sendo assim, reafirmamos a importância das instituições escolares e dos professores sempre reavaliarem os princípios que movem a formação dos novos indivíduos.

Quanto à quarta questão, refere-se a uma avaliação geral desta específica atividade pedagógica, a qual tinha o objeto de estudar as informações das mídias digitais e suas consequências na vida individual e social. Os estudantes poderiam levantar aspectos positivos, negativos e fazer sugestões.

Ao analisar os argumentos dos estudantes, em um momento de escuta e reflexão sobre a própria prática de ensino de filosofia de acordo com as metodologias integradoras, observa-se que existem elogios, sugestões e críticas. Ao que se refere às críticas levantadas pelos estudantes, além das aulas ainda se apresentaram para um aluno como muito teóricas, pode-se destacar: *Negativo no sentido da falta de imparcialidade em certos casos* (Anexo 06). Essa afirmação tem concretude, uma vez que as aulas centralizaram mais nos danos que a mídia digital ocasiona à vida das pessoas. Logo, a observação feita tem consistência, pois devemos ter os olhos da razão sempre abertos, não somente para identificar e julgar os maléficos, mas também para identificar os benefícios desta formidável tecnologia, assim assumindo uma postura crítica perante a cultura digital que, de forma dialética, vem invadindo, modificando e encalacrando-se nas instituições de ensino.

As sugestões apareceram em poucas respostas e de forma tímida. Alguns alunos elencaram a necessidade de tornar as aulas de Filosofia mais práticas, como por exemplo, trabalhar o conteúdo por meio de peças teatrais ou debates. No entanto, para essa prática,

também são necessárias a leitura e a teoria para desenvolver atividades com maiores propriedades racionais. Mesmo buscando alternativas de aulas mais pragmáticas, a filosofia não exclui os momentos de rigor conceitual, situação que pode levar à existência de aulas de cunho mais abstrato e teórico.

Cabe ressaltar o clássico entendimento de Emmanuel Kant sobre o filosofar em sua obra *Lógica* (2009), na qual desenvolve o conceito de filosofia segundo o significado escolástico e cósmico. Nessa circunstância, subentende-se o significado *escolástico* da palavra como os sistemas de conhecimentos filosóficos, um conjunto sistemático de conhecimentos, os quais, em conexão, dão um sentido de totalidade. Entendidos aqui como os conteúdos de história da filosofia, já que “[...] todo o pensador filosófico constrói, por assim dizer, a sua própria obra sobre as ruínas de outro” (KANT, 2009, p.13). O sentido *escolástico* confere a habilidade de manusear sistemas e conceitos filosóficos, trata-se do abastecimento de conhecimentos racionais, porém não o filosofar propriamente dito.

Já o sentido *cósmico* da palavra subentende-se como a ciência dos últimos fins, o que confere valor à filosofia, pois é o que a coloca como legisladora da razão, ou seja, maximiza o uso livre da razão. Tal conjuntura transparece nos argumentos dos próprios estudantes, pois: *As aulas de filosofia foram dinâmicas e conseguiram agregar valor tanto no quesito filosófico, quanto em nosso cotidiano, fazendo, assim, com que tenham conhecimento de que podemos ser controlados pelas mídias e de como podemos questionar as fake news* (Anexo 06). Entende-se por “quesito filosófico” o conceito escolástico da palavra, os conteúdos sistemáticos da história de filosofia. Por “nosso cotidiano” sugere-se como sendo o conceito cósmico, trata-se da postura do estudante de pensar por si e fazer uso livre da própria racionalidade, vinculando os estudos dos conteúdos da disciplina com os problemas concretos da cultura contemporânea.

A um filósofo incumbem sobretudo duas coisas: 1) o cultivo do talento e da destreza para os aplicar a toda a classe de fins; 2) a perícia no uso de todos os meios para quaisquer fins. Ambas as coisas devem estar juntas; pois, sem conhecimentos, jamais alguém se tornará filósofo, e os conhecimentos, por si sós, também nunca farão o filósofo, a não ser que ocorra uma junção teleológica de todos os conhecimentos e destrezas na unidade e um discernimento da consonância dos mesmos com os fins supremos da razão humana (KANT, 2009, p.13).

Sendo assim, ambos os conceitos de filosofia têm uma relação de interdependência para o autêntico filosofar. As aulas de Filosofia devem possibilitar momentos para a valorização dos dois conceitos, ou seja, da importância dos conteúdos sistematizados de filosofia e a liberdade dos estudantes em interrogar, argumentar e pensar de acordo com suas circunstâncias. Essa

situação é possibilitada por meio das metodologias integradoras utilizadas nessa prática de ensino de filosofia, as quais colocam o jovem como protagonista.

Além das sugestões, houve avaliações positivas direcionadas ao tema em discussão. Os estudantes elencaram que é um assunto que está diretamente interligado à vida de qualquer cidadão contemporâneo. O fato de o conteúdo ter relação com a realidade material vivenciada pelos jovens e a preocupação em desenvolver um plano de ensino que tenha estreita ligação com a vida material, na tentativa de articular o currículo, faz os estudos de filosofia apresentarem-se mais significativos e, dessa forma, facilitou a compreensão dos problemas em reflexão. Esse olhar para a realidade material da cultura não se trata apenas de um olhar carregado de informações de história da filosofia em oposição aos conhecimentos cotidianos sobre as mídias digitais, mas trata-se da tentativa de cultivar nos estudantes uma postura particular que é ter uma atitude de reflexão crítica. Segundo Jorge L. Viesenteiner:

A pesquisa em Filosofia tem de ser uma pesquisa engajada. Por engajamento, porém, não entendo exclusivamente engajamento político, mas antes, um modo de ser muito particular da nossa relação com o tempo presente, e que consiste em uma tomada de distância da situação em que nos encontramos, mas no interior dessa mesma situação, ou seja, um duplo distanciamento: distanciamento da situação, na situação [...] Essa maneira particular de lidar com o tempo traz consigo uma dupla atitude: temos de ser genuínos filhos do nosso tempo, mas simultaneamente temos de poder ser capazes de dar as costas a esse mesmo tempo, com algum sucesso de distância crítica, de modo a sermos capazes de enxergar nossos próprios pontos cegos. Portanto, denomino por engajamento o distanciamento da situação, na situação! (DUTRA; GOTO, 2018, p.26).

A partir dessa compreensão, a atividade filosófica consiste em uma *práxis* sobre um objeto que demande culturalmente certo distanciamento para a reflexão de cunho filosófico, o qual supõe rigor conceitual proveniente das obras filosóficas e da necessidade de articular esses conteúdos com as situações cotidianas da cultura. Condição valorizada no processo de ensino de filosofia visando formar competências específicas para as demandas da cultura deste início de século.

A proposta de educação que coloca como princípios centrais o protagonismo juvenil, o currículo articulado e as metodologias integradoras, faz fluir resultados satisfatórios nas aulas de Filosofia, o que pode ser constatado nas avaliações dos alunos:

- *Avalio as aulas de forma positiva, pois a aula não possuiu aspectos negativos, sendo que o professor foi paciente em todos os momentos e, mesmo com aulas onde houveram muitos alunos ausentes, explicou o conteúdo com excelência, nos mostrando diferentes conceitos onde demonstram que, muitas vezes, as redes*

sociais nos influenciam. A aula nos fez desenvolver competências como o pensamento crítico durante a apresentação dos trabalhos, criatividade para desenvolvermos um mapa mental do assunto, além da responsabilidade, da resolução de problemas durante os debates em sala e a colaboração em grupo. Também nos mostrando que há formas de se ter filosofia de um modo mais dinâmico, onde todos possam compreender o conteúdo passado (Anexo 06).

- *Muito positivo, pois, assim ficamos mais atentos às coisas do nosso dia a dia o que faz obter mais uma das competências do EMITF⁵⁶, o pensamento crítico (Anexo 06).*
- *Acredito que só tiveram pontos positivos, pois entendemos melhor os conteúdos, e aprendemos melhor como analisar e julgar as notícias mais profundamente para uma melhor interpretação da informação repassada (Anexo 06).*

Além do mais, a utilização dos recursos disponíveis e espaços diferenciados colaborou para a dinamicidade das aulas. O modo como procedeu a prática de ensino de acordo com os princípios da educação integral colaborou para o desenvolvimento de certas competências. Porém, é perceptível na avaliação as dificuldades com os horários e com as faltas de alguns estudantes. Fato compreensível, pois a grade curricular do Ensino Médio Integral é estruturada com cinquenta aulas semanais e as aulas de filosofia foram escaladas para sexta-feira no período vespertino. Logo, nesse horário os estudantes têm da quadragésima quinta à quinquagésima aula da semana, e, provavelmente, devido a esse fator, é natural o cansaço e o esgotamento psicofísico dos estudantes. E mesmo que exista a preocupação dos professores e da gestão escolar em organizar ambientes, aulas e espaços diferenciados, não tem sido suficiente para amenizar os impactos negativos desta situação problema.

A partir dessa análise, pode-se afirmar que o ensino de filosofia no currículo do Ensino Médio é um espaço privilegiado para refletir e desenvolver aptidões para o jovem interpretar a própria realidade com distanciamento crítico. Ao possibilitar momentos oportunos para pensar sobre a própria condição de estar no mundo e sofrer condicionamentos diversos e distintos de acordo com o espaço e o tempo em que se vive, compreende-se que a disciplina é um espaço no currículo para o desenvolvimento de competências, as quais possibilitam perceber amplamente os vários desafios que o mundo impõe. Acredita-se que, dessa forma, o jovem adotará uma postura consciente e autônoma perante os problemas reais. Ao conhecer a

⁵⁶ EMITI: Ensino Médio Integral em Tempo Integral.

amplitude da problemática das mídias, a tomada de consciência é primordial para evitar os possíveis processos de alienação, pois, de acordo com Jonathan Crary (2014):

Mesmo na ausência de qualquer compulsão, escolhemos fazer o que nos mandam fazer; permitimos que nossos corpos sejam administrados, que nossas ideias, nosso entretenimento e todas as nossas necessidades imaginárias sejam impostos de fora. Compramos produtos que nos foram recomendados pelo monitoramento de nossas vidas eletrônicas, e voluntariamente deixamos feedbacks para outros a respeito do que compramos. Somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância (CRARY, 2014, p.35).

A consciência desse processo é fundamental para o desenvolvimento da cultura digital, assim é possível falar de alguma autonomia e de alguma liberdade autêntica, caso contrário, não bastará magníficos discursos e interpretações despojados de efeitos concretos. A Filosofia, enquanto disciplina do Ensino Médio, carrega essa responsabilidade de criar condições para que os jovens desenvolvam, não somente competências que estão estreitamente ligadas com os princípios do mercado, mas, antes de tudo, desenvolvam também a consciência dos múltiplos condicionamentos da história presente nas escolhas cotidianas. Com a tomada de consciência, acredita-se que é uma questão de preferência de cada indivíduo, a saber: viver de acordo com os padrões e submisso às determinações e autodeterminações que são cultivadas por fatores externos, ou, viver de acordo com as próprias contingências buscando pensar e agir com autêntica liberdade e autonomia, ainda que isso se configure como um processo contínuo, longe de ter um fim.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a história contemporânea, percebe-se que ela é marcada pela instantaneidade, por mudanças velozes, incertezas e ambiguidades. Realidade constituída, porém, não somente, por determinações da economia global que se manifestam pelos princípios de controle, eficácia, produtividade e consumo. Condição material que, em um primeiro momento apresentou-se aparentemente como ideológica, porém hoje são alicerces de uma cultura que se tornou real. É a partir dessa condição de certo ponto de vista problemática, que se deve analisar os vários conceitos abordados, os quais perpassam temas como a compreensão dos efeitos das mídias e sua função na formação cultural, as determinações da economia global sobre os modos de vida e o papel da filosofia no currículo escolar em tempos marcados por excessos de informação.

Ao que se refere às técnicas de informação e de comunicação em massa, mais especificamente às plataformas digitais, foram discutidas algumas perspectivas e interpretações de seus efeitos sobre a formação cultural. Percebe-se que estas tecnologias são instrumentos que facilitam a vida de uma boa parte dos cidadãos contemporâneos e permitem (não universalmente) o acesso à informação. Porém, elas também são eficientes instrumentos de manipulação da consciência e de controle. Logo, compreender que os efeitos dessas técnicas sobre o comportamento das pessoas e sobre a cultura são relativos, e que a melhor postura para evitar uma estigmatização sobre o assunto é entendê-las como objeto de permanente discussão. Como exemplo dessa ambiguidade são os próprios algoritmos, criados para evitar o excesso e o colapso da informação, esta ferramenta em muitos casos pode ser uma ótima solução para filtrar e direcionar as informações de acordo com os interesses dos usuários das plataformas digitais, mas, em outras situações, provocam efeitos distintos, assim como, as “bolhas” digitais, as quais levam os usuários a caírem em uma ilusão de que todos pensam como ele ao replicar informações semelhantes às próprias convicções.

No entanto, visto que essas técnicas informacionais vieram para ficar, é possível pensar que a solução para esse tipo de problema pode estar na mesma lógica tecnológica, pois, por incentivo das empresas ou por meio de exigência do poder público, no caso das “bolhas” é possível disponibilizar aos usuários das plataformas digitais um mecanismo para dar autonomia de escolha sobre as informações e conteúdos que desejam consumir, assim possibilitando a consciência desse direcionamento ao permitir mais transparência dessa personalização.

Além disso, é de conhecimento de muitos que, ao longo da história, a economia sempre determinou os modos de vida dos seres humanos e as diretrizes para a formação dos novos indivíduos. Isso é visível quando se analisa as funções das instituições de ensino nos vários períodos da história do conhecimento humano, pois a produção econômica é marco central ao pensar no desenvolvimento de um modelo de formação, uma vez que as mudanças na organização econômica significam transformações também nos modos de viver, nos valores, e, conseqüentemente, nos princípios educacionais de determinada época. Pensa-se em uma educação para formar uma sociedade e indivíduos para a sujeição segundo os princípios de uma economia marcada por muitas formas de exploração, seja para uma economia feudal ou para a capitalista. A partir dessa última, desenvolve-se o princípio de uma educação disciplinar marcada pelos modelos de produção *fordista* e *taylorista*, e, atualmente pensa-se em formar um indivíduo com competências e habilidades específicas atendendo às necessidades do modelo econômico atual e assim inserir parcialmente os jovens no mercado de trabalho. Isso faz-se transparecer nas metodologias e nos princípios da educação integral abordados neste trabalho.

As metodologias integradoras têm o objetivo primordial de favorecer o protagonismo juvenil e, a partir dele, desenvolver competências específicas nos jovens, como o autoconhecimento, a abertura para o novo, a resolução de problemas e o pensamento crítico. Contudo, a partir da compreensão da sociedade do desempenho, percebe-se que essas são competências básicas do indivíduo auto explorador, o qual se caracteriza pelos princípios de resiliência, multitarefa, pró-atividade, empreendedorismo e competitividade. O sujeito com essas características vive a ilusão de liberdade e serve a dinâmica do mercado global. Porém, assim como existe o lado obscuro desse tipo de formação, contraditoriamente, percebe-se que o indivíduo que desenvolveu estas específicas competências tem maior capacidade de ter certo distanciamento de sua própria realidade, fazer uma reflexão crítica e tomar consciência desses fatores. Condição esta que pode provocar o deslocamento do sujeito e possibilitar uma mudança de postura e, dessa forma, experimentar um modo de viver mais alinhado às suas escolhas autênticas.

A partir dessa perspectiva, cabe ressaltar a especificidade que a disciplina Filosofia apresenta, ou seja, é um processo de ensino que valoriza o saber de cunho reflexivo, contemplativo e exige do sujeito o distanciamento para compreender a própria realidade histórico espacial, assim despojando o indivíduo do encantamento de suas concepções, desnaturalizando verdades pré-concebidas e abrindo espaço para outras possibilidades de interpretações, de conhecimentos e de modos de vida.

Para isso, a presente prática de ensino de Filosofia aprimorou certas competências nos estudantes, sempre abrindo espaço para a autorreflexão crítica com a intencionalidade de evitar possíveis equívocos. É relevante a preocupação em formar as competências cognitivas e socioemocionais no jovem do atual século, principalmente quando se compreende que o tempo e o espaço contemporâneo apresentam-se com uma mobilidade nunca antes percebida na história da humanidade. A formação dos jovens, nessa perspectiva, é possível em um processo de ensino que confere valor ao protagonismo juvenil e na qual a atividade pedagógica, que almeja o desenvolvimento integral, centraliza os esforços em reconhecer a realidade material dos estudantes, compreendendo-a e colocando-a como ponto de partida. Os objetivos e as experiências de vida de cada estudante assumem papel fundamental para que seja possível falar em currículo articulado e formação integral.

A partir deste trabalho, percebe-se a necessidade do professor ser um pesquisador porque o processo investigativo viabiliza o atendimento às demandas dos processos educativos. Com isso, o docente terá maior desenvoltura para articular os diversos conhecimentos e saberá utilizar as circunstâncias de cada momento para instigar, de forma crítica, o desenvolvimento das competências, como, por exemplo, o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Ludwig W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ADORNO, Theodor Ludwig W. *Educação após Auschwitz*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Disponível em: <https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- ARELLANO, César Alcazar. *Byung-Chul Han y la positivización de la sociedad: el sentido, la verdad e la libertad en la era digital*. Argumentos de Razón Técnica, nº19, 2016, p.179-191.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BORNHEIM, Gerd. *O Conceito de Descobrimento*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CRARY, Jonathan. *24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia: como problema filosófico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CESTARI, Maria Elisabeth. *Agir comunicativo, educação e conhecimento: uma aproximação ao pensamento de Habermas*. Revista Brasileira Enfermagem. Brasília, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v55n4/v55n4a12.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2016.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *O protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador*. Belo Horizonte: Universidade, 2001.
- D'ANCONA, Matthen. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DEWEY, John. *Experiência e educação*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. *A Filosofia em reconstrução*. São Paulo: Nacional, 1958.
- DUTRA, Jorge da Cunha; GOTO, Roberto. *O filosofar, hoje, na pesquisa e no ensino de filosofia*. Vol.2. Blumenau: IFC, 2018.
- FÁVERO, Altair Alberto. *Violência da positividade e educação: da cultura do tédio à promoção da cultura do sentido*. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/16656>. Acesso em 20 jul. 2020.
- FILHO, Demócrito Reinaldo. *Como os países asiáticos utilizam a tecnologia para combater a epidemia do coronavírus*. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/80616/como-os-paises->

asiaticos-utilizam-a-tecnologia-para-combater-a-epidemia-do-coronavirus. Acesso em: 21 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (orgs). *Filosofia do Ensino de Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. *No Enxame: Perspectiva do Digital*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas formas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

_____. *Sociedade da Transparência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Vozes, 2015.

_____. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Vozes, 2017.

_____. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

INNERARITY, Daniel. *A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia*. Trad. João Pedro George. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

INSTITUTO AYRTON SENNA. *Metodologias integradoras: Diretrizes para a política de educação integral no ensino médio*. São Paulo, 2017.

_____. *Princípios da educação integral: Diretrizes para a política de educação integral no ensino médio*. São Paulo, 2017.

_____. *Modelo pedagógico: Princípios, metodologia integradoras e avaliação da aprendizagem*. Rio de Janeiro. AMI Comunicação & Design, 2014. Disponível em: <http://educacaoec21.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Modelo-Pedag%C3%B3gico-Caderno-2-Modelo-Pedag%C3%B3gico-princ%C3%ADpios-metodologias-e-avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LIPOVETVKY, Gilles. *Metamorfoses da Cultura Liberal: ética, mídia e empresas*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____. *A Sociedade da Decepção*. Barueri: Manole, 2007.

_____. *O Império do Efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

KANT, Immanuel. *Lógica*: [Excertos da] Introdução. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Trad. Artur Morão. Universidade da Beira Interior. Covilhã: LusoSofia, 2009. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kant/1800/mes/logica.pdf>. Acesso em 24 maio 2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

OLIVEIRA, Geilson Fernandes. *A sociedade do desempenho e suas urgências*. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/2790>. Acesso em: 02 set. 2020.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCRAMIN, Paula Manzotti. *Como facilitar um World Café?* Disponível em: <https://medium.com/@paulamanzottiscramin/como-facilitar-um-world-café-b44a1a2ff336>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SCIULO, Marília Mara. *5 Redes sociais das antigas para matar as saudades*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/11/5-redes-sociais-das-antigas-para-matar-saudades-ou-conhecer.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zshsr, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Rodrigo Aguiar da. *Polarização política digital: a contribuição das redes sociais na divisão sociopolítica em bolhas informativas e as consequências para a ciberdemocracia*. Anais do 5º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede (2019). Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgd/congresso-direito-anais>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maíke Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. *Sobrevivendo nas redes: guia do cidadão*. São Paulo: Moderna, 2018.

TONIN, Juliana. *O espetáculo não é o coveiro da razão: mídia e autonomia em Gilles Lipovetsky*. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, 2014, p.1-15.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia e Circunstâncias*. Rio de Janeiro. Civilizações Brasileiras, 2002.

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/byung-chul-han.htm>. Acesso em: 30 abr. 2020.

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095. Acesso em: 30 set. 2020.

<https://blacklivesmatter.com/about>. Acesso em: 25 out. 2020.

<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajude-o-hospital-santa-cruz-de-canoinhas>. Acesso em: 21 jan. 2021.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/canoinhas/panorama>. Acesso em: 14 mar. 2021.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20844-10-da-populacao-concentram-quase-metade-da-renda-do-pais>. Acesso em: 15 mar. 2021.

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2018/03/08/interna_tecnologia,664835/fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras.shtml. Acesso em: 16 abr. 2021.

ANEXOS

Anexo 01: Questionário sobre o perfil dos estudantes.....	100
Anexo 02: Gráficos dos dados da pesquisa sobre o perfil dos estudantes.....	101
Anexo 03: Mapas conceituais produzidos pelos estudantes a partir da leitura do texto.....	107
Anexo 04: Imagens das atividades em sala de aula.....	109
Anexo 05: Produção dos estudantes sobre as notícias nas redes sociais.....	110
Anexo 06: Pesquisa de apropriação de resultados e avaliação extraída por meio de formulário no Google.....	114

Anexo 01: Questionário sobre o perfil dos estudantes

- 1 – Idade?
- 2 - Gênero?
- 3 - Endereço: Cidade, bairro e rua?
- 4 - Renda Familiar?
- 5 - Renda per capita?
- 6- Possui *Smartphone*?
- 7 - Tem acesso à Internet?
- 8 - Onde você tem acesso à internet? (Casa, escola, no próprio *Smartphone*...)
- 9 - Possui rede social?
- 10 - Quais redes sociais você mais utiliza?
- 11 - Em quais horários você acessa as redes sociais? (Se necessário diferencie os dias de semana dos finais de semana)
- 12 - Além das redes sociais, quais *sites* você acessa cotidianamente? Para quê?
- 13 - Para que você mais utiliza as redes sociais? (Comunicação, fotos, notícias, informação sobre o quê? Outros)
- 14 - Você considera que as redes sociais influenciam nossa percepção de mundo e nosso comportamento? Se sim, cite exemplos.
- 15 - As influências das redes sociais, para você, são contribuições positivas ou negativas? Justifique!
- 16 - Você já identificou alguma enfermidade psicossomático em você mesmo, além do normal? (Ansiedade, dificuldade de atenção...)
- 17 - Você foi diagnosticado com algum sintoma/doença psicossomática?

Anexo 02: Gráficos dos dados da pesquisa sobre o perfil dos estudantes

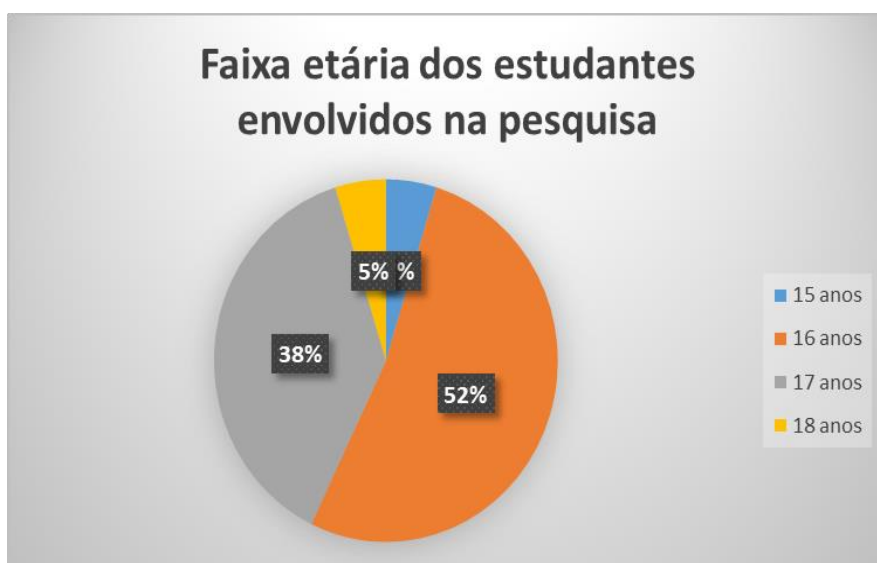


Gráfico 1

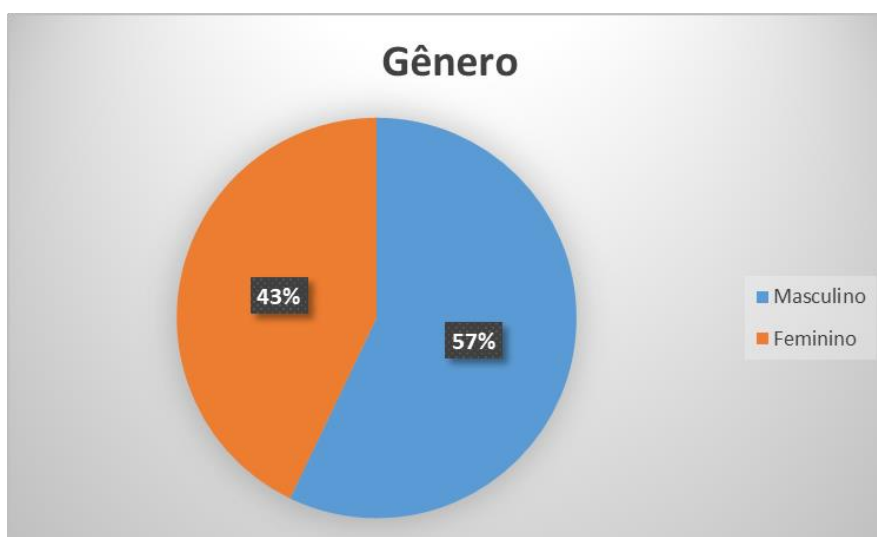


Gráfico 2

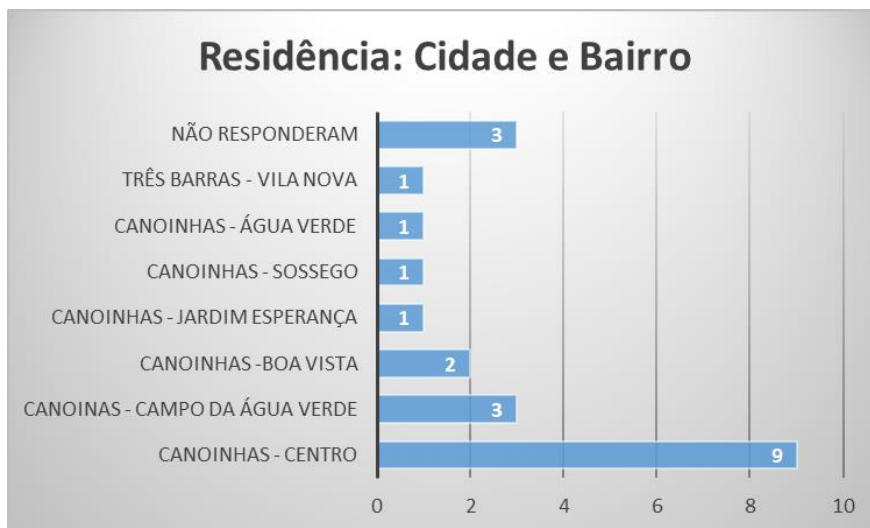


Gráfico 3

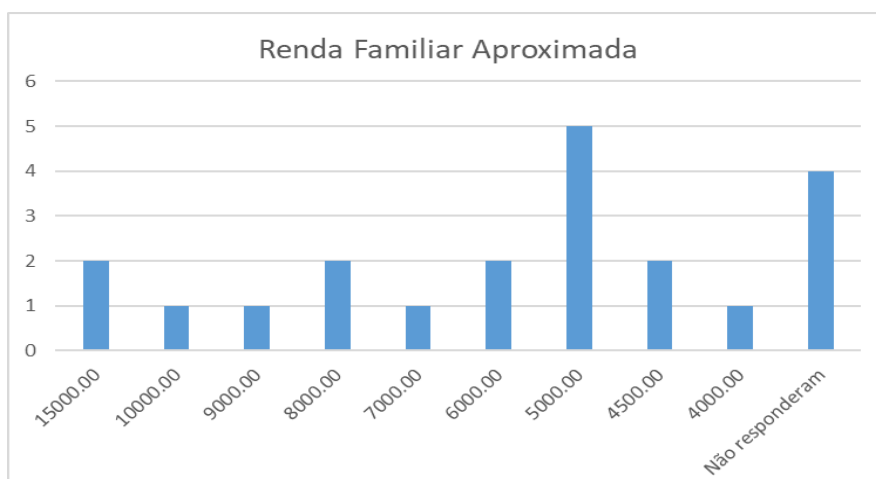


Gráfico 4

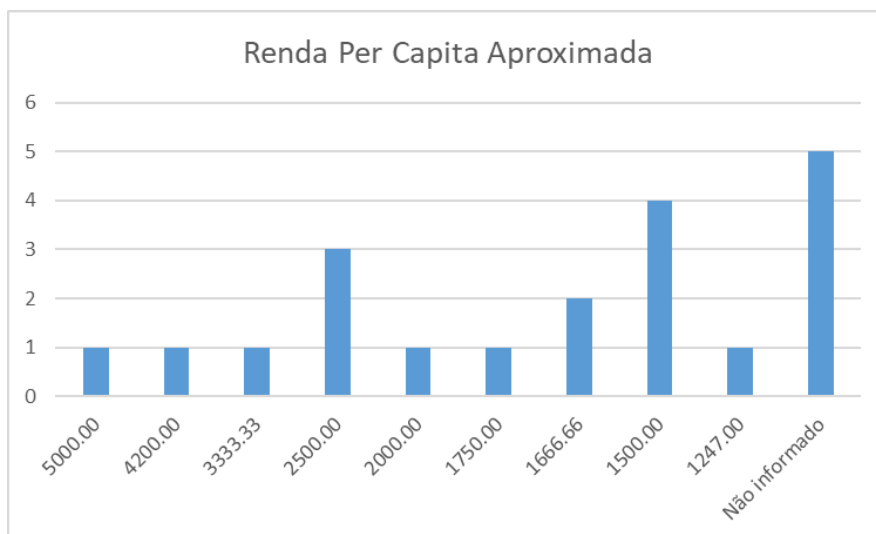


Gráfico 5

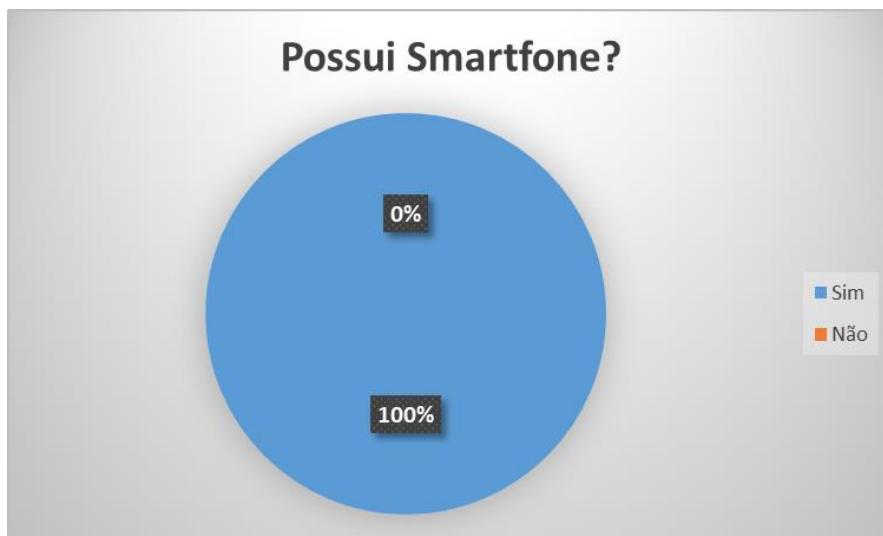


Gráfico 6

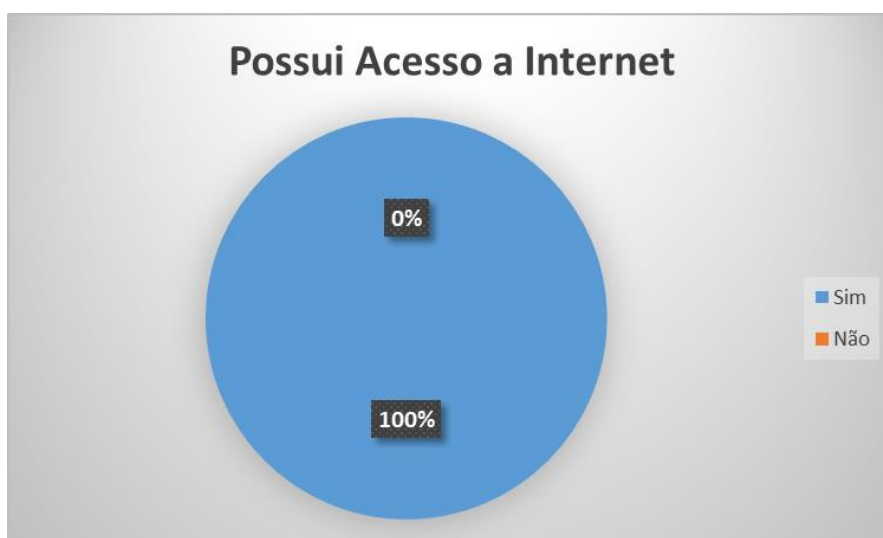


Gráfico 7

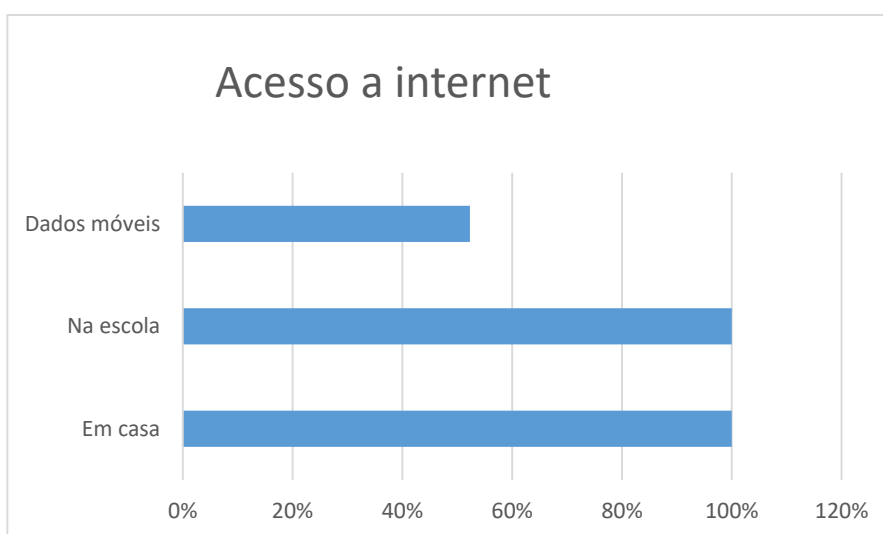


Gráfico 8

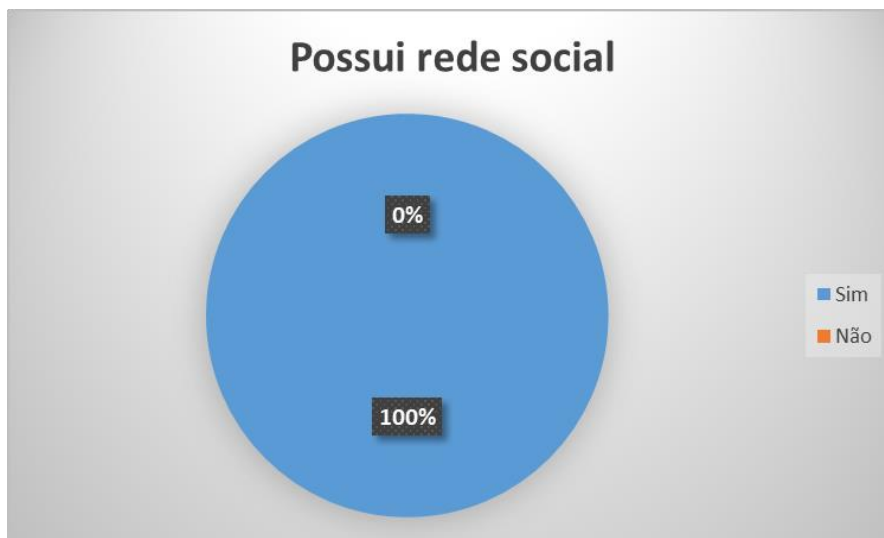


Gráfico 9

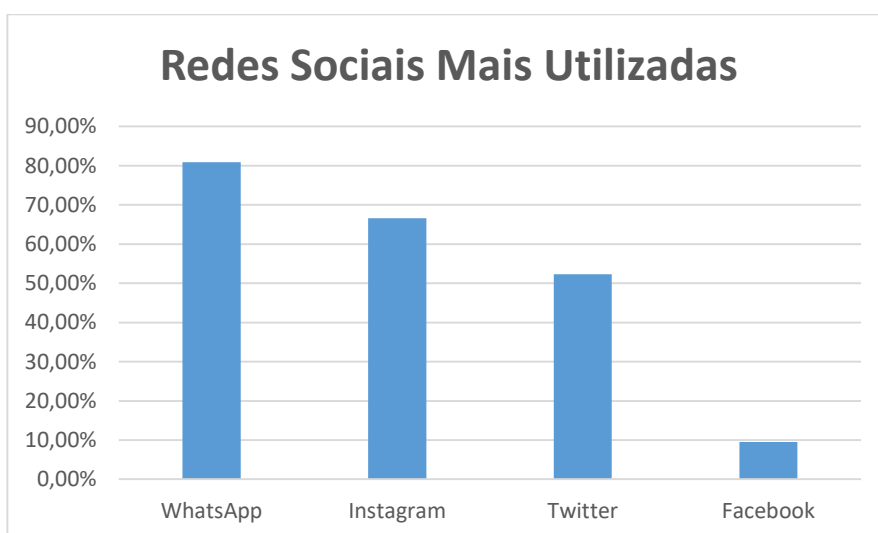


Gráfico 10

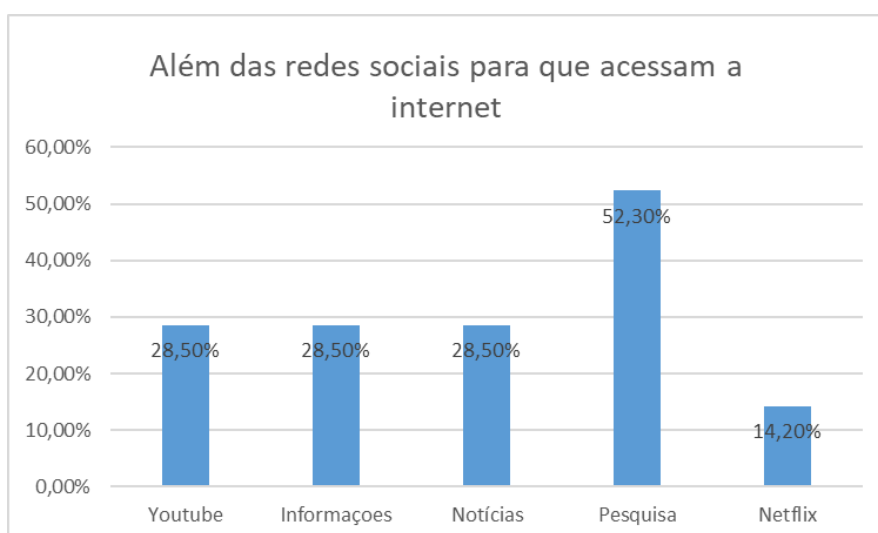


Gráfico 11



Gráfico 12



Gráfico 13

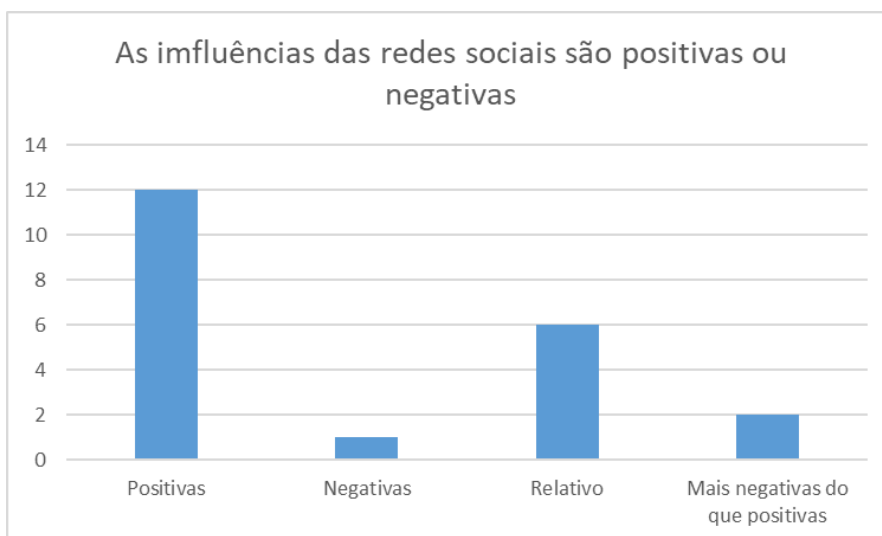


Gráfico 14

Você já identificou alguma enfermidade psicossomático em você mesmo, além do normal? (ansiedade, dificuldade de atenção e entre outras)

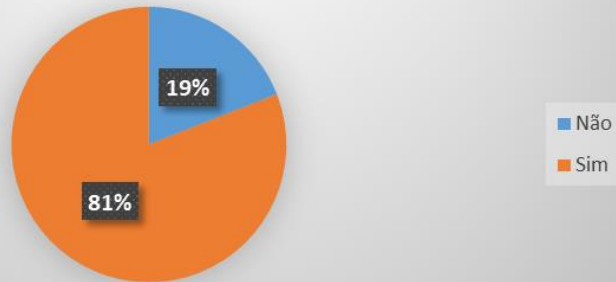


Gráfico 15

Diagnosticos de sintoma/doença psicossomática

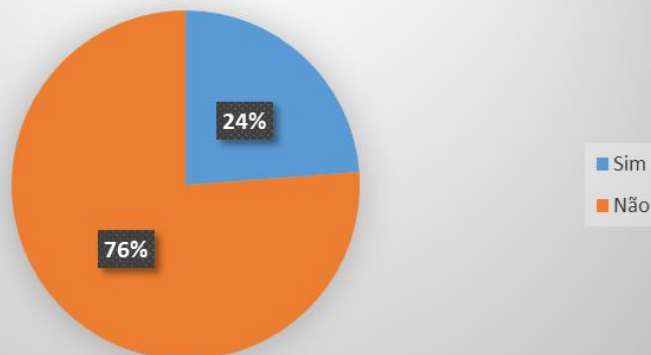
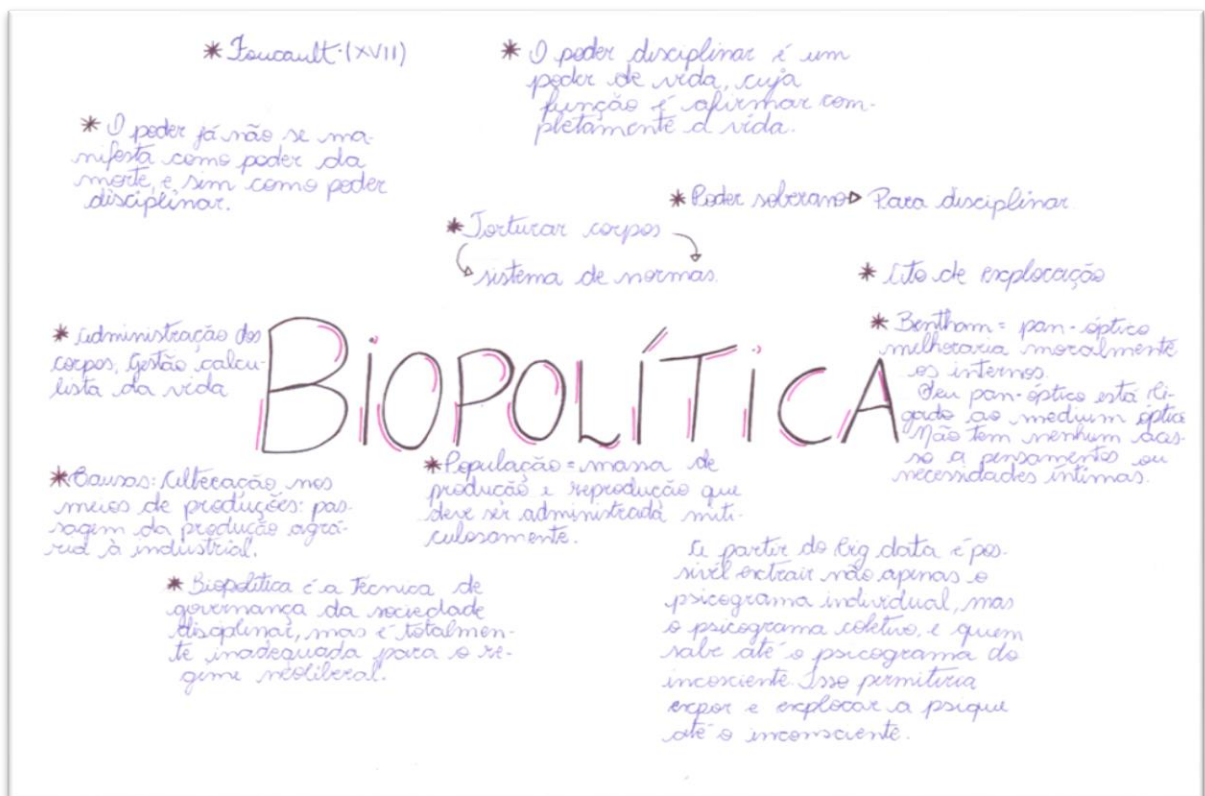


Gráfico 16

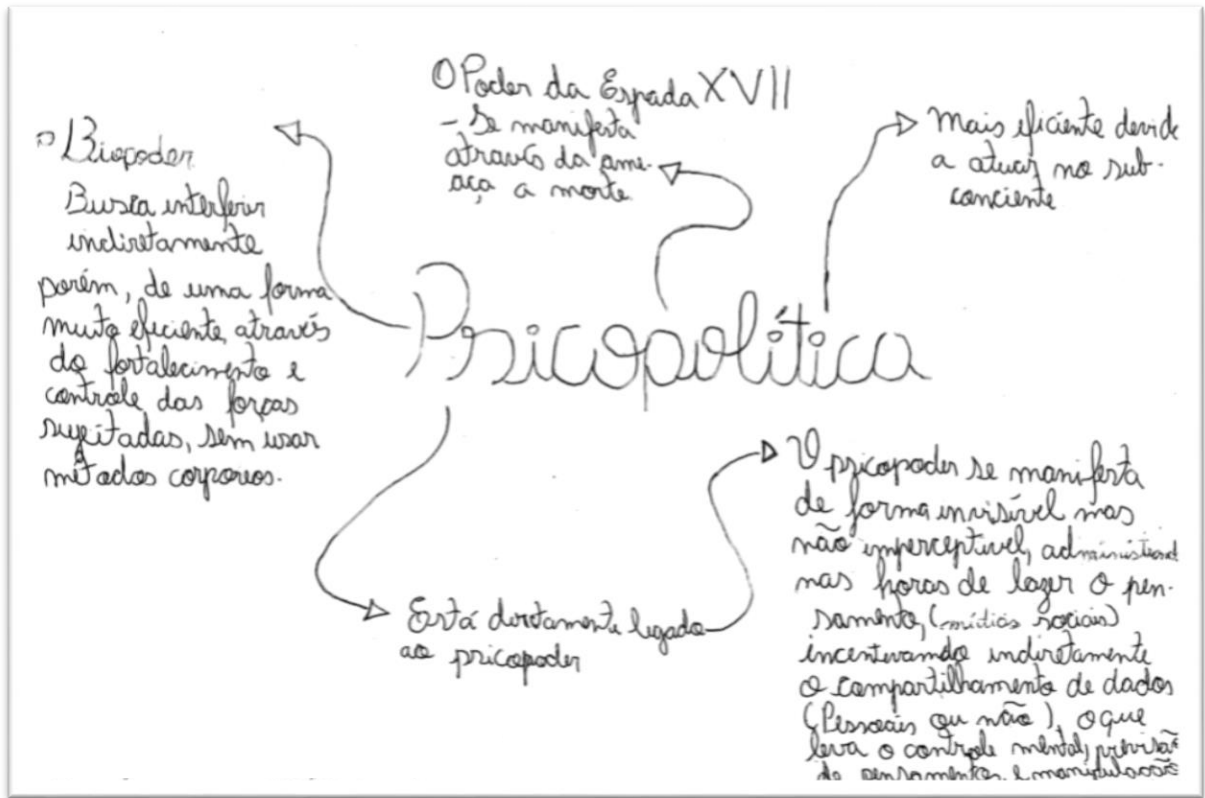
Anexo 03: Mapas conceituais produzidos pelos estudantes a partir da leitura do texto



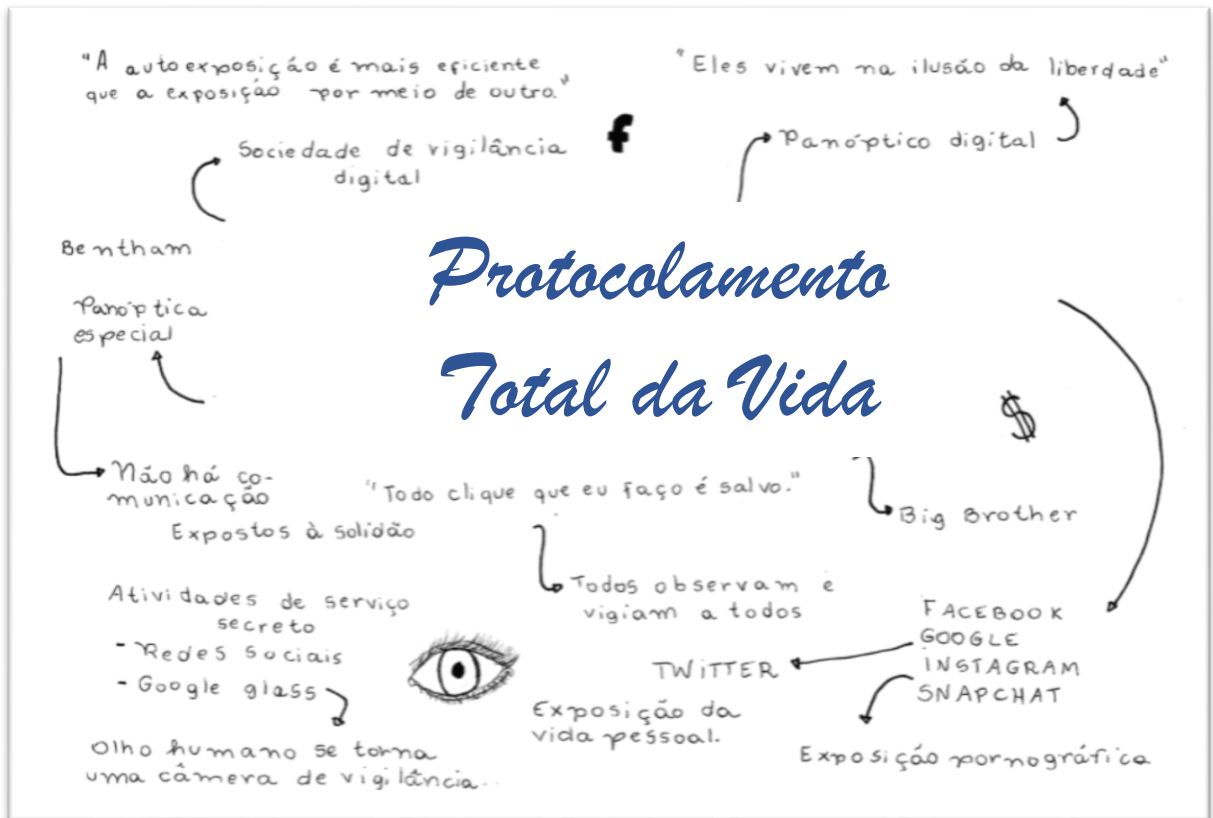
Mapa Conceitual 1



Mapa Conceitual 2



Mapa Conceitual 3



Mapa Conceitual 4

Anexo 04: Imagens das atividades em sala de aula



Imagem 1



Imagem 2

08 DE NOVEMBRO DE 2019

JORNAL MADUKE

Instituição Gonçalves Silva

DEEPPFAKE- TECNOLOGIA DISRUPTIVA.

"DEEPPFAKE no
Brasil -
prepare-se
agora".



ESCOLA ALMIRANTE ENTRARÁ EM FÉRIAS ANTECIPADOS.

Escola de Canoinhas
SC, estará entrando
de férias dia
17/11/2019.

Em tempos de inteligência artificial (IA) essa premissa chega até ser perigosa. o poder de convencimento da chamada deepfake (vídeos manipulados) tem crescido e os casos mais comuns envolvem violência de gênero e uso de figuras públicas.

Essa tecnologia envolvem vídeos editados que geralmente mostram alguém fazendo ou dizendo algo que nunca fez ou falou. Alguns são mais toscos, mas há vídeos tão bem feitos que dificilmente percebemos que são cenas falsas.

O processo de edição não é novo, mas o uso de uma inteligência artificial cada vez mais avançada sim. Com ela, costuma ficar bem mais convincente em muitos casos. No meio do ano uma deepfake de Mark Zuckerberg foi criada propositalmente para uma exposição, mas quase convenceu que era ele mesmo.

Por sorte os deepfakes atuais ainda enfrentam problemas com o movimento da boca, dos olhos, com a textura do cabelo. isso pode ser útil ao caso que você receba um vídeo suspeito.

Tendo como exemplo algumas "vítimas" como Jair Mesias Bolsonaro, Barack Obama e o próprio Marck Zuckerberg.

RENATO ARAGÃO COMPRA MANSÃO DE R\$35 MILHÕES DE REAIS.

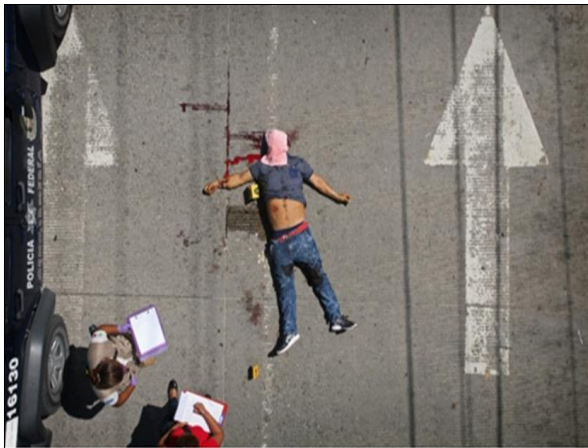
Instituição Gonçalves Silva.

Na última sexta-feira, 01, foi noticiado em dezenas de sites de entretenimento, que o comediante Renato Aragão, teria comprado uma mansão em torno de R\$ 35 milhões de reais, na grande São Paulo. O novo endereço teria três andares, uma piscina exclusiva e vinte vagas de garagem, além de uma piscina semi-olímpica e tubulação de banheiro com isolamento acústico.

Muita gente ficou horrorizada com o tamanho do novo lar do famigerado rei Didi.. Teve gente que questionou o valor do novo imóvel. A justificativa era que muita gente passa fome no mundo. Mas isso não é problema dele. Ninguém tem direito de falar uma vírgula do que o comediante faz com o seu dinheiro. Ele trabalhou desde muito jovem, seu dinheiro é honesto, paga seus impostos e não deve satisfação a ninguém.



Alunos
surpreendem
professor de
filosofia Miguel
Iachitzki com
trabalho impecável
sobre fake News.



ESTADÃO.COM.BR



Polícia Mexicana encontra 15 corpos decapitados em Acapulco

Internacional

Polícia Mexicana encontra 15 corpos decapitados em Acapulco

Indícios apontam para membros de cartéis de drogas como possíveis pelo crime

29 de agosto de 2016 | 10:00

ACAPULCO- Os corpos decapitados de 15 homens, estavam alinhados ao lado de suas respectivas cabeças foram localizados próximo a um centro comercial do balneário mexicano de Acapulco, informou a secretaria de Segurança Pública do Estado Mexicano de Guerrero (sul).

Os cadáveres estavam sobre a calçada próximo ao shopping. As vítimas tinham idade entre 25 e 30 anos. A região turística de Acapulco é alvo de crimes relacionados ao tráfico de drogas e a confrontos entre gangues rivais.

A Polícia Mexicana afirmou que junto dos cadáveres havia inscrições, um indício de que os autores do crime foram membros do Cartel de Sinaloa, sendo que no ano de 2015 o líder Joaquín Guzmán Loera (El Chapo) que em 2001, era o segundo homem mais procurado do mundo pelo FBI.

Não foi a primeira vez, contudo. Dois anos antes, caixas de isopor com gelo e 12 cabeças foram jogadas na pista de rolamento de uma estrada movimentada. Com a passagem dos carros em alta velocidade, as cabeças escaparam das caixas e se espalharam pelo asfalto.

Tudo o que sabemos sobre:

[Narcotráfico](#)

[Violência](#)

[México](#)

Notícia 3 V



ESTADÃO.COM.BR



Tentativa de ataque terrorista na Síria termina mal, criminoso não esperava por essa

Internacional

Tentativa de ataque terrorista em avião na Síria termina mal, criminoso não esperava por essa.

24 de julho de 2014 | 17:00

TURQUIA-O terrorista Ayman Al Zawahiri, de 28 anos, se diferenciou com sua criatividade na ideia de atentado, ele embarcou em um avião com destino a Turquia sem ninguém saber que se tratava de um homem-bomba.

Após a decolagem do avião, alguns passageiros escutam sons parecidos com explosivos vindo de partes íntimas de um homem, cujo o mesmo estava com um cobertor sob as pernas, mas não houve explosão nenhuma, pelo contrário, os explosivos falharam.

Quando o infrator percebeu que foi descoberto, saiu de seu lugar e foi andando disfarçadamente até o banheiro do avião. Os passageiros assustados, acabaram espancando e arremessando a cabeça do mesmo contra uma janela, ele acabou não resistindo aos ferimentos e morreu.

Os envolvidos na morte foram levados para prestar depoimentos, mas não foram prejudicados, apenas tiveram que passar por um auxílio psicológico, sendo liberados após alguns dias.

Tudo o que sabemos sobre:

[Ataque terrorista](#)

[Avião](#)

[Turquia](#)

Notícia 4 F

Fique alerta : cigarro eletrônico pode causar câncer

09/09/2019 09h49



Os cigarros eletrônicos, também conhecidos como e-cigarro, vape ou juul, estão na moda no mundo inteiro. Pessoas que querem parar de fumar, ou que nunca fumaram – como os nossos jovens adolescentes contemporâneos – encontraram nos e-cigarros uma fonte de prazer e por isso seu uso tem aumentado progressivamente. Parece que está havendo um certo glamour em acender; ou melhor, em “ligar” um vape ou um juul.

Muito cuidado, porém! O CDC (Center for Disease Control) e o FDA (Food and Drug Administration) dos Estados Unidos, instituições cuja credibilidade dispensam apresentações, fizeram um alerta grave: os cigarros eletrônicos podem ser responsáveis pelo aumento de casos de câncer pulmonar. Até o dia 30 de agosto, foram notificados 264 casos em 18 estados americanos.

Notícia 5 F

Policia de trãnsito de cartolina é furtado na Escócia

02/09/2019 13h28



Um policia de cartolina que havia sido colocado na rua para coibir infrações de trãnsito foi furtado na Escócia, segundo a policia local.

A cartolina, que foi batizada de Bob, tinha a foto de um policia em tamanho real empunhando um radar.

O objetivo era que os motoristas, ao verem Bob, com medo de levar multa, reduzissem a velocidade, diminuindo assim o risco de acidentes.

Mas na quinta-feira (29), no começo da tarde, alguém removeu Bob de seu posto de fiscalizaçã.

A policia de North East Fife apelou aos moradores que passassem informações que ajudem a localizar o "membro inestimável" da equipe.

Notícia 6 V

Professora é presa acusada após abusar de aluno



Fabiane Mendonça foi detida nesta sexta-feira (21), pela policia de Curitiba, no Paraná. A professora tem 24 anos e foi presa após supostamente abusar sexualmente de um aluno de 13 anos, no primeiro semestre deste ano.

Segundo a policia, ela teria dado o número do próprio telefone ao estudante e depois adicionado ele ao Snapchat, em julho. As primeiras mensagens foram enviadas ao estudante em agosto deste ano. Em uma delas, Fabiane diz: "Quero que você me toque". Cerca de 4 semanas depois, ela teria buscado o estudante na casa de um amigo, e o levado até uma via afastada, onde o crime foi cometido.

Durante seu testemunho, a professora até pediu desculpa para a vítima e para a família, mas disse que a atitude foi "fora de seu caráter" e que era uma "pessoa boa e genuína". Ela ainda culpou a mídia e disse que foi a imprensa que a desenhou como um "monstro". A advogada de Fabiane foi ainda mais longe e chegou a culpar o menino de 13 anos, ao dizer que ele "não era uma criança, mas um adolescente que sabia o que estava fazendo".

Notícia 7 F

Menino de 6 anos que economizava para ir à Disney usa o dinheiro para dar comida a vítimas do furacão Dorian



Jermaine Bell, de 6 anos, estava economizando para passar seu sétimo aniversário na Disney com a família. Depois que o furacão Dorian atingiu os Estados Unidos, entretanto, ele decidiu que usaria o dinheiro para comprar comida para as vítimas.

O menino esvaziou o porquinho que tinha em casa, comprou centenas de cachorros-quentes e os serviu, de graça, às pessoas que tinham ficado desabrigadas pelo furacão e passavam pela cidade onde estava com a avó - a pequena Allendale, na Carolina do Sul.

Ele abriu um carrinho de cachorro-quente ao lado de uma estrada movimentada na cidade e ofereceu água, batatas fritas e orações aos que escapavam da costa do estado. Ocupando o posto sombreado em um avental improvisado, Jermaine serviu mais de 100 pessoas na segunda-feira (2), seu primeiro dia de "trabalho". "Estou muito orgulhosa", disse Aretha. "Sabíamos que Jermaine era muito especial, mas não sabíamos que ele era especial por ser tão generoso assim.", mesmo que a generosidade de Jermaine não tivesse como objetivo algo em troca, ele acabou ganhando algo: uma viagem surpresa à Disney.

Notícia 8 V

Anexo 06: Pesquisa de apropriação de resultados e avaliação extraída por meio de formulário do Google

Apropriação de resultados e avaliação					
Carimbo de data/hora	Nome do estudante:	1. Quais são os possíveis critérios que devemos utilizar para identificar uma Fake News? Justifique porquê?	2. Como podemos identificar os mecanismos do psicopoder nas comunicações digitais? Justifique!	3. Para você, quais são as possíveis influências das informações das mídias digitais em nossa percepção de mundo e nosso comportamento? Comente!	4. Como você avalia as aulas referente ao conteúdo da filosofia sobre as informações das mídias digitais? Levante aspectos positivos e negativos.
29/11/2019 14:59:29	G. S.	Erros de ortografia, sensacionalismo e imparcialidade. Isso é importante, pois precisamos saber a veracidade dos fatos para não nos prejudicarmos e também para não acabar prejudicando outros.	Propagandas espontâneas de produtos recém vistos pelo usuário, vídeos e notícias favorecendo certos atos e até mesmo aumentando a visibilidade positiva de políticos.	Propagandas espontâneas de produtos recém vistos pelo usuário, por exemplo, o usuário entra em um site de roupas e posteriormente ao entrar em sua rede social, aquele mesmo produto é apresentado a ele.	Muito boas, pois apresentam diversos fatores para ficarmos atentos a notícias tendenciosas, para termos um melhor senso crítico. Pontos negativos seriam as parcialidades das notícias.
29/11/2019 15:04:06	M. N. M.	Norma culta, imparcialidade, ineditismo, sensacionalismo. Para não acreditarmos em falsos fatos que levariam a prejudicar terceiros de forma direta e indireta.	Por meio da tendenciosidade, se uma notícia tem viés econômico, político, relacionado a favorecer um dos lados envolvidos (mesmo que seja errado).	Consumo, ideias, ideologias e preconceitos. Uma bolha de influências e interesses é criada sobre nosso meio social para nos direcionar a consumir e/ou apoiar algo que interessa ou atende aos interesses de outrem.	Positivo: Senso crítico, duvidar de antemão, pesquisar. Negativo: Falta de imparcialidade em relação a um fato específico.
29/11/2019 15:11:21	A. J. R.	Norma culta, imparcialidade, ineditismo, sensacionalismo. São as formas mais clara de se identificar uma Fake News, pois são esses aspectos que agredem nosso inconsciente na	Tendenciosa (parcial), se uma notícia tem interesse de outros influenciadores (Política, Econômica, etc..), existe uma segunda intenção	Consumo de bens (marca), ideologia, forma de conversar (assuntos atuais) e preconceitos.	Positivas: Senso crítico, duvidar antecipadamente, melhor percepção do mundo, não ser alienado. Negativa: Falta de imparcialidade em certos casos.

		qual deixam-nos submissos as informações falsas (vulnerável).	com a divulgação desses fatos.		
29/11/2019 15:12:01	G. P. A.	Parcialidade, ineditismo e sensacionalismo são as formas mais clara de se identificar uma Fake News, pois são esses aspectos que agridem nosso inconsciente, os quais deixam-nos vulneráveis às informações falsas.	Tendenciosas, (parcial), se uma notícia tem interesse de outros influenciadores (Política, econômica, etc...), existe uma segunda interação com a divulgação desses fatos .	Consumo de bens (marca), ideologia, forma de conversar (assuntos atuais).	Positivos: Senso crítico, duvidar antecipadamente, melhor percepção do mundo, não ser alienado e negativo no sentido falta de imparcialidade em certos casos.
29/11/2019 22:10:09	G. F.	Os principais critérios são: - Pesquisar a fonte : buscar a mesma informação em outros sites confiáveis . - Conferir dados: analisar se os dados passados na notícia condizem com a realidade. - Nome do Autor: verificar o nome da pessoa que escreveu a notícia. - Estrutura do texto: observar erros de português e de formatação. - Autenticidade do site: olhar o histórico do site juntamente com outras notícias publicadas. -Manchete e fotos: verificar se a manchete e as fotos condizem com a realidade.	O psicopoder surgiu após o poder disciplinar, anteriormente Foucault analisa a sociedade como disciplinar, onde existe a domesticação do corpo. Já a sociedade do desempenho de Han apresenta uma filosofia sobre a domesticação da mente, na qual as comunicações digitais têm papel principal. Somos bombardeados de informações o tempo todo, existindo um processo de manipulação da mídia, onde somos levados a acreditar no que ela nos transmite. Identificamos estes mecanismos através de estudo e de reflexões, formando, assim,	Essa influência é notória, muitas vezes formamos nossa opinião sobre determinado assunto lendo o que jornais ditam para a sociedade. Como exemplo podemos analisar as Eleições de 2018 dos Estados Unidos, onde diversas notícias falsas foram espalhadas influenciando o debate em favor de um dos candidatos.	As aulas administradas no terceiro trimestre foram de total aproveitamento, se fosse para avaliar as aulas de 1 a 10 a nota com toda certeza seria a máxima. Aulas dinâmicas que instigava os alunos e principalmente várias reflexões sobre a sociedade do desempenho em que vivemos.

			uma opinião própria.		
03/12/2019 08:02:49	J. V. P.	Geralmente as Fake News trazem polêmicas atuais que muitas vezes afetam o psicológico das pessoas, lidando assim com seu inconsciente. Isso porque eles tentam te convencer através do emocional.	Podemos identificar através de nossas redes sociais, onde as empresas fazem uma pesquisa sobre a população através dos dados expostos na internet, conseguindo, assim, fazer produtos que agradem a maior parte da população e fazendo com que ela compre esse produto.	As mídias digitais têm forte influência em nosso comportamento, por conta de passarmos a maior parte do dia em um meio digital, essas informações moldam nossa mente de certa maneira, pois através dessa informação repetitiva estaremos nos comportando conforme as informações que recebemos	As aulas de filosofia foram dinâmicas e conseguiram agregar valor tanto no quesito filosófico, quanto em nosso cotidiano, fazendo, assim, com que tenham conhecimento de que podemos ser controlados pelas mídias e de como podemos questionar as Fake News. Durante as aulas houve uma grande participação da sala com o professor e conseguimos absorver as informações passadas, porém o que atrapalhou um pouco foi a questão dos horários de aula, onde ocorreram muitas faltas!
04/12/2019 09:38:38	F. V.	Escrita com falhas, dados extremamente exagerados.	Com a forma com que conduzem nossa mente para que acreditemos em uma Fake News.	Acho que estamos ficando a cada dia mais maleáveis em questão à descarga de informações diárias, e interfere em nosso comportamento por simplesmente não quereremos aceitar uma notícia.	Acho que tem mais valores positivos do que negativos por estarem nos preparando para julgar ou nos evitar a cair em uma notícia Fake novamente.
04/12/2019 09:41:05	A. B.	Escritas com falhas na ortografia e notícias extremamente rigorosas.	Na forma onde eles tentam enrolar nossa mente para que acreditemos na Fake News, por esse motivo podemos	A mídia, ela influencia muito a nossa mente e basicamente tudo que nós olhamos, acreditamos que é verdade devido ao	O conteúdo que apendi sobre o as mídias foi bom, mas já nas informações digitais foi um pouco estranho pois tem notícias

			identificar os mecanismos.	contexto ser muito rigoroso.	que são quase óbvias que são verdadeiras ou falsas.
04/12/2019 16:05:01	J. C. G.	Pensamento crítico para que possamos fazer uma análise do conteúdo que está sendo tratado.	Quando elas tentam nos influenciar e até mesmo alienar através dessas mídias.	Elas estão muito presentes em nosso dia a dia, então elas nos deixam alienados e fazem com que acabemos acreditando em coisas que muitas vezes não são verdade, assim tendo uma percepção errada e contraditória do mundo onde vivemos.	Acredito que só tiveram pontos positivos, pois entendemos melhor os conteúdos, e aprendemos melhor como analisar e julgar as notícias mais profundamente para uma melhor interpretação da informação repassada.
04/12/2019 23:29:32	C.	Sensacionalismo, gramática, data, lugar, se faz apelo a questões emocionais ou sociais.		Como é algo de fácil acesso, é muito fácil ocorrer a manipulação do pensamento das pessoas, onde suas opiniões podem ser construídas através de falsos argumentos na internet, geralmente de cunho político, econômico, social ou até mesmo religioso.	São boas, pois nos faz entender melhor as fake news e a manipulação que ocorre por conta delas, onde nos mostra que muitas pessoas podem ser influenciadas por uma informação falsa e nem perceber.
05/12/2019 14:06:50	C. D.	Identificar como está escrito, que tipo de vocabulário foi usado, a data, imagens.	Influências que temos pelas notícias.	Televisão, redes sociais...	Positivos que conseguimos ter mais conhecimento sobre o que acontece nas redes e negativo que muitas vezes acreditamos em histórias que não são verdadeiras.
05/12/2019 20:09:08	E. S.	A forma que está escrito, pontuação, vírgula, acentuação, pois assim podemos ver se algo foi modificado. Ver se é coerente com a	Nós somos muito influenciados pelas notícias seja elas falsas ou não, pois demora um tempo para se saber se é falsa. Como por	Pode influenciar na baixa autoestima da pessoa, no conceito de algo, muitas vezes faz bem para nós mesmos, mas sempre tem algo que nos deixa mal,	As aulas com assuntos atuais, foram boas, dinâmicas, abordaram assuntos totalmente diferentes umas das outras (notícias

		realidade da atualidade, pois vivemos em uma realidade avançada, mas também um pouco atrasada em alguns aspectos.	exemplo: se sair uma notícia fake de alguém famoso, nós iremos acreditar por ser algo chocante e por ser de alguém famoso, mas muitas vezes estamos enganados, pois pessoas que não tem um emprego decente fazem notícias falsas de pessoas que apenas estão vivendo sua vida é trabalhando duro.	será um aspecto que a mídia tem e percebemos que não temos. E no nosso comportamento, pois muitas vezes acreditamos em algo e em pouco tempo nossa opinião sobre tal pode ser mudada ou achamos que nosso comportamento está errado quando comparado com outro alguém influenciador.	diferentes) e a relação que os professores tiveram com os alunos foi muito legal, e também a sala ficou bem dividida quando era para escolher se era fake ou não, até mesmo os professores, acredito que os alunos e professores foram enganados pela fake News (infelizmente).
05/12/2019 21:38:21	A. J. G.	Conferir matérias anteriores para ver se possuem aspectos sensacionalistas fugindo do objetivo principal de informar.	Quando se vigia, controla e influencia o leitor/telespectador a acreditar em algo que não necessariamente seria o acontecimento, mas, sim, que se quer mostrar dele.	Ela seria a principal forma de influência, pois atualmente se possui a necessidade de estar conectado, assim possuindo as informações pelos meios de comunicação como verdade absoluta, desacreditando de tudo o que pode vir de oposto a essa bolha social.	Amei a didática diferenciada
06/12/2019 06:58:28	E. S. S.	Temas não muito comentados com títulos suspeitos, poucas imagens, escrita, avaliar a fonte, pesquisar o autor, etc.	Onde são muito explorados nas mídias ou pelo que encontram nas mídias, sem ao menos pesquisar e acharem que estão certos.	É impossível negar que passamos mais tempo em redes sociais do que fazendo qualquer coisa. Isso, de certo modo, nos deixa tão ligados ao mundo virtual, que esquecemos do real, de conviver socialmente. Segundo dados, a internet pode causar doenças mentais, como, por	Acho muito positivo, pois assim ficamos mais atentos às coisas do nosso dia a dia.

				exemplo, a depressão, onde você se isola de todos, causando muita tristeza e insatisfação. As mídias são tão influenciáveis, e isso nas mãos de uma pessoa maldosa é como um gatilho, a necessidade de ela postar comentários negativos sobre certas pessoas, pode levar até mesmo ao suicídio.	
06/12/2019 07:57:44	M. E. M. S.	Procurar melhor fontes confiáveis.	Como quase uma forma de alienação.	A mídia sempre está preocupada em postar informações até mesmo sem saber se aquilo realmente é verdadeiro, então acredito que qualquer um é influenciado por meio da mídia.	As aulas são boas, consigo ter um bom aproveitamento considerando um aspecto positivo.
06/12/2019 08:01:32	F. T. A.	Avaliar a fonte, o autor e o site, tem muitas fake que usam o nome parecido de sites originais por isso é importante observar se é o site correto.	Pesquisando através de site oficiais buscando vários sites e não somente um.	Quando a informação é correta traz pensamentos críticos e quando ver uma informação duvidosa buscar sempre fontes confiáveis, assim aprendemos a sempre buscar informações corretas e não acreditar em tudo o que vê.	Aulas boas consegui pegar o assunto através de explicação e do trabalho, não é um trabalho difícil de fazer e de apresentar assim consegue entender mais fácil o que estamos trabalhando.
06/12/2019 08:41:43	A. L. M. L.	Olhar em sites que sejam confiáveis, não somente em um site, mas em vários para ver se a notícia é verdadeira. Procurar critérios para verificar se	Através das propagandas que são feitas com pesquisas sobre os indivíduos através das redes sociais, conseguindo	As influências são grandes, pois como passamos grande parte do dia no celular e nas redes sociais, somos rapidamente influenciados por	Pra mim, os pontos positivos foram que foi um assunto fácil de compreender, fazendo com que a sala toda de certa forma participasse. E também fazer

		essa notícia é verdadeira ou não, assim como, pesquisar autor, fonte e analisar a estrutura do texto.	assim controlar o psicológico das pessoas.	fake news, e com isso passamos essas notícias adiante, fazendo assim com que essa notícia falsa se espalhe mais rápido e prejudique ainda as pessoas envolvidas nessa fake news.	com que nós aprendêssemos como identificar uma fake news.
06/12/2019 11:29:24	D. M. C.	Normalmente fake news são feitas por sites geralmente nunca conhecidos e sem fonte no final da matéria. Devemos utilizar uma pesquisa em vários sites para identificar se essa notícia realmente é falsa, pois se for real ela vai estar em todos os lugares.	Podemos identificar quando são muito imparciais e tentam influenciar pessoas. Uma característica do psicopoder é o poder de influenciar.	Ela influencia no nosso modo de pensar e em toda nossa volta.	Não lembro de filosofia haniana.
10/12/2019 09:44:01	M. S. J.	Os principais critérios no meu ponto de vista seriam pesquisar em mais de um local para ter certeza se a notícia é verdadeira. Entre analisar os dados de uma notícia, se seria possível acontecer, o local da ocorrência, quem está envolvido na situação e de onde a notícia foi tirada.	Através de quem está postando as (imagens, músicas entre outros meios de comunicação), pois a pessoa se torna o poder sobre a imagem, postando a legenda que quiser e a foto de seu interesse. Em alguns casos ocorre o bullying postando fotos inapropriadas de outra pessoa sem a conscientização do indivíduo. Podemos dizer ainda sobre os aparelhos de comunicações que atualmente exercem o poder sobre as pessoas, tanto em questão	As principais influências são os padrões de beleza, onde crianças, jovens e adultos se martirizam por não terem as roupas que são usadas por influências digitais, ou por não terem seus corpos de academia postados na internet. O modo de vestir, falar, as gírias e até o comportamento atual se baseia muito em redes sociais.	Muito positivo, pois, assim ficamos mais atentos às coisas do nosso dia a dia o que faz obter mais uma das competências do EMITI, o pensamento crítico. NEGATIVO: nada em si, talvez poderia ser um trabalho prático (tipo um teatro).

			de padrões de beleza, quanto em "não viver sem o celular"		
10/12/2019 12:13:28	D. H. S.	<p>Alguns dos critérios possíveis para analisar se a informação é real são: a ortografia correta (utilização de vírgulas, pontos, letras maiúsculas e escrita adequada), a presença da notícia em sites confiáveis e telejornais, observar a veracidade do título em conexão ao texto (manchetes exageradas podem influenciar a visão sobre o conteúdo) e averiguar se as imagens presentes na notícia correspondem com as características presentes no conteúdo da matéria. Esses critérios são apenas alguns que nos ajudam a perceber quando há presença de informações falsas que nos induzem a acreditar no que está escrito, já que são características básicas que devem estar presentes em todo e qualquer conteúdo informativo.</p>	<p>É possível identificar os mecanismos através da exploração da liberdade do indivíduo, onde, ao invés das mídias digitais nos capacitarem e nos tornarem pessoas críticas, nos tornam dependentes. Há maneiras diferentes do poder inteligente agir sobre as redes, incluindo a divulgação de Fake News, compras compulsivas, criação de locais virtuais atrativos que nos desviam do cotidiano real, onde a pessoa torna-se controlada por um aparelho eletrônico e, ainda, influências emocionais que buscam nos afetar de modo silencioso sem que seja percebido. Atualmente, é possível registrarmos pensamentos, emoções e ações nos meios digitais e, devido a isso, nasce um psicopoder onde é possível intervir</p>	<p>As mídias digitais vêm modificando nossa vida e nosso conhecimento. A dependência por celulares, computadores, televisão, etc. são vícios que podem afetar o nosso comportamento onde a informação gera cansaço, formando uma sociedade que possui fadiga da informação e problemas como o estresse e a ansiedade. Por gerar o cansaço de obter conhecimento, surgem informações em massa onde a percepção de mundo surge distorcida e manipulada por redes onde tudo é líquido e temporário. Nosso comportamento se torna dependente de uma máquina e nos torna escravos de uma era tecnológica onde tudo é incerto.</p>	<p>Avalio as aulas de forma positivas, pois a aula não possuiu aspectos negativos, sendo que o professor foi paciente em todos os momentos e, mesmo com aulas onde houveram muitos alunos ausentes, explicou o conteúdo com excelência, nos mostrando diferentes conceitos onde demonstram que, muitas vezes, as redes sociais nos influenciam. A aula nos fez desenvolver competências como o pensamento crítico durante a apresentação dos trabalhos, criatividade para desenvolvermos um mapa mental do assunto, além da responsabilidade, da resolução de problemas durante os debates em sala e a colaboração em grupo. Também nos mostrando que há formas de se ter filosofia de um modo mais dinâmico, onde todos possam compreender o conteúdo passado.</p>

			sobre a mente humana.		
12/12/2019 18:53:27	M. L. C.	<p>Verificar a ortografia.</p> <p>Fazer uma pesquisa em diversos sites para ver se coincidem, conferir se a fonte é confiável, pois sem essa certeza podemos levar notícias falsas à tona, enganando a si mesmo e cometendo uma calúnia.</p>	<p>Nas redes sociais, por exemplo, existem influenciadores digitais que como o próprio nome diz, acabam influenciando principalmente o público jovem. São pessoas cujo o meio de trabalho é mostrar o que acontece com sua vida por meio de aplicativos, como o Instagram. Essas pessoas tem uma mídia muito alta, então quando elogiam algum produto para o seu público, consequentemente e faz com que comprem.</p>	<p>Nas redes sociais, por exemplo, existem influenciadores digitais que como o próprio nome diz, acabam influenciando principalmente o público jovem. São pessoas cujo o meio de trabalho é mostrar o que acontece com sua vida por meio de aplicativos, como o Instagram. Essas pessoas tem uma mídia muito alta, então quando elogiam algum produto pro seu público, consequentemente faz com que comprem.</p>	<p>Acho muito interessante o conteúdo, pois é da atualidade, nos ajuda compreender a nossa mídia digital, nos mostra que como existem pessoas de bem, também existem pessoas que apenas querem prejudicar os demais. Não vejo lado negativo.</p>